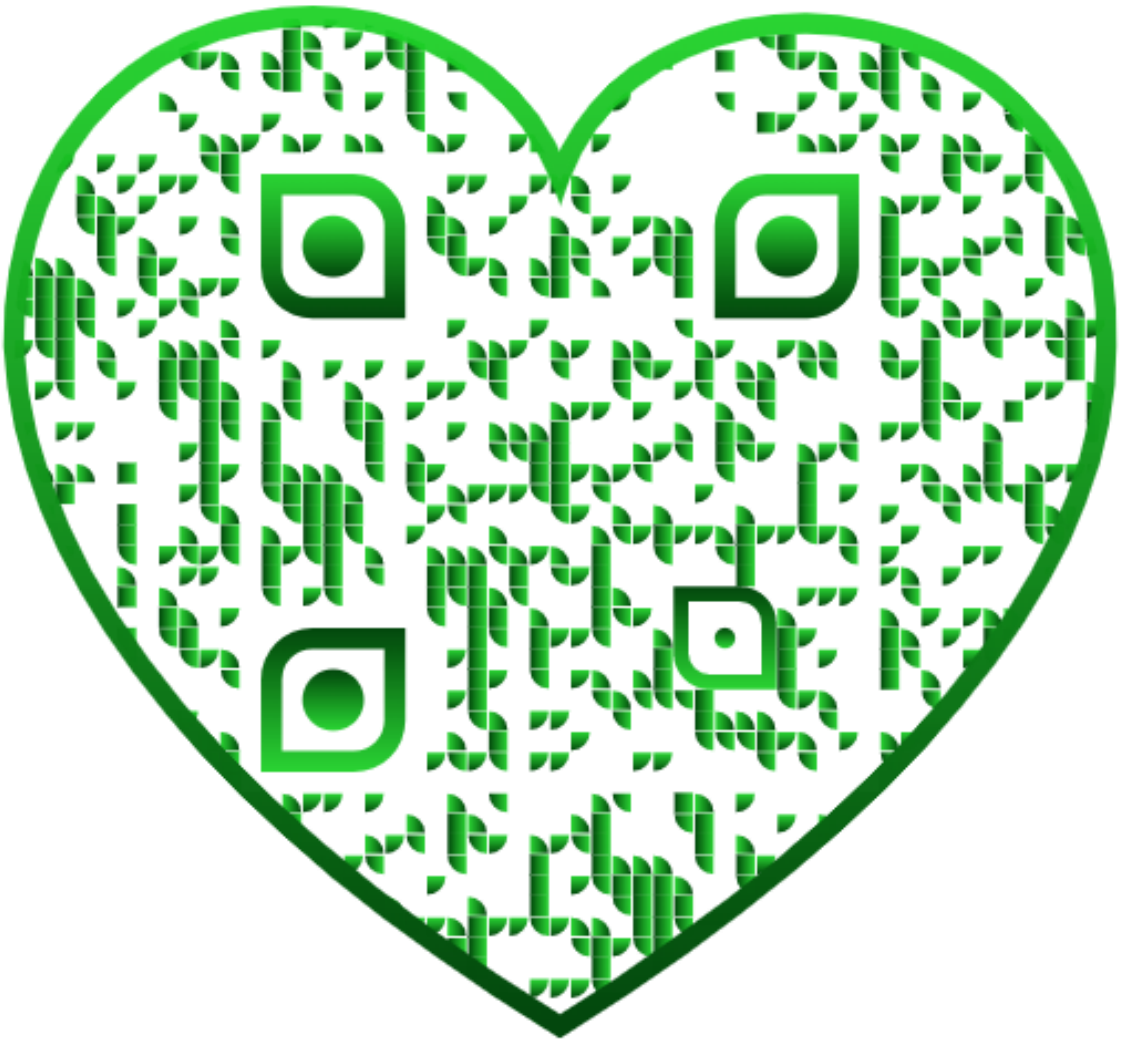
LOUD!

MENSAL
ANO XX
N.º 224
11/2019
€3.50
[CONT.]

ALCEST NORMA JEAN AGNOSTIC FRONT NILE
VOLBEAT CATTLE DECAPITATION GATECREEPER



E7M
ELEVEN SEVEN MUSIC

BAD WOLVES

THE NEW ALBUM
N.A.T.I.O.N.
OUT NOW!

Spotify · amazon music · deezer · iTunes Store · Apple Music

E7LG.com · @elevensevenmusic · @eleven7music · @eleven7music · @elevensevenmusic

---

PURENOISE.MERCHNOW.COM

PURENOISE.MERCHNOW.COM

MICROWAVE
DEATH IS A WARM BLANKET
AVAILABLE NOW!

SEEYOUSPACECOWBOY
THE CORRELATION BETWEEN ENTRANCE AND EXIT WOUNDS
OUT NOW!

MOONSPELL
WITH VERY SPECIAL GUESTS
ROTTING CHRIST
+ SUPPORT ACT
04/11 - HARD CLUB - PORTO
05/11 - CAPITÓLIO - LISBOA
Season of Mist
RADAR DOSSONS
Prime ARTISTS

POETS
OF THE FALL
ULTRAVIOLET TOUR
EUROPE / FALL 2019
30 NOV · RCA CLUB · LX
BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS
www.primeartists.eu | fb.com/primeartists
For Pre-Show Upgrades go to
http://shop.poetsofthefall.com
»TICKETLINE
LOUD!
RCA CLUB

ALTER BRIDGE
WALK THE SKY TOUR 2019
SPECIAL GUESTS
SHINEDOWN
THE RAVEN AGE
06 DEZEMBRO
SALA TEJO
LISBOA
"WALK THE SKY", THE NEW ALBUM FROM ALTER BRIDGE, OUT OCTOBER 18.
TICKETS AND VIP MEET & GREETS AVAILABLE AT ALTERBRIDGE.COM
WWW.PRIMEARTISTS.EU | FB.COM/PRIMEARTISTS
ANTENA 3
fnac
»TICKETLINE
LOUD!
HAMMER

Ghost
THE ULTIMATE TOUR NAMED
DEATH
EUROPE 2019
CONVIDADOS
Alestorm
Trivulation
10 DEZEMBRO - SALA TEJO
WWW.PRIMEARTISTS.EU | FB.COM/PRIMEARTISTS
ANTENA 3
fnac
»TICKETLINE
LOUD!
HAMMER

EDITORIAL
JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

NO FIM ERA O FRIO

Os Mayhem estão, por fim, de volta às edições com um muito aguardado novo álbum de estúdio e nós não conseguimos arranjar forma mais adequada de assinalar a ocasião, e celebrar simultaneamente a existência de uma das mais influentes bandas da sua geração, do que puxá-los para a capa da edição de Novembro. Depois de vários anos passados na estrada a comemorar um dos lançamentos mais icónicos da música extrema feita nas últimas três décadas, o colectivo hoje formado por Necrobutcher, Hellhammer, Attila Csihar, Teloch e Ghul arranjou finalmente tempo para se sentar e escrever música nova, o que, neste caso, é sempre de louvar. Os Mayhem não são, como todos sabemos, gente propriamente prolífica no que a isto das edições diz respeito. Ou melhor, por um lado até devem ser porque, ao longo dos anos, têm invadido os escaparates com registos ao vivo, sendo uma das bandas do seu estilo que mais edições do género tem no fundo de catálogo. No entanto, não é propriamente disso que se fala aqui.

O «Daemon» é apenas o sexto longa-duração de estúdio de um dos nomes mais badalados de sempre saídos do black metal e, como não será difícil de perceber, a cada vez que se dignam a presentear os fiéis com música nova, não há mesmo como não lhes prestar atenção. Foi assim com o «Wolf's Lair Abyss», de 1997, que marcou o retorno à actividade depois da banda ter perdido dois dos seus elementos mais determinantes; foi assim com o «A Grand Declaration Of War», que provou que não eram um *one trick pony*; e foi sempre assim com os álbuns que editaram desde então, do «Chimera» ao «Esoteric Warfare», passando também pelo hermético «Ordo Ad Chao». Pelo caminho, os músicos, fosse qual fosse a configuração do colectivo, mostraram sempre uma vontade enorme em progredir, quiçá para não ficarem demasiado presos ao legado ou, quem sabe?, para se afastarem da pressão inerente ao facto de carregarem um álbum icónico na bagagem.

Pelo estatuto que têm, os Mayhem têm sido, e serão sempre, de resto, alvo de escrutínio. Depois de, em 1987, ter gravado o selvático EP «Deathcrush», um apontamento mais curioso pela intensidade volátil da descarga do que propriamente pela qualidade da composição ou execução, a banda de Oslo sofreu várias mudanças profundas e, quando o primeiro longa-duração foi finalmente editado uns longos sete anos depois, após um período intensamente polémico e conturbado que não faz grande sentido estar a recordar mais uma vez, percebeu-se de imediato que tinham dado o proverbial passo de gigante. Resultado da colaboração de Euronymous com Snorre "Blackthorn" Ruch, ele próprio outro pioneiro com os Thorns, o «De Mysteriis Dom Sathanas» elevou a um patamar superior de atmosfera mórbida uma sonoridade que ficaria para todo o sempre conhecida como *true norwegian black metal*.

Hoje o Necrobutcher diz que nunca se identificou com o movimento e, sobretudo enquanto o Blasphemer esteve no grupo, os Mayhem fizeram tudo o que estava ao seu alcance para quebrarem barreiras e conceitos, gravando álbuns progressivamente mais desafiantes e sufocantes, cerebrais ao ponto de quase se poder dizer que estávamos perante uma banda diferente, não só a nível de formação, mas também em termos de estética. Depois, quando o actual estratega dos VLTIMAS e Earth Electric abandonou o grupo para se dedicar aos seus projectos, foi como se, de repente, tivesse surgido o espaço necessário para se sentirem, de uma vez por todas, confortáveis com um passado que, feitas as contas, é genial. Talvez por isso, e também porque foi composto a seguir a terminarem a digressão celebratória do «De Mysteriis Dom Sathanas», o «Daemon» é o álbum em que, sem regurgitarem seja o que for do que fizeram no passado, se colocam mais próximos da sonoridade que, em 1994, os transformou numa das mais essenciais peças da segunda vaga do black metal. Sem ser um «De Mysteriis Dom Sathanas: Part II», o que temos aqui é, provavelmente, o disco mais Mayhem de todos os discos que os Mayhem fizeram desde o «Wolf's Lair Abyss».

LOUD!

N.º 224/ NOVEMBRO 2019

LOUD!
Sede do editor/redacção:
Rua Carlos Mardel, 32 - 3.º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 215816655

E-MAIL
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

NOTICIAS
[noticias@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DETENTORES COM MAIS DE 5% DO CAPITAL DA EMPRESA
José Miguel Rodrigues, José Carlos Santos, Bernardo Serralha, Pedro Oliveira, Signoff - Consulting Unipessoal, Lda.

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO / DIRECTOR ADJUNTO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

GERÊNCIA
Pedro Oliveira, Daniel Marujo

COLABORADORES
Carlos Guimarães, Cátia Nóbrega, Emanuel Ferreira, Fernando Ferreira, José Almeida Ribeiro, José Raposo, Luís Pires, Luís Rattus, Marta Louro, Nelson Santos, Pedro C. Silva, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque, Sónia Ferreira
Capa: Ester Segarra

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Stebba Ósk, Pedro Silva

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.
Sede do Impressor: Rua Quinta Conde de Mascarenhas, Lote 9, Vale Fetal, 2820-652 Charneca Da Caparica

DISTRIBUIÇÃO
VASP

ESTATUTO EDITORIAL
Disponível online em:
loudmagazine.net/estatuto-editorial

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE
#224

NOTÍCIAS 06

MARGINÁLIA E IMAGINÁRIO 08

ESPECIAL LUSOFONIA
HOURSWILL 10

ESPECIAL LUSOFONIA
SOUL OF ANUBIS 11

ESPECIAL LUSOFONIA
BLAME ZEUS 12

ESPECIAL LUSOFONIA
SCUM LIQUOR 14

ESPECIAL LUSOFONIA
MY MASTER THE SUN 15

ASSINATURAS 16

VOLBEAT 18

LOUD! DJ
ARCHAIC TOMB 20

BAD WOLVES 22

NORMA JEAN 24

ALCEST 26

SEEYOUSPACECOWBOY 28

MAYHEM 30

AGNOSTIC FRONT 36

CATTLE DECAPITATION 38

NILE 40

GATECREEPER 42

DISCOS 44

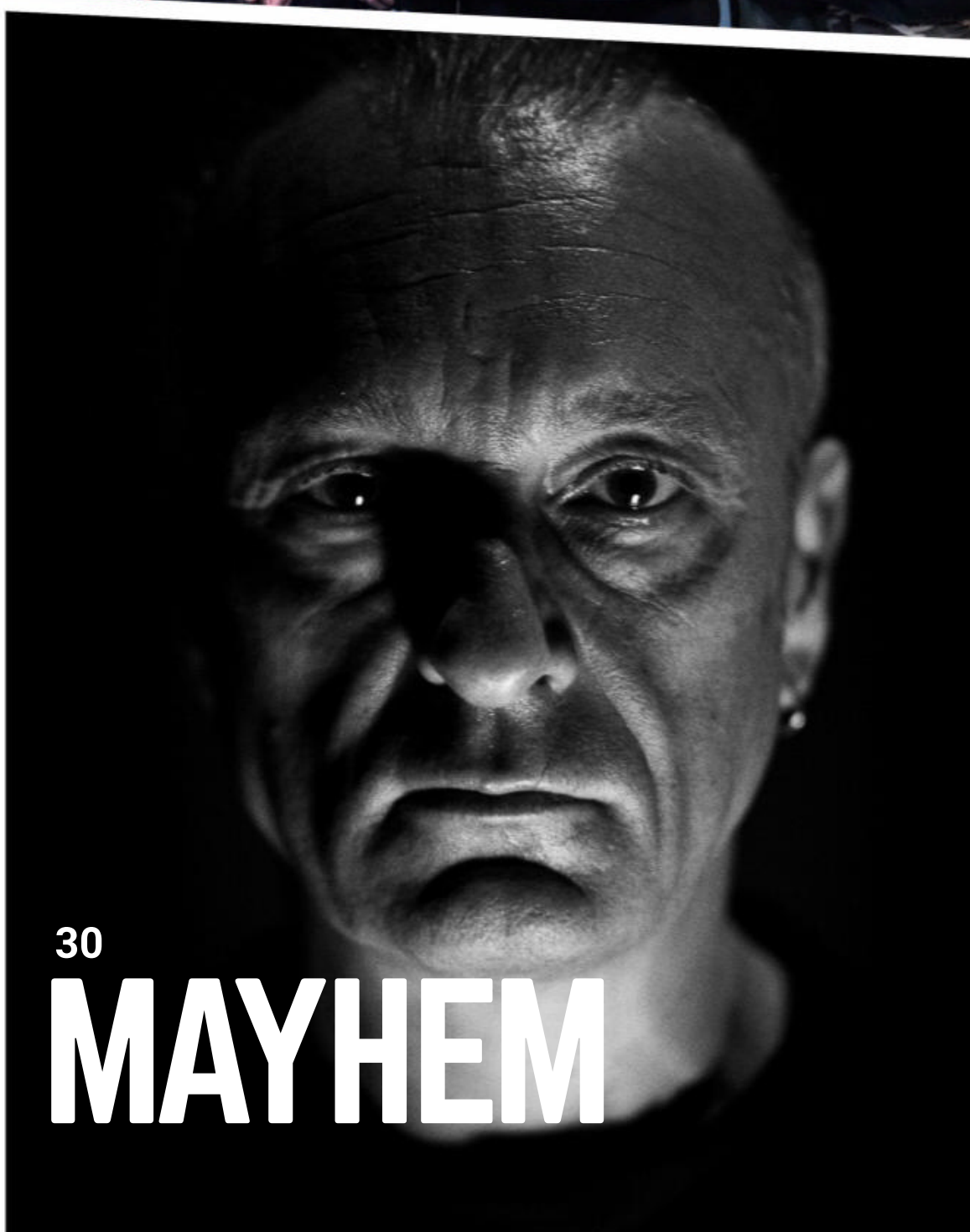
TESOURINHO PERTINENTE
THE NEW ORDER 53

LIVE & LOUD! 54

AGENDA 58

26
ALCEST

36
AGNOSTIC FRONT



30
MAYHEM

NOTÍCIAS

NOTICIAS@LOUDMAGAZINE.NET

FOTO: PEDRO ROQUE

WILDNORTHE

Está disponível **o disco de estreia dos nacionais WILDNORTHE. «Murmur»**, é assim que se chama o álbum, foi lançado numa **edição conjunta da Regulator Records e da Ragingplanet**, em formato CD, vinil e cassete. Neste longa-duração, **o agora trio, tendo adicionado recentemente o baterista João Vairinhos à formação ao vivo, constituído por Sara Inglês e Pedro Ferreira**, reforça o **enleante híbrido electrónico de darkwave/synth negro e experimental** que já estava bem patente na base do EP **«Awe»**, de 2015, e que tem granjeado elogios com várias aparições em palcos portugueses. Entretanto, a banda dos arredores de Lisboa já disponibilizou também um interessante **vídeo-clip para o single «Howler»**, que já pode ser visto no YouTube e nas redes sociais.

Já com um fundo de catálogo de respeito construído ao longo de décadas de luta, **quem também está de volta às edições são os SIMBIOSE**, os clássicos porta-estandartes do punk/crust em território nacional. **«Banalization Of Evil» é já o sétimo álbum** de originais da banda da Linha de Cascais e é composto por **doze temas inéditos que, nas palavras do vocalista Johnie, foram alimentados *"a raiva pela perda do nosso baixista e amigo Bifes"***. Nascido **Sérgio Curto**, o baixista da banda faleceu em 2018, vítima de um acidente mortal, "***num infortúnio difícil de ultrapassar e que nos obrigou a crescer, sendo que essa maturidade adquirida acabou por ter muita influência na forma como este álbum foi concebido***", como esclarece o músico. **Os SIMBIOSE apresentarão este novo trabalho ao vivo numa digressão** que, durante o mês de Outubro, andou pela Europa e, nos próximos tempos, passa pelo **Festival Alvalade Arise 2019** (09/11), pelo **Metalpoint** no Porto (16/11), pela **SMUP** na Parede (07/12) e pelo **Stereogun** em Leiria (14/12).

Os nacionais **TRINTA E UM celebram este ano duas décadas sobre a edição de «O Cavalo Mata»**, trabalho de estreia do grupo. Com a formação original reunida – **Goblin na voz, Sarrufo na guitarra e Rações na bateria**, – o colectivo de punk/hardcore subiu ao palco do RCA Club no passado mês de Junho. A actuação dessa noite surge agora em registo DVD, enriquecendo uma **edição celebratória do disco que, nos anos 90, demorou anos a ser editado porque ninguém queria apostar na banda**. A assinalar esta nova edição em CD e DVD, irá realizar-se um **concerto de apresentação no dia 14 de Dezembro, às 21:00, novamente no RCA Club, em Lisboa**. As entradas já estão à venda através da **UNKIND.pt** e custam apenas 10€, sendo que cada ingresso terá direito a uma cópia do CD/DVD «O Cavalo Mata».

Ainda na zona punk, **quatorze anos depois de lançarem «Order Not Government», o seu terceiro álbum, os ALIEN SQUAD estão de regresso às lides**. E com um novo álbum!, que será lançado no final deste mês através da **Rastilho Records**. **«Stand Your Ground»** é, segundo a banda, "***composto por temas antigos e músicas mais recentes, cobrindo uma linha de tempo de 1988 a... Quatro ou cinco anos atrás***, *digamos assim. Três músicas deste álbum foram trazidas à vida pela formação original, nos primeiros anos como banda, durante o período* ***«Alien Spider Webs»***. ***Estamos também felizes por termos finalmente gravado o nosso primeiro tema original, «Raging Boys Transformation»***". **«Stand Your Ground»** vai ser apresentado ao vivo num espectáculo que celebra também trinta anos de carreira, marcado para o dia **30 de Novembro, no Stereogun**, em Leiria.

Num ano em que já lançaram um disco colaborativo, **os barcelenses BLACK BOMBAIM fazem a dobradinha com uma parceria com João Pais Filipe**. **«Dragonflies With Birds And Snake» resultou do desafio do festival de cinema Curtas de Vila do Conde**, com o LP a registar o trabalho desenvolvido para o filme-concerto que, em 2018, juntou o trio barcelense e o percussionista para um espectáculo original em torno do filme homónimo, do realizador alemão Wolfgang Lehmann. Paralelamente, **está já confirmada também a estreia de «Black Bombaim»**, o documentário que registou o processo de trabalho para a criação de **«Black Bombaim w/ Luís Fernandes, Jonathan Saldanha e Pedro Augusto»**. **Com realização de Miguel Figueiras e argumento de Manuel Neto**, esta operação fílmica e sonora organiza-se numa trilogia, que é também a trilogia musical composta pela banda de Barcelos em processo de trabalho com três compositores distintos: **Pedro Augusto, Luís Fernandes e Jonathan Saldanha**. Estreia, este mês de Novembro, no **Porto/Post/Doc**.

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
COBALT – Slow Forever
DJEVEL – Ormer Til Armer, Maane Til Ode
GATECREEPER – Deserted
ORANSSI PAZUZU – Valoneilu
URFAUST – Ritual Music For The Orchard

JOSÉ CARLOS SANTOS
STRIGOI – Abandon All Faith
MISERY LOVES CO. – Zero
PILEDRIVER – Metal Inquisition
LANKUM – The Livelong Day
TEITANBLOOD – The Baneful Choir

PEDRO ROQUE
MY MASTER THE SUN – 1000 Ogivas De Fel Cairão Sobre Ti
POWERPLANT – People In The Sun
KIM GORDON – No Home Record
NICK CAVE AND THE BAD SEEDS – Ghosteen
PARASITE – Zankyo 残響

LUÍS PIRES
BLUT AUS NORD – Hallucinogen
BÖLZER – Lese Majesty
MY MASTER THE SUN – 1000 Ogivas De Fel Cairão Sobre Ti
VAABNET – Det Hellige Mod
ZONAL – Wrecked

MARTA LOURO
NICK CAVE AND THE BAD SEEDS – Ghosteen
DISTANT FEAR – Mortal Column
SHANNON WRIGHT – In Film Sound
OZ – Fire In The Brain
THORNS – Trøndertun

JOAQUIM PEDRO
DARKMOON WARRIOR – Angels Of Dirt & Beasts Of Rebellion
LEVIATHAN – Howl Mockery At The Cross (Demo)
MATA RATOS – '88
MARTELO NEGRO – Parthenogenesis
BLUT AUS NORD – Hallucinogen

★★★ OS TOPS DO JCS

10 MELHORES TEMAS DOS MAYHEM

I. Freezing Moon
II. Funeral Fog
III. Ancient Skin
IV. Cursed In Eternity
V. Buried By Time And Dust
VI. Deathcrush
VII. Pagan Fears
VIII. Carnage
IX. Anti
X. Completion In Science Of Agony, Pt. 2

R.D.P. + SIMBIOSE + GROG = P.B.O.

«**Fogueteiro Azeitão» marca a estreia do projecto P.B.O.**, que inclui na formação o **João Gordo, carismático vocalista dos brasileiros RATOS DE PORÃO, Johnie dos SIMBIOSE na bateria e Ivo Martins, dos GROG, como guitarrista convidado**. A estreia da banda está disponível num *single*, em vinil de 7" e edição limitada, que tem selo da **Chaosphere Recordings**. O disco inclui dois temas originais no lado A, com os títulos **«Confiançudo» e «Mau Hálito»**, sendo que o lado B fica ocupado com a remistura dos dois temas cortesia de **João Queirós e Luís Lamelas, dos [F.E.V.E.R.]**. "***Tudo começou quando os Ratos De Porão foram tocar no Mangualde Hard Metal Fest em 25 de Junho de 2016,***" explica o João Gordo. "*O condutor da carrinha era o nosso amigo Johnie, dos Simbiose. Logo na estrada começaram as brincadeiras, trocadilhos, chistes e invenções de uma banda extrema imaginária. A certa altura da viagem, olhei e vi uma placa indicando duas cidades: para um lado FOGUETEIRO e para outro lado AZEITÃO... Veio-me de imediato à cabeça a figura de um gajo português musculoso, de sunga e besuntado de azeite extra-virgem, a soltar fogos de artifício*". Pois bem, **brincadeiras à parte, o grind letal dos P.O.B. merece a vossa atenção**.

GAEREA

SEGUNDO ÁLBUM NA SEASON OF MIST

Num passo gigante, mas que surge quase naturalmente face à rápida ascensão a nível internacional dos **GAEREA, o colectivo nacional acabou de anunciar ter assinado com o selo francês SEASON OF MIST**, estando previsto editarem o segundo longa-duração em 2020. Segundo a banda, "***a Vortex Society está contente por anunciar que Gaerea integra agora a Season Of Mist***". Os músicos afirmam que "*é uma honra juntarmo-nos às fileiras de uma etiqueta desta dimensão, onde já constam diversos artistas que merecem o nosso respeito*". Já em Novembro o colectivo vai fazer algumas datas em Portugal, França e Espanha, seguindo-se uma digressão europeia com os **NUMENOREAN**, que termina em Londres. Em 2020 já estão anunciadas presenças em vários festivais, e a LOUD! tem conhecimento da aparição dos **GAEREA** em, pelo menos, dois festivais ibéricos de grande projecção.

Todos os meses, o DAVID SOARES explora os aspectos mais recônditos, negros ou extraordinários da música, literatura e história.

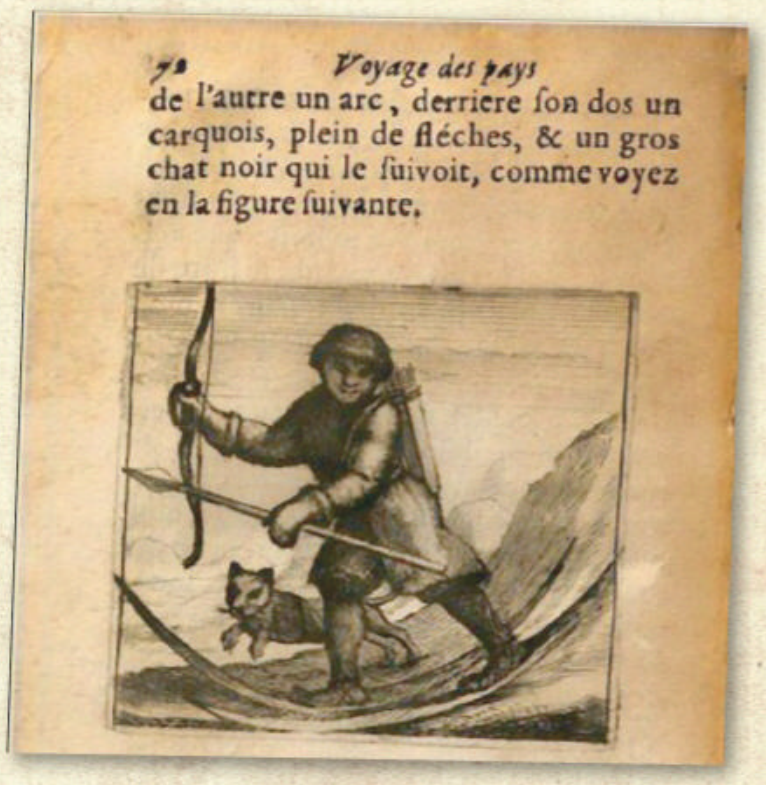
A MALDIÇÃO DA BRUXA LAPOA

DAVID SOARES

No seu livro «Viagem aos países setentrionais», publicado em 1671, o explorador francês Pierre Martin de la Martinière não esconde a perplexidade que sentiu diante dos cerdosos gatos dos Samis, naturais da boreal região norueguesa de Finnmark. No capítulo XII, «Dos costumes, maneira de viver, superstições & vestuário dos Lapões Dinamarqueses [na altura, a Noruega integrava o reino da Dinamarca]» o autor diz o seguinte: "*Em cada casa há um grande gato preto, que muito estimam: falam-lhes como se eles fossem capazes de razão, não fazendo caso de eles não responderem. Acreditando que eles os ajudarão nos seus empreendimentos, não deixam de sair das cabanas todas as noites para consultá-los e seguem-nos por onde quer que eles vão, seja na pesca ou na caça. Embora estes animais tenham a forma de um gato, pela sua aparência terrível eu acreditei – e ainda acredito – que são demónios familiares.*" O desenho que ilustra este texto (retirado do capítulo XXI, «Encontro com um Lapão Moscovita [sinonímico de *russo*] que anda à caça») ilustra o tipo de criaturas que enfeitiçaram Martinière – e, com efeito, não há motivo para duvidar que foi um animal parecido com este que amotinou a tripulação do rei dinamarquês Cristiano IV quando ele, em 1599, partiu numa épica expedição pelo oceano Árctico à caça das miríades de piratas, contrabandistas e marinhagem de má-fama que se esquivavam às alfândegas, assaltavam os navios do reino e praticavam todas as classes de patifarias. O diário de bordo conta coisas admiráveis: desde impiedosos fenómenos atmosféricos, como violentos furacões, passando por baleias possuídas pelo Diabo até – e isto é que nos interessa – à bruxaria lapónica.

Finda uma interrupção na ilha russa de Kildin, para reparar-se o casco do *Victor*, o navio real, um músico que fazia parte da tripulação roubou um grande gato preto a uma lapoa insular – o facto de lhe ter atirado, displicente, uma moedinha à guisa de pagamento não impediu a mulher de persegui-lo aos gritos, pedindo-lhe, desesperada, que lhe devolvesse o gato. No decurso da recém-retomada viagem de retorno, a expedição foi em pouco tempo surpreendida por uma súbita tempestade de grande violência, capaz de espaventar os mais empedernidos navegantes. Quem nos dá esta informação é o poderoso chanceler dinamarquês Sivert Grubbe (que era apaixonado por autópsias), feito cronista de bordo. Diz ele, às tantas, que foi um mísero grumete chamado Anund, nascido naquelas partes recônditas do reino – e por isso versado nos xamanismos do norte –, que insistiu para "*matar-se o gato para aplacar a ira dos deuses Éolo e Neptuno*" – segundo ele, não havia incertezas quanto à belzebútica vendeta da xamã de Kildin. Todavia, o rei não acreditou no disparate e por mais uns procelosos dias os espantadiços marinheiros resistiram à presença do gato que sem dar importância ao mau-tempo trepava feliz da vida pelos cordames. Não tardou a produzir-se uma espécie de motim, no qual o inflexível Anund judiciou que se afogasse de vez o gato. Foi um rei desgostoso que decidiu o desfecho: ordenou que o soltassem sobre as ondas, numa tina recheada de mantimentos para vários dias, na esperança que o mar o devolvesse à dona inconsolável. Assim, o hirsuto gatão negro tornou-se um pobre marujinho solitário no vasto e cruel mar do Norte.

Grubbe diz-nos com cepticismo abalado que o tempo melhorou de imediato, que os ventos amansaram e que a navegação regressou ao normal… Sendo assim, quem sabe se o gatucho grumete sulcou em segurança a salgada cútis oceânica, em direcção ao colo da dona-bruxa, orientado por uma mágica bússola do coração?



"It took almost 25 years to finally have the orchestral album of BLIND GUARDIAN, but it was worth the wait! "Legacy of The Dark Lands" presents a new version of BLIND GUARDIAN, more solemn and majestic, without losing power and elegance that have marked all previous releases."

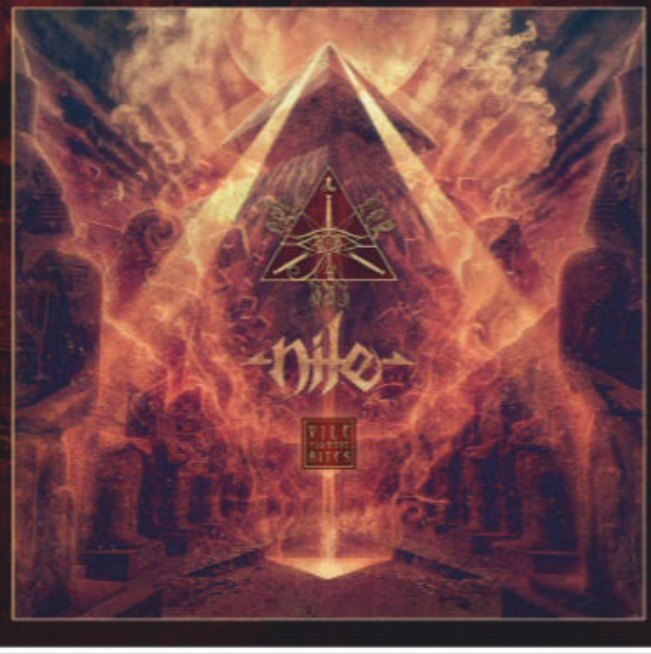
ROCK HARD (IT)

2CD-DIGIPAK (INCL. ALBUM CD & INSTRUMENTAL CD)
3CD-EARBOOK (INCL. ALBUM CD, INSTRUMENTAL CD AND "NO INTERLUDES" CD)
2LP IN GATEFOLD INCL. 8-PAGE BOOKLET
PICTURE 2LP IN GATEFOLD INCL. 8-PAGE BOOKLET
DIGITAL

IN STORES 08.11.

INCLUDES THE SINGLE "THIS STORM"

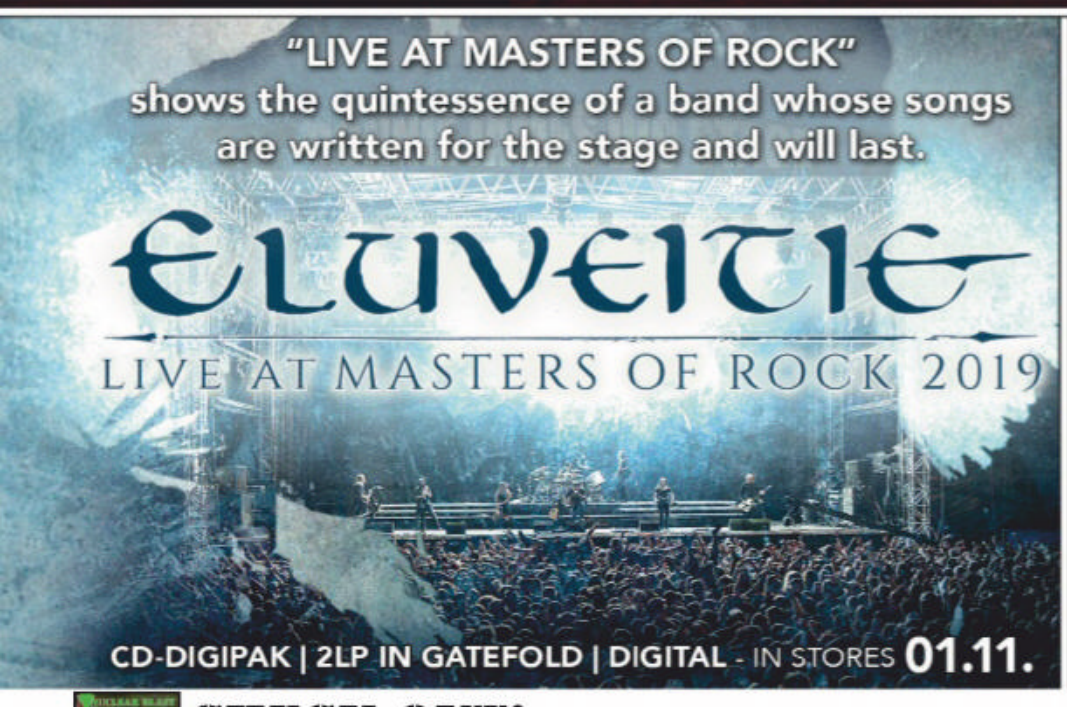
BY RAMSES! AFTER MORE THAN 4 YEARS, **THE ICONIC TECH-DEATH EGYPTOLOGISTS** HAVE AGAIN RISEN FROM THEIR SARCOPHAGI TO UNLEASH 11 GODLY NEW GIFTS UPON THE WORLD!



CD-DIGIPAK | 2LP IN GATEFOLD | DIGITAL - IN STORES **01.11.**

INCLUDES THE SINGLE "LONG SHADOWS OF DREAD"

"LIVE AT MASTERS OF ROCK"
shows the quintessence of a band whose songs are written for the stage and will last.



CD-DIGIPAK | 2LP IN GATEFOLD | DIGITAL - IN STORES **01.11.**

A **BRUTAL BLEND OF BLACKENED HARDCORE** AND **HYPER AGGRESSIVE METAL** AS PERFORMED BY ICELAND'S NOTORIOUS,

CD | DIGITAL - IN STORES **01.11.** - INCLUDES THE SINGLE "SERMON"

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-9280-26 - Fax +49 (0) 7162-24554 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!

HOURSWILL

Lisboetas voltam aos discos, com uma honestidade a toda a prova.

Dois anos após «Harm Full Embrace», os lisboetas HOURSWILL voltam a trabalhar com a também portuguesa Ethereal Sound Works, editora que, de acordo com o guitarrista José Bonito, "*apesar de ser uma estrutura pequena e quase familiar, faz o seu trabalho dentro das suas possibilidades e de forma honesta e sincera! É um prazer trabalhar com eles, infelizmente ainda lhes tarda o devido reconhecimento pela contribuição activa e válida que têm dado ao meio musical português nos últimos anos.*" Embora satisfeitos, a internacionalização não é descurada pelo músico, embora afirme que "*não temos o hábito de pensar muito no que não existe, no entanto, sendo algo de muito bom para nós e para o projecto, teria de ser analisado e estudado de forma objectiva, embora para já seja um não assunto.*" «Dawn Of The Same Flesh» marca a estreia do guitarrista Tainan Reis, que acaba também por ser um regresso. "*O Tainan já tinha trabalhado connosco anteriormente e mantivemos o contacto. Entrou de forma tranquila, a meio da sessão de gravação do disco e com grande disponibilidade e empenho. Fez todo o seu trabalho de composição e gravação em tempo record e trouxe com a sua maneira de visionar os temas algo à nossa música e que não tivemos qualquer receio em explorar e aproveitar*," refere o nosso entrevistado. Quanto ao processo que conduziu a «Dawn Of The Same Flesh», o guitarrista descreve-o como tranquilo... ao princípio. "*Foi muito natural, no início, quando começámos a escrever as primeiras ideias, na altura ainda de forma descomprometida e sem grande objectivo, pois este disco não estava propriamente previsto para tão cedo! No entanto, o Leonel [Silva, vocalista] chegou certo dia à nossa sala de ensaio com uma ideia para um álbum novo, explicou-nos o que queria explorar e a partir daí estava dado o impulso para todo o processo de escrita.*" No entanto, a tranquilidade não durou sempre: "*Entrámos em estúdio e estava tudo a correr de forma normal até que começa o período conturbado e que mais tarde virá a descambar no caótico! O nosso guitarrista anterior decidiu sair a meio do processo de gravação colocando-nos numa situação muito complicada que, apesar de ter sido resolvida, nos afectou todo o planeamento e tudo o que já tínhamos programado! Não foram tempos fáceis, mas, como sentimos sempre que a música e as letras que tínhamos escrito eram de valor extremo, seguimos caminho e aqui estamos com um álbum novo em mãos.*"

Puxando o vocalista Leonel Silva para a conversa, este explica-nos que "*o conceito lírico deste disco inicia onde terminou o anterior. A humanidade tinha caído num abismo sem retorno, ficando apática e esquecida e neste álbum é dada uma nova oportunidade de se reencontrar e construir um novo mundo e uma nova sociedade. Trata-se de uma viagem pela novas sensações que o ser humano vai descobrindo e a sua reacção às mesmas, desde a inocência do desconhecimento, à beleza do novo mundo passando, pela dor de descobrir o amor, a iluminação do conhecimento e, eventualmente, à sua autodestruição através do egoísmo, da corrupção dos valores e do ódio pelo próximo.*" É um conceito que adensa um lado mais melancólico e negro na música da banda, algo com que o guitarrista concorda. "*Temos neste disco momentos muito radiosos, mas sempre acompanhados dessa tal aura de melancolia e negritude que referes e que tem vindo a adensar-se desde o primeiro disco.*" Agora, os Hourswill vão andar pelos palcos portugueses, conforme nos revela o baterista Nuno Peixoto. "*Temos já marcada para dia 9 de Novembro, no In Rock Bar Alfragide, uma coisa chamada 'A Musical Talk Night' com Hourswill, cujo conceito é haver uma conversa informal entre a banda, jornalistas e público enquanto o pessoal toca o disco na íntegra. De resto, temos já assegurada presença no Massacre Metal Fest assim como concertos no RCA Club, no Side B Rocks e estamos ainda em conversas para mais algumas datas que anunciaremos logo que estejam confirmadas.*" Cá esperamos! **[R.A.]**

"Temos neste disco momentos muito radiosos, mas sempre acompanhados dessa tal aura de melancolia e negritude."
– José Bonito

SOUL OF ANUBIS

Trio de São João da Madeira entra numa nova fase da sua existência.

O novo disco dos SOUL OF ANUBIS intitula-se «The Last Journey», e é um sólido passo em frente para um grupo de amigos cuja história já remonta a 2010. Este trabalho começa por surpreender ao ser lançado por um selo norte-americano, "*resultado de um processo intenso de busca e pesquisa*," como nos explica o baterista Rui Silva. Das várias respostas, aquela que mais agradou veio então da norte-americana Seeing Red Records, casa dos Cathari, Hive, Shadow Limb ou Unmaker. O processo de composição dentro do grupo é descrito como "*um processo normal, como em todas as bandas. Os riffs vão surgindo, vai tudo acontecendo normalmente até ficar ao gosto de nós os três,*" diz o Rui. Este processo resulta particularmente da relação entre todos. "*A amizade é a coisa mais importante para ter numa banda*. *Sem isso ninguém chega a lado nenhum*, *pois temos de remar todos para o mesmo lado para chegar onde desejamos. Se estivermos bem unidos conseguimos fazer quase tudo o que queremos!*" Para o músico, quem puder ver um concerto dos Soul Of Anubis, "*vai perceber porque referimos muito a questão da amizade.*" O grupo completa-se com Speeds no baixo e voz, e Hugo Ferrão na guitarra e voz. Falando de concertos, neste momento, com o lançamento do disco, os Soul Of Anubis têm tido algumas actuações, ao contrário do que aconteceu aquando da estreia discográfica do trio, com «The Monster Among Us», que não só resultou em pouco impacto no campo editorial, como também nas aparições ao vivo. Rui considera-o "*um disco todo produzido na sala de ensaios,*" e também que "*a questão da promoção não foi bem trabalhada.*" Daí ser esse um dos objectivos deste segundo álbum. "*Quando começámos a trabalhar em músicas novas, queríamos e sabíamos que tínhamos de fazer algo melhor*," explica o baterista, com convicção.

Outro aspecto importante que teve que ser bem pensado foi a qualidade da produção. "*Queríamos um disco pesado e um bocadinho sujo, quer as músicas fossem rápidas ou lentas,*" afirma Rui. A escolha recaiu no Demigod Recordings, sob a batuta de Miguel Tereso, que conseguiu cumprir perfeitamente aquilo que o trio tinha delineado à partida. "*Claro que o produtor deu as suas dicas, mas levou o som para aquilo que pretendíamos, portanto não podíamos estar mais contentes com o resultado final.*" Quem estiver atento, nota que no eixo entre São João da Madeira e Santa Maria da Feira existe um conjunto de nomes, uns do passado, como EAK, outros mais recentes, como Maxila, que até estiveram presentes nos concertos de lançamento para «The Last Journey». Sludge, stoner e doom possuem aqui território fértil, embora o baterista não reconheça uma razão particular para essa concentração. "*Mas praticamente conhecemo-nos todos, o meio não é muito grande também,*" salienta. "*Nesta zona temos muito boa música pesada, como os Take Back, uma banda de hardcore com um potencial gigante, e dentro do thrash, os Revolution Within.*" Já o nome da banda, tem a ver com uma escolha do Hugo Ferrão. "*Sempre gostou de escrever sobre a mitologia egípcia,*" revela o Rui. "*Acreditava-se no julgamento dos mortos, e no fundo esta figura mitológica de Anubis é o deus dos mortos e moribundos, que conduzia a alma dos mortos no submundo. O nosso nome é uma analogia a esse deus da morte que tantas almas conduziu.*" Isto explica também que de uma forma geral, as letras no novo álbum se insiram numa temática à volta da mitologia egípcia, estabelecendo um paralelismo com outras situações. "*«The Last Journey» surgiu a partir da leitura de trechos de um livro que se chama «Book Of The Dead», o «Livro Dos Mortos», onde era detalhadamente retratado o caminho que o morto teria de seguir para chegar ao outro mundo. Inspirando-se no livro, o disco traça uma sequência de histórias acerca da última viagem a percorrer, antes de ir para o inferno ou para o céu.*" [E.F.]

> *"Se estivermos bem unidos conseguimos fazer quase tudo o que queremos!"*

BLAME ZEUS

ESPECIAL LUSOFONIA

Há em todo o espectro do metal nacional um conjunto de nomes que tem vindo a apostar na internacionalização do seu som. Os BLAME ZEUS são os mais recentes membros desse clube que aumenta a todo o momento. Com «Seethe» chegam a um novo patamar, e nada como falar com a vocalista Sandra Oliveira para saber tudo ao pormenor.

EMANUEL FERREIRA JOÃO FITAS

HINO À RESILIÊNCIA

Como chegaste ao título deste terceiro trabalho?
Neste disco fizemos o trabalho de composição habitual, primeiro o riff, depois as estrofes e finalmente a voz. Penso que nenhuma música foi criada de forma diferente. Ao longo da gravação dos temas, não havia título para o álbum, e quando terminámos o processo de composição pensámos em dar o nome ao álbum. Houve algumas ideias, fizemos *brainstorming*, até que tive a ideia de procurar uma palavra no dicionário. [risos] Isto parece muito mau, mas a realidade é que abri o dicionário, vi a palavra «Seethe», li o significado e achei que tinha tudo a ver com o que escrevi para as músicas deste disco. Foi uma coincidência feliz, apesar de termos feito um pouco de batota. Conseguimos encontrar um termo que falava de tudo o que estava no álbum.

Um registo que é mais denso e pesado que o anterior. Eventualmente mais metal, enquanto o outro seria mais rock.
Se quiseres qualificar dessa forma sim, mas também tem temas mais virados para o

hard rock. É um trabalho mais pesado, no aspecto em que tem menos baladas que o anterior. Conseguimos fazer um disco mais progressive metal, com influências nesse campo. Não foi nada planeado, a pensar num registo mais pesadão. As primeiras músicas que começámos a compor nem ficaram no álbum, como um tema chamado «Saviour» que teria ficado bem no «Theory Of Perception», numa questão estilística. Os temas foram saindo e com a experiência que tivemos ao vivo nestes dois últimos anos e tal, começámos a ter uma veia mais pesada, pela necessidade de puxar pelo público. Se calhar isso também nos influenciou, mas nunca de forma consciente.

Gravaram no sul, com convidados do sul. Quando tomaram essa decisão, já que tinham sempre feito tudo a norte. Foi pelo som produzido no estúdio?
Exactamente. Há cerca de um ano atrás, tinha falado com o Ricardo Fernandes, o nosso produtor, que nos contactou. Nessa altura nem sequer pensávamos ainda em que estúdio gravar. Quando já tínhamos temas, fizemos um *timeline* de como queríamos fazer tudo, pois o disco foi planeado com bastante antecedência. Ainda não tínhamos decidido qual a editora e já estava na nossa cabeça lançar o disco em Novembro, tempo de entrada em estúdio e tudo mais. Queríamos fazer as coisas com calma, e com tempo para gravar tudo. Começámos a procurar estúdios, principalmente no Porto, e a ouvir trabalhos gravados nesses mesmos estúdios. Voltei a falar com o Ricardo, ele enviou alguns trabalhos e fiquei impressionada com aquilo que ele conseguiu com Nine O Nine. Isso fez-nos tomar a decisão, uma escolha que acabou por ser fácil. Conseguimos agilizar as coisas, reduzir os custos da deslocação, criar um horário de trabalho para usarmos alguns dias nas gravações. No fim até acabámos de gravar antes do prazo que tínhamos estipulado.

Todo este disco tem envolvido muito planeamento. Sentiste esse necessidade com a experiência dos trabalhos anteriores?
Em 2016 assumi o papel de *manager* da banda, para lá de cantar e escrever as letras. Já antes o fazia, mas nunca de forma tão assumida. Gosto de trabalhar assim, pois não lido muito bem com decisões de última hora. Naquilo que consigo controlar, prefiro fazer as coisas com tempo e planeadas. As coisas boas resultam assim, feitas com carinho, sem ser só a pensar no resultado final. Enquanto estivemos a gravar, recebemos amigos, fãs, fizemos entrevistas. Conseguimos tudo isso porque foi planeado com antecedência. Correndo o risco de parecer fria ou calculista, de há uns tempos para cá comecei a ver a banda como uma empresa. Se uma empresa quer ter sucesso, possuir um bom produto para vender, precisa de planear com antecedência. Não falo de ter lucro, porque isso não está nos planos imediatos, claro.

Referiste receber amigos; como surgem os convidados, no fundo vossos conhecidos?
Já tínhamos as músicas prontas, e para aí em Março, mês e meio antes de entrarmos em estúdio, em conversa de banda, referimos a necessidade de participações no disco. Pensámos automaticamente no Marco Resende, pois temos muito contacto com ele, tendo já vindo ao Porto para um concerto que organizamos. O Rui Duarte, creio que foi sugestão do Paulo, nosso guitarrista. A minha primeira reacção foi algo como "*Pensas que o Rui Duarte vai querer gravar uma faixa?*" Afinal, ele é uma pessoa muito ocupada e não deveria ter tempo para estas coisas. Depois comecei a pensar que não perdia nada em tentar. Ele disse logo que sim, a participação foi espectacular, altamente profissional. Mandei o tema em maqueta dando a liberdade dele fazer a gestão do que queria cantar. Em estúdio conversámos e falámos daquilo que cantávamos em conjunto, gravou tudo rapidamente.

Continuando com os amigos, nota -se toda uma preocupação com os fãs, havendo muita interacção com estes, principalmente nas redes sociais.
Sem fãs não há bandas, não éramos nada nem ninguém. Eles é que nos incentivam a fazer mais e melhor, portanto acho que a atenção que damos aos nossos seguidores é completamente obrigatória. Esta atenção é algo que completa a nossa identidade, sempre o fizemos e vamos continuar a fazer enquanto nos for humanamente possível. É preciso conversar com os fãs, saber o que eles acharam do concerto, agradecer por terem saído das suas casas e terem vindo gastar o seu dinheiro para nos ver. Nunca quis assumir uma postura de *rock star* e não é agora que vou começar.

Com este disco chegaram a um grande selo internacional no vosso estilo. Como se passou tudo para assinarem com esta editora?
Tudo começou com a gravação de uma *demo* de cinco temas, com o técnico de som que nos tem acompanhado, o Rui Barreiros. Depois fiz a minha pesquisa e mandei essa maqueta para algumas editoras, que estilística e realisticamente estariam ao nosso alcance. Obtivemos duas respostas do estrangeiro e resolvemos ficar com a Rockshots Records, que apresentou a melhor proposta. Aliás, tudo se está a verificar uma excelente decisão da nossa parte, pois o seu trabalho promocional tem sido impecável. Quando mandas um e-mail ou uma mensagem e te respondem quase imediatamente, sabes que estás bem entregue e que estás a trabalhar com pessoas organizadas e interessadas. Acima de tudo, é bom sentir que temos este apoio por valor próprio, porque simplesmente a editora acreditou na tua música e viu potencial para apostar. Além disso, cremos que será uma boa ponte para começar a aparecer e a tocar lá fora.

No disco anterior havia um lado biográfico nas letras. E agora? Sinto que há um lado mais positivo... o primeiro tema até diria que é sobre resiliência.
As minhas letras nem sempre são biográficas, mas eu tenho uma certa facilidade em colocar-me na pele de outras pessoas ou personagens e, por vezes, inspiro-me em histórias fora de mim para escrever. O primeiro tema, «How To Successfully Implode», por exemplo, foi inspirado na série «The Handmaid's Tale», que eu adoro. E sim, é um verdadeiro hino à resiliência, de esperar pelo momento certo para atacar, de deixar a raiva marinar até àquele ponto em que ou implodes ou te revoltas fisicamente, verbalmente, artisticamente, intensamente. É disso que trata o título do álbum «Seethe». Todos os temas do disco falam da natureza contraditória entre o desespero da inércia, a raiva silenciosa e a libertação da alma ao transformar essa dor em poesia.

"Nunca quis assumir uma postura de rock star *e não é agora que vou começar."*

FOTO: PEDRO SILVA MALHEIRO

SCUM LIQUOR

Hedonismo e seriedade, ou o rock do fundo do poço.

Criados em 2013 por quatro músicos de créditos firmados no underground português, os SCUM LIQUOR apresentaram desde o início uma postura bem mais descontraída e focada na intoxicação do que as outras bandas em que estão envolvidos. Conta-nos o vocalista Neverendoom que "*quando eu e o Lawbreaker [guitarrista] tivemos a triste ideia de criar os Scum Liquor, foi justamente para fazer algo diferente do que habitualmente fazíamos*," intuito a que se juntou a ideia de prestar "*tributo a bandas e entidades que representam o verdadeiro espírito do punk/rock'n'roll/metal sem merdas e com colhões, aqueles que tornam a música num perigo iminente e sem barreiras ou limites*," resumindo depois tudo em duas palavras "*rebeldia e inconformismo*." O ideal recebeu o epíteto de sewer rock'n'roll, que como nos diz o baterista P. Tosher simboliza rock "*do esgoto, sujo, sem preconceitos*," ou, como diz Neverendoom, um ideal que "*tem vários caminhos, mas todos vão dar ao fundo do poço*." O quarteto lançou agora o primeiro longa-duração, «Midnight Pleasures», que encontra no segundo tema, «Zero In The World», uma espécie de bandeira. Como nos explica Neverendoom, representa "*o fim da linha supremo, quase como uma rotina de auto-destruição, ódio, e indiferença por tudo o que te rodeia, em simultâneo. É o estar completamente enterrado em vícios de substâncias e álcool e viver uma vida miserável e decadente sem qualquer tipo de esperança ou luz ao fundo do túnel, o sentir que o verdadeiro inferno é a repetição*." O contra-ponto à sujeira temática nota-se imediatamente na solidez e profissionalismo patentes nas gravações. "*Os Scum Liquor são uma banda séria, mas com um espírito descontraído, somos exigentes naquilo que queremos*," diz-nos P. Tosher, acrescentando que "*nós trabalhamos para que as coisas aconteçam, somos ouvintes de música e temos gostos em comum, isso facilita esse equilíbrio." Ou, como remata Neverendoom, "porque acreditamos verdadeiramente naquilo que fazemos e porque temos a visão do que Scum Liquor representa (que provavelmente é diferente do que a maioria imagina)."*

Desde que fomos ao estúdio da banda (c.f. LOUD! #211), gravaram os solos do disco, processo que contou com a participação do prolífico Deris na «Brothers In Crime», tema que também conta com Rui Rötten dos Booze Abuser na voz. Um dos passos seguintes consistiu na sessão fotográfica que ilustra «Midnight Pleasures» por dentro e por fora e que resultou no bloqueio de uma série de contas, de editoras e indivíduos, do Facebook, num caso de censura empresarial. Sobre a capa, conta-nos P. Tosher que "*foi uma ideia do Neverendoom materializada depois por mim. Foi uma tarde bem passada no bar de um amigo nosso, o Hail Rock Club, onde recriámos o decadente cenário, arranjámos a modelo, e foi uma tarde bem regada que ficará certamente nas boas memórias deste disco*," acrescentando depois sobre os bloqueios que "*sinceramente não esperava este tipo de recepção, já que se trata de uma capa de um disco, uma obra que se imortalizou no formato físico. Vivemos num país onde supostamente existe liberdade de expressão, e ao fim ao cabo, não me parece que assim seja*." Como resume o baixista, M.C. Destroyer, "*infelizmente é o que temos. Com a informação do que se passa por esse mundo fora, dois* nipples *deviam ser louvados*." Claro que não podemos deixar a ocasião sem tentar perceber até que ponto a temática alcoólica das letras é assumida num ensaio típico da banda, isto é, se são como os actores de método mas para o rock do esgoto. "*Sem sombra de dúvida que faz parte da realidade dos Scum Liquor*," diz-nos P. Tosher, com Neverendoom a acrescentar que "*o Diabo Líquido está sempre à espreita e manifesta-se de diversas formas*," antes de dar a dica de que "*existem diversas experiências pessoais de falhadiçe [sic] em algumas letras*." Recebemos ainda um exemplo concreto por via M.C. Destroyer, que conta que a "*temática tem estado sempre presente desde o início. Um bom exemplo disso foi a criação do tema «Empty Bottle Torment»*." De resto, já no studio report nos tinham contado que a «Ladder To Hell» e a «Dead End» tinham surgido já em estúdio e sido gravadas praticamente à primeira no meio de um "*frenesim alcoólico*," fruto da forte ligação entre os músicos. O M.C. Destroyer explica que "*estávamos em modo «Midnight Pleasures» e acabaram por sair sem espinhas e para que isto aconteça é preciso haver essa ligação*," uma ideia explorada por Neverendoom, que diz que "*acima de tudo já nos conhecemos bastante bem e temos bastantes ideias de merda e mau gosto todos em comum. Na maioria das vezes, após o Lawbreaker aparecer com uma ideia ou um riff, a restante escumalha assimila bem e tenta conspurcar mais ainda*." No final, e não obstante qualquer desejo de tocar com Sonata Arctica, «Midnight Pleasures» é uma bela dose de metalpunk feito por gente que o percebe e com prazer no que faz, como nos explica P. Tosher. "*Estamos com seis anos de banda e toda essa química foi adquirida ao longo deste tempo, sendo a amizade um factor importante para nos mantermos juntos a fazer a música de que gostamos.*" [L.P.]

"É o estar completamente enterrado em vícios de substâncias e álcool e viver uma vida miserável e decadente sem qualquer tipo de esperança ou luz ao fundo do túnel." – Neverendoom

MY MASTER THE SUN

Lisboetas sobreviveram a período atribulado e entregam o seu disco mais profundo até agora.

Depois da estreia com um EP auto intitulado em 2014, foi com o primeiro álbum a sério, «A Arte Da Desobediência», de 2016, que os MY MASTER THE SUN entraram verdadeiramente no "mapa" da música pesada nacional. Um sludge/stoner – à falta de melhor termo – atípico, cantado (e berrado!) em português, de uma agressividade invulgar. que tem agora no sugestivamente intitulado «1000 Ogivas De Fel Cairão Sobre Ti» um sucessor de respeito, mais elaborado, mais profundo e, também, resultado de um período nada fácil para o quarteto, aliás, quinteto. Mas já lá vamos. Para início de conversa, o Ricardo Canelas, baixista, explica que *estão "todos muito contentes com o resultado final do álbum, acima de tudo. Muito satisfeitos com a direcção que levou, que é diferente do anterior em tudo – duração, tempo das malhas, é uma abordagem diferente."* Com toda a banda presente para a conversa, ou seja, o Ricardo Falé (voz), o João Menor (guitarra) e o Nuno Garrido (bateria), todos acenam em aprovação. "*Quando começámos a trabalhar nele, estabelecemos algumas metas um bocado mais ambiciosas,*" explica o Nuno. "*Queríamos que o disco fosse a nossa cara, o reflexo da nossa evolução.*" O baixista volta a pegar na conversa, em jeito de retrospectiva, dizendo que "*O EP foi um disco muito mais directo, tipo chapada na cara. N'«A Arte Da Desobediência» quisemos expandir-nos mais, e neste novo então, queríamos uma continuidade dessa expansão. Manter o traço que tínhamos, a carga porcalhona, arrastada, mas explorar outros universos. Coisas mais expansivas, aquele psicadelismo que a malta fala, já o tínhamos, mas acho que agora o conquistámos mais.*" Intervém então o João, dizendo que "it's all about the truth, *acho que a diferença maior é essa.*" O Nuno ri-se, e diz que "*A «Arte…», no fundo, agora que já passaram uns quantos anos, é uma carga de porrada de 50 minutos. Puro e duro. Neste, queríamos um percurso. Para não usar a expressão 'viagem'. Atravessar vários estados de espírito, vários componentes musicais. Queríamos mais espaço, que não fosse tão opressivo quanto o outro.*" Toda uma banda em concordância em relação ao que cumpriram com o seu novo trabalho, portanto. Caladinho no seu canto, de forma pouco característica tendo em conta como estamos habituados a vê-lo em vociferações poderosas, o vocalista Ricardo Falé. Não curtes o disco? "*Eu concordo com o Garrido!*" diz entre risos, até porque segundo consta, em piada interna da banda, essa concordância não é de todo habitual. "*Mas sim, falando do disco e de todo este processo, o que posso adiantar é que acho que estamos de parabéns. Nem é necessariamente pela qualidade, que acho que tem, mas simplesmente por o termos conseguido fazer. Eu estou no Algarve de há três anos para cá, passaram-se uma data de merdas na nossa vida pessoal que podiam muito bem ter acabado com a banda, e hoje estamos aqui e eu estou feliz. Esta felicidade, como o Canelas começou, é de termos conseguido. Foi uma luta constante ensaiar e compor, foi logisticamente e emocionalmente esgotante. Por isso deixa-me muito contente ouvir a dinâmica com que o disco ficou, acho-o muito emocional, mesmo sem nós querermos. Já me aconteceu ouvir o disco e começar a chorar. Isso tem tudo a ver com o que queríamos dizer, e com tudo o que passámos neste período.*"

Adversidades, portanto, que se calhar até ajudaram a que a angústia do álbum tenha um maior grau de verdade, não? "*Em termos líricos não há nada que se refira directamente aos problemas que passámos, mesmo que por vezes pareça isso,*" continua o vocalista. "*Mas é muito difícil que nós enquanto criadores desta obra não sejamos influenciados pelo que se está a passar à nossa volta. Por isso tenho que dizer que sim. Não houve essa preocupação explícita, nem na música nem na minha parte lírica, mas é inevitável. No fundo é um disco que fala de desilusão, de vários tipos de pessoas. Podes ter desilusão com o próximo, pode ser amorosa, pode ser de te sentires velho a olhar para o espelho… e depois no final, aquilo que transparece é que tentas respirar fundo e fechar os olhos para que de alguma forma mágica as coisas desapareçam e voltem à normalidade. Sinto que este disco somos nós a respirar fundo e a esperar que passe.*" Espe-

> *"Já me aconteceu ouvir o disco e começar a chorar."*
> *— Ricardo Falé*

remos que tenha passado, até porque agora os My Master The Sun vão estar bastante ocupados. E para os concertos que aí vêm, uma nova adição para dar uma ajuda: "*O quinto elemento já está a trabalhar connosco, apesar de ainda não ser público, e será um guitarrista que fará o que o Ricardo fazia na guitarra,*" revela o João. "*Foi uma sugestão do próprio Ricardo, e com isto somamos dois aspectos – a nível logístico, ser-nos-á mais fácil ensaiar, para o Ricardo será muito mais simples chegar e debitar a voz dele. Por outro lado, libertamo-lo da guitarra e permitimos outra entrega em termos de interpretação.*" Vai ser mais um a ajudar a fazer barulho, portanto preparem o coração e os ouvidos para o que aí vem. **[J.C.S.]**

ASSINA A LOUD!

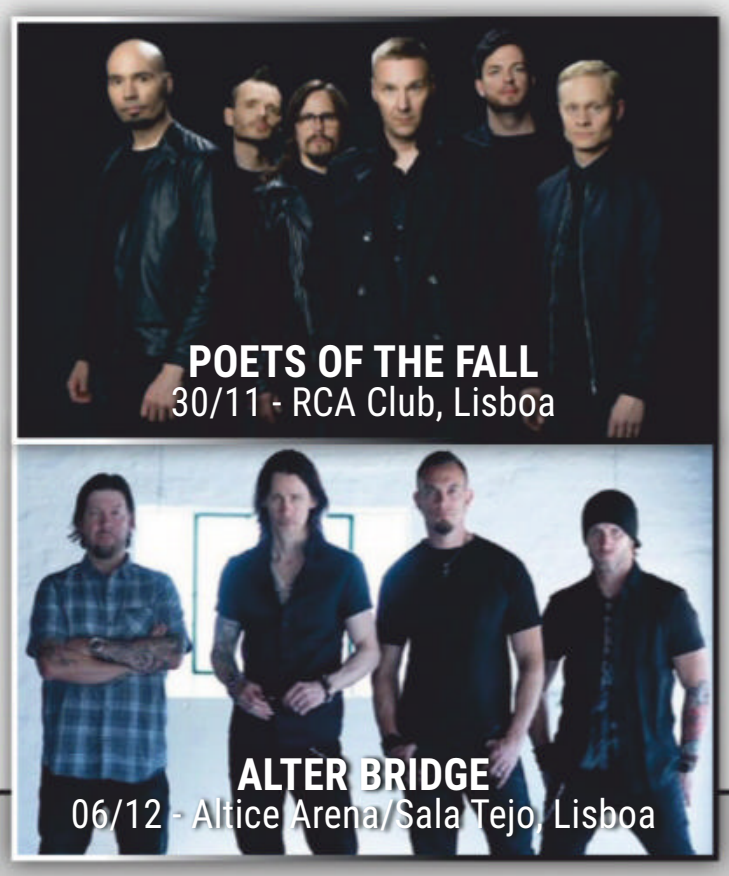
POR APENAS 25€!

SE ASSINARES

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem o mínimo esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

Para celebrar os vinte anos de publicação da LOUD!, temos esta mega-promoção para oferecer até final de 2019! Todos os novos assinantes poderão usufruir deste preço especial para uma assinatura de um ano (doze edições) da LOUD!, basta apenas efectuar a transferência dos 25€ e enviar o respectivo comprovativo para assinaturas@loudmagazine.net a partir das 12:00 do dia 4 de Novembro.

Mas não é tudo! Obténs também uma entrada grátis para um de dois concertos com a chancela Prime Artists à tua escolha: **Poets Of The Fall** (30 de Novembro, RCA Club – Lisboa) ou **Alter Bridge** (6 de Dezembro, Altice Arena/Sala Tejo – Lisboa). Basta indicar a tua escolha no mesmo email do comprovativo.



Se, por acaso, os deuses estiverem loucos e não quiseres ir a um destes concertos, não desesperes! Podes também escolher como prémio de assinatura os álbuns dos **HOURSWILL**, «Inevitable» e «Harm Full Embrace», lançamentos ETHEREAL SOUND WORKS.

LOUD! 20
ASSINATURA ANUAL EM PAPEL
25€
(DESCONTO DE 60%!)

TERMINA NO DIA 31 DE DEZEMBRO DE 2019

ASSINA JÁ!

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de B.I., morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço assinaturas@loudmagazine.net

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

⋆ Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 04/11, porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

Glam-O-Rama

•ROCK SHOP•

VINIL - CD - VIDEO
MERCHANDISE
LIVROS - MEMORABILIA

VENDA ★ TROCA ★ COMPRA

WWW.GLAM-O-RAMA.NET
RUA VIRIATO Nº 12, 1050 - 235 LISBOA
TLF: 211 320 835 - GPS: 38.730436, -9.147948
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM
DE SEGUNDA-FEIRA A SÁBADO DAS 11H ÀS 19H

CHAOSPHERE RECORDINGS
PROUDLY PRESENTS

P.B.O.
"FOGUETEIRO AZEITÃO"

CHAOSV032

500 COPIES
LTD. EDT. MULTI-COLORED SPLATTER 7" VINYL

An insane project from João Gordo (Ratos de Porão) with Jonhie (Simbiose), Pedro Rolão (31) and the invited guest Ivo Martins (Grog)!!! Includes a special b side remix by João Queirós and Luis Lamelas [F.E.V.E.R.]!

WELLS VALLEY
"RECONCILE THE ANTINOMY"

CHAOSV033

LTD. EDT. 12" VINYL LP
150 COPIES BLACK VINYL + 150 HALF CLEAR / HALF BLACK VINYL

The new opus and third release for this blackened avant-garde metal power trio. Six heavy and intense hymns opening new dimensions with their distinctive sound. A new step towards an endless cosmos!

DRAKKAR
"MOSTRENGO"

CHAOSCP030

300 COPIES
LTD. EDT. CD

Probably the most long awaited heavy/power metal record, since the early nineties, in Portugal. With three demo-tapes recorded 25 years ago building a solid name, numerous line-up changes lead to a long hiatus. This is persistence materialized!

Glam-O-Rama
•ROCK SHOP•
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE
RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

PELA ESTRADA FORA

Os VOLBEAT lançaram-se para a estrada no final do mês de Setembro para promoverem o mais recente disco de estúdio, «Rewind, Replay, Rebound». A LOUD! foi até Dublin fazer uma antevisão do espectáculo e aproveitou para falar com o guitarrista Rob Caggiano sobre o novo disco, e também sobre os percalços do início desta digressão europeia que passou por Lisboa no passado mês de Outubro.

JORGE BOTAS ROSS HALFIN

Como está a correr esta digressão?
Para já, tudo bem! Já houve alguns momentos interessantes... Tivemos de cancelar um concerto porque basicamente estávamos doentes. Todos os elementos da banda estão um pouco exaustos e com *jetlag* depois de uma longa digressão pelos Estados Unidos, e depois voámos directamente para a Europa para esta digressão... O Michael [Poulsen, vocalista] estava mesmo doente na noite em que tivemos de cancelar, em Bristol, e ontem em Belfast aconteceu algo bizarro a nível técnico que não conseguimos corrigir ou remendar. Tirando isso, os espectáculos têm sido óptimos.

Falaste na digressão pelos Estados Unidos onde participaram no Knotfest, juntamente com Slipknot, Gojira e Behemoth, que são bandas claramente mais pesadas que vocês...

Nós sentimo-nos como os Beach Boys nesse cartaz! Mas acho que foi muito porreiro e acabou por nos favorecer. Antes de nós, tocaram os Behemoth e Gojira, e depois os Slipknot, e se houvesse uma banda com o mesmo peso no nosso lugar, acho que o público ficava morto antes dos Slipknot. Tudo o que é demais enjoa, por isso acho que adicionámos um contraste fixe ao alinhamento, um pouco de divertimento. Quando olhávamos para o público enquanto estávamos em palco, víamos pessoas a dançar e a divertirem-se.

Achas que ganharam alguns fãs com a vossa participação?
Definitivamente, acho que sim! Acho que a esmagadora maioria dos presentes eram fãs *hardcore* dos Slipknot, e de metal em geral, por isso muitas pessoas que nos viram lá se calhar nunca iriam a um concerto nosso. Sentimos que não estávamos a tocar para os nossos fãs, o que acabou por ser um desafio, mas foi algo positivo para a banda.

Dá-te prazer tocar para um público que sabes que tens de tentar conquistar?
Sim, é sempre bom tentar ganhar fãs, mas às vezes, não se consegue! Não se pode ganhar sempre. [risos]

Para quem nunca vos viu ao vivo, o que podemos esperar de um concerto dos Volbeat?
Podem esperar um concerto de rock'n'roll com muita energia! É isso que fazemos e estamos muito entusiasmados porque temos um novo disco para tocar ao vivo. Quem nunca nos viu, aproveitem, porque senão vão-se arrepender.

E por falar no «Rewind, Replay, Rebound», como vês este novo trabalho?
Acho que fizemos um grande disco! Estou muito orgulhoso e acho que todos estamos. Tentámos fazer algumas coisas diferentes, esforçámo-nos e experimentámos um bocado. Não gostamos de fazer o mesmo álbum duas vezes. Sinto que estamos a evoluir enquanto banda, músicos e compositores, e acho que este álbum reflecte esse estado de espírito. Algo que tentámos fazer desta vez foi agarrar nos elementos fortes do som dos Volbeat e expandi-los. Sempre tivemos o *feeling* do rock'n'roll dos anos 50 e 60, e acho que há coisas neste disco que seguem mais esse caminho, é indiscutivelmente ainda mais autêntico desta vez. Acho que as partes melódicas são ainda mais melódicas, e as partes pesadas são ainda mais pesadas. Penso que há muitas cores diferentes, há um pouco de tudo e é irrelevante qual o género musical que preferem, porque haverá sempre um tema ou outro que qualquer pessoa poderá curtir.

O título está relacionado com essa maior inspiração no rock'n'roll dos 50s e dos 60s, ou mais com os primeiros discos dos Volbeat?
Nós não tínhamos propriamente um projecto idealizado quando começámos o processo de composição. O que aconteceu foi que deixámos que as músicas ganhassem forma, e às vezes temos que dar um passo atrás e perceber o que temos. Nesse momento ficamos com uma ideia clara do que precisa de ser feito e o que álbum vai realmente ser. Na prática tentamos escrever uma série de canções que nos deixem orgulhosos e acho que foi isso que conseguimos fazer.

Quando escreves uma canção preocupa-te o que as outras pessoas possam pensar?
Antes de mais, enquanto músicos, nunca vamos agradar a toda a gente. A música deve ser polarizadora. Não vamos fazer todas as pessoas felizes e não vamos fazer todas as pessoas infelizes. [risos] Tens de fazer algo que sentes e que defendes, na esperança de que, quando estiver terminado, os fãs consigam ter uma ligação com a canção. Para já, acho que se têm consigo ligar bastante a este disco. Somos capazes de ter irritado um ou outro aqui e ali, mas no geral a resposta tem sido bastante positiva. Há quem escreva que os Volbeat já não uma banda de metal, mas se perguntares aos elementos da banda, todos achamos que nunca o fomos! Somos uma banda de rock'n'roll com influências de metal. Às vezes isso nota-se mais que noutras, mas é o que é. Nós temos no nosso ADN o heavy metal, o thrash e o death metal, bem como todas as outras coisas como o Johnny Cash, o Elvis Presley ou os Rolling Stones. Todos fazem parte daquilo que somos enquanto músicos.

Com os Kiss, para dar um exemplo, o que me fez fã da banda foram os espectáculos ao vivo. Foi quando as músicas ganharam vida para mim, já que os discos nunca me convenceram muito... Vocês pensam nesse aspecto dos concertos?
Muitas vezes o que acontece – e sei que as pessoas nunca pensam muito nisto – é que quando se vai para estúdio e se trabalha na música, ficamos muito entusiasmados, mas a verdade é que para as gravações, não as tocamos assim tanto! Percebes? Só quando vais para a estrada e começas a tocar as músicas todas as noites é que as começas a tocar melhor, os pequenos detalhes e ajustes começam a fazer sentido... Acho que isto acontece com muitas bandas, ouves algumas canções ao vivo e percebes que soam bem melhor e mais pesadas do que no disco. Claro que vai soar melhor, porque as andam a tocar há uns cinco meses quase todas as noites! [risos]

E já aconteceu alguma vez, depois de uma digressão, quereres mudar alguma coisa numa canção que gravaste em estúdio?
Isso acontece-me sempre! Sinto sempre que o material que está no disco podia ser melhor, fico com uma ideia para o solo ou riff de guitarra... Acontece sempre, e acho que é positivo. É sempre saudável para qualquer músico nunca ficar demasiado confortável, porque senão torna-se tudo muito aborrecido.

"Nunca vamos agradar a toda a gente. A música deve ser polarizadora."

ARCHAIC TOMB

Mais um produto relativamente recente da onda de ultra-escuridão nacional que nos tem assombrado nesta década que já está quase a terminar, os ARCHAIC TOMB interpretam um death metal sinistro, obscuro e aterrador, com laivos de black e muitos demónios à solta. Felizmente, os espectros humanos por trás da banda são mais sociáveis do que a sua música leva a adivinhar, e lá nos conseguimos sentar à mesa com o vocalista/guitarrista D.S. e com o baterista Deimos, para uma sessão de LOUD! DJ onde o mote principal foi a quantidade hilariante de vezes que os dois músicos acertaram em cheio no que ouviam... pela negativa. É ler, que já percebem o que queremos dizer.

DEAD CAN DANCE

«The Host Of Seraphim»

Do álbum «The Serpent's Egg» [1988]

Para uma banda que faz música quase "primitiva", feia e rude, nada melhor do que começar por algo belo e grandioso. Por vezes os extremos tocam-se, e a verdade é que os Dead Can Dance tocam-nos a todos de forma universal.

***Deimos*:** É bom que saibas o que é isto, porque eu não faço ideia.
***D.S.*:** Espera aí...
***Deimos*:** Parece a banda-sonora do «Ghost In The Shell».
***D.S.*:** É uma coisa tipo Dead Can Dance, para aí.
É tipo?
***D.S.*:** É mesmo? Não é, pois não? Mas é... Não estava nada à espera que metessem isto!
Foi essa a intenção!
***D.S.*:** Mas gosto muito... Gosto do «Spiritchaser», gosto dos últimos. O «Anastasia» foi um grande álbum. Agora não estou a ver de que álbum é esta que está a tocar, mas gosto de quase todos. Sinceramente, já ouvia falar deles há imenso tempo, mas só há poucos anos é que lhes prestei atenção. Se calhar é uma questão de maturidade. Já na época do gothic metal, chamemos-lhe assim, havia muita gente que gostava deles nessa cena, mas só recentemente é que comecei a explorar e é um *feeling* fantástico, têm uma sonoridade única. Começaram por um rock mais gótico, depois evoluiram para coisas mais étnicas, mas sempre incrível.

***Deimos*:** Eu também gosto, mesmo sem conhecer álbuns específicos, só ouvi músicas esporádicas. Mas gosto.
***D.S.*:** O Deimos é de longe a pessoa mais eclética da banda. Desde música clássica a outras coisas mais *soft*, ele houve muita música diferente.

CRYPTWORM

«Putrefactive Regurgitation»

Do *split* Cryptworm/Archaic Tomb [2019]

Pode parecer uma escolha rebuscada, até se perceber o lançamento de onde é retirado este tema... Pois é, é mais uma tentativa de

arranjarmos "problemas" entre companheiros, já que este tema dos Cryptworm é o lado B de um 7" que partilharam, justamente, com os Archaic Tomb.

***D.S.*:** [acompanhando o riff] Isto é…. Cryptworm!
***Deimos*:** [risos] Pois é, pois é!
Não vos conseguimos apanhar na curva.
***Deimos*:** Eu vou ser sincero, a mim apanhavam-me. Eu ouvi o tema algumas vezes mas já não me lembrava! [risos]
***D.S.*:** Eu ouvi-o bastantes vezes. Sou muito amigo do vocalista, o Tibor. Ele já tinha outra banda que eu adorava mas que não consigo pronunciar. Eram os Tyrant Goat… galdrakona, é uma cena assim. [risos] É uma banda única que eu lancei na altura com a Caverna Abismal. Ele passado pouco tempo mudou-se para Inglaterra, e começou uma série de projectos, entre eles os Cryptworm. Acho que ficou um *split* engraçado, eles mudaram aqui um bocadinho a direcção mais no sentido dos Mortician. Nós também mudámos, se antes nos chamavam death/black, acho que aqui é death puro, e ficou um *split* coerente.

MAYHEM
«Worthless Abominations Destroyed»
Do álbum «Daemon» [2019]
Vamos ao joguinho da capa, que já não fazíamos há algum tempo. Mas agora, com os lendários Mayhem como prato principal desta edição, estava mesmo a pedir. E para não ser muito óbvio, aqui vai um tema do álbum novo, que na altura desta sessão tinha sido lançado como tema de avanço há pouquíssimos dias atrás.

***Deimos*:** Acho que não sei.
***D.S.*:** A mim parece-me uma cena belga. Mas não é. Espera aí… É Gaahls WYRD?
Não…
***D.S.*:** Mas não tem o Gaahl de todo?
Não…
***Deimos*:** Não é português, pois não?
Não… [risos]
***D.S.*:** Esta voz… Borknagar? Não, também não.
***Deimos*:** Ocorre-me Emperor, mas não é, porque a voz não é assim.
***D.S.*:** Gorgoroth, mas não é o Gaahl. Está-me mesmo a fazer lembrar a voz dele. Se calhar é óbvio demais.
***Deimos*:** Mayhem não soa assim, pois não?
***D.S.*:** Não, não é Mayhem.
…
***D.S.*:** Quer dizer… é?!
***Deimos*:** É Mayhem! Acertei uma! [risos] Não estava a reconhecer. É de que álbum?
Do novo!
***D.S.*:** Pois, não tinha ouvido ainda. E não me parecia nada o Attila. Não sei porquê, só me parecia mesmo o Gaahl. Está num registo um bocado atípico para ele aqui. Eu Mayhem gosto mesmo até ao «De Mysteriis…». Depois do «Grand Declaration Of War» para a frente, custa-me mais a entrar. E no que diz respeito ao Attila, gosto mais é dos Tormentor. Isso tinha acertado à primeira!

INCANTATION
«Lus Sepulcri»
Do álbum «Profane Nexus» [2017]
Já que a última viragem dos Archaic Tomb foi na direcção de um death mais "puro", conforme os próprios admitem, vamos então investir por essa pureza do death metal, com uma das bandas mais importantes no seu desenvolvimento. Para não ser muito óbvio, escolhemos um tema recente ao invés de um dos seus clássicos dos 90s.

***D.S.*:** Não é Morbid Angel… João, isto é mais o teu departamento.
***Deimos*:** Cannibal Corpse? Não é Psycroptic… fónix!
***D.S.*:** É death americano, pelo menos, não é?
Verdade seja dita, é um tema atípico deles. Se não chegarem lá, damo-vos a benesse de um mais clássico.
***D.S.*:** Isto devem ser os Incantation do último álbum, não?
Pronto, não precisaram de benesses nenhumas.
***D.S.*:** Comecei a reconhecer a voz. Mas é uma faixa um bocado atípica. É daquelas coisas que, na altura, ouvi bastante. Aliás, as bandas de referência que ouço hoje, Cruciamentum, Dead Congregation, Grave Miasma, vieram beber todas aqui. Mas não tanto estes últimos álbuns, claro. Eu próprio hoje em dia, a nível de sonoridade, ouço mais o death metal da "nova vaga" do que Incantation, Immolation, por aí fora. Hoje em dia há muita qualidade, os Krypts com o álbum deste ano, por exemplo. E o baterista deles tem outra banda menos conhecida, que são os Manipulator, uma banda francesa onde ele toca, que não saiu por nenhuma editora de nome mas é muito bom.
Revisitas pouco os clássicos hoje em dia, então?
***D.S.*:** Pois, eu acho que estas bandas mais recentes acrescentam qualquer coisa de especial.

BLASPHEMY
«Desecration»
Do álbum «Fallen Angel Of Doom» [1990]
Siga com mais bestice. Às vezes gostamos de andar às voltas com este tipo de bandas, e desde Death Worhip a Conqueror, Axis Of Advance e até Revenge, já tocámos muita coisa a músicos extremos como os Archaic Tomb. Mas nesta sessão já chega de fintas, venham de lá os Blasphemy originais mesmo.

***D.S.*:** Houve ali uma batida ao princípio que me parecia aqueles canadianos, os Revenge ou os Conqueror.
O *ballpark* é esse, sim.
***D.S.*:** Não é Blasphemy…
[risos]
***Deimos*:** [risos]
***D.S.*:** Pronto, é Blasphemy!
Está encontrado o tema recorrente da sessão. Basta teres a certeza do que não é, que é.
***D.S.*:** Mas pronto, confirma-se que tenho lá em casa este álbum. [risos] Ainda por cima é uma coisa que está na moda, não é? Vão-me crucificar por causa disto. Ainda por cima toda a gente que vai ao Extreme tem uma *t-shirt* de Blasphemy. Menos eu. [risos]
Sim, vinte e tal anos depois toda a gente descobriu finalmente os Blasphemy.
***D.S.*:** Pois, eu ouvi-os nessa altura, ou pelo menos há quinze anos atrás, já não soam a novidade. Mas gosto muito, claro.
Esta cena canadiana, é uma influência para os Archaic Tomb?
***D.S.*:** Talvez… mas enquanto guitarrista/vocalista, para mim têm mais importância bandas como Black Crucifixion, Dead Congregation. É aquilo que dizia há bocado, coisas mais recentes. Blasphemy e outras da época, é castanhada total, claro, mas tem estruturas simples. É o que se fazia na altura. Archaic Tomb, por seu lado, é um som cru, mas tem uma estrutura bastante complexa. Gostamos de ter o som *old school*, mas de uma maneira mais moderna. Os Krypts ou os Cruciamentum, há vinte e tal anos atrás, seriam considerados death metal progressivo, provavelmente. Hoje já é a norma. Daí serem mais importantes para mim actualmente. Até falando da cena canadiana, os Tomb Mold, por exemplo, actualmente são uma referência mais próxima para mim.

PORTAL
«Larvae»
Do álbum «Swarth» [2009]
Acabamos com mais uma porção considerável de caos, sem desvios nem concessões, um bocado como a aproximação musical dos Archaic Tomb também tem demonstrado ser. Os temíveis Portal, a varrerem tudo à sua frente.

***Deimos*:** [assim que rebenta o início] Fónix! Parece que está debaixo dos cobertores. [risos] Tens que conhecer isto, pá. Estão a imitar os Archaic Tomb.
***D.S.*:** E conheço…
Som primitivo, estruturas complexas. Tem a tua cara.
***D.S.*:** É verdade, isto é uma daquelas cenas tipo Portal.
Mas não é Portal, é isso?
***D.S.*:** Não é Portal, não. Ou é? [risos]
Pronto, mais uma!
***Deimos*:** "Não é Portal!" [risos em gargalhada]
***D.S.*:** Incrível! Juro que não estou a fazer de propósito! Isto é do último álbum?
Do anterior a esse. O último é mais "nítido".
***D.S.*:** O D.C., o nosso baixista, é que é fanático por Portal. Ele de vez em quando mostra-me algumas coisas, e é principalmente daí que conheço. É uma coisa atípica, completamente. É um bocado na onda do que tínhamos falado, mas ao mesmo tempo já não considero propriamente aquele som *old school*. Isto é mesmo parede de som, é intenso, enche os ouvidos, e é complexo ao mesmo tempo. Não ouço regularmente, mas gosto muito. É cá uma jarda…
***Deimos*:** Eu conheço-os pouco, mas isto realmente tem um som muito distinto.

BAD WOLVES

Incorporam ex-elementos dos DevilDriver, God Forbid e Divine Heresy, entre outras. Com o trabalho de estreia, «Disobey», em 2018, os BAD WOLVES conseguiram uma importante posição nas tabelas e o *single* «Zombie» atingiu o número um do top de rock e mais de 200 milhões de visualizações. Com novo disco em pouco mais de um ano em que as digressões não pararam, o baterista John Boecklin arranjou tempo para conversar com a LOUD!.

EMANUEL FERREIRA DAVID JACKSON

O ROCK É UMA NAÇÃO

Porque intitularam o disco de «N.A.T.I.O.N.»?
Tens de perguntar ao Tommy [Vext, vocalista], eu não tenho a certeza. A ideia gira à volta do significado de cada letra da palavra. Também está incorporada no *website* que criámos para este novo trabalho. Há uma associação com os nossos fãs, algo como eles formarem uma nação.

«Disobey» teve um crescimento rápido. Esperavas algo assim?
Não, de maneira nenhuma. Foi inesperado e ainda me surpreende estar onde estou hoje. A versão de «Zombie» ajudou a arrancar e entrar num ciclo de digressões que não parou. Hoje estamos aqui, um ano e pouco depois do disco ser lançado, praticamente sem termos parado de tocar. Até ao final do ano vamos estar em digressão com os Five Finger Death Punch pelos Estados Unidos, em Janeiro continuamos com eles e Megadeth pela Europa, até Fevereiro.

"Tens mais gente nos concertos de rock que num concerto do Justin Bieber."

Esta digressão europeia será pequena, já planeiam o regresso?
Vamos trabalhar nisso, é ainda um pouco cedo para dizer algo.

Como conseguiram encontrar tempo para gravarem o disco?
Parámos um par de semanas para entrar em estúdio, e algum material foi composto na estrada.

Mesmo assim, levaram mais de duas dezenas de temas para estúdio. Algo invulgar hoje, porquê essa decisão?
Não será tanto o porquê de o fazer, mas sim como o conseguimos. Alguns temas já tínhamos feitos, outros escrevemos. Não tens os teus melhores temas ao virar da esquina, tens que compor e depois avaliar se resultam, até teres os melhores.

Como é o vosso processo de composição?
O Tommy e eu fazemos todo o trabalho, neste disco ele teve maior papel que no anterior. No resto é o processo normal, de levar temas, falar com a banda, apanhar ideias, desenvolver e melhorar cada canção.

Num gesto bonito, vocês deram todos os *royalties* de «Zombie» aos filhos da Dolores O'Riordan, como está a funcionar isso?
Foi algo que nos surgiu no momento de libertar o tema. Num concerto nosso, foram chamados ao palco, e entregámos o cheque de 250.000 dólares. De futuro, o resto dos *royalties* desse tema continuará a ser deles.

A um dado momento, falou-se num documentário e foi mesmo lançada uma campanha de *crowdfunding*. Como ficou isso?
Ainda mantemos a ideia, mas também vai depender da editora e nesse campo não sei o que eles querem fazer disso.

Seria algo para incorporar numa edição de um CD, como bónus, por exemplo?
Penso que será algo apenas para divulgar via digital, criar um DVD com isso parece-me excessivo.

O vosso primeiro *single* promocional, «I'll Be There», pareceu bastante pesado para poder atrair as rádios e canais de música.
Sim, mas quisemos lançar um tema bem pesado. Queríamos mostrar ao mundo aquilo que somos capazes de fazer e não pensámos em rádios. Pode ser que rode em alguma rádio, em especial nas independentes, mas a ideia era mesmo usar a internet para espalhar o tema, para todos verem como podemos ser pesados e não garantir passagem na rádio. Se as rádios quiserem passar o tema, melhor, mas não estamos focados nos *media* em geral.

A rádio norte-americana ainda passa rock?
Ainda existem programas, mas toda a atenção vai hoje para o rap e hip hop. Em algumas rádios ainda podes sentir alguma atenção. Nas vendas de discos, percebes que há um núcleo duro que continua a procurar o rock. No meio de tudo isto, quem realmente nos interessa e merece a nossa atenção, são aqueles que vão aos nossos concertos. Tens mais gente nos concertos de rock que num concerto do Justin Bieber.

Festivais com bandas rock possuem mais público que os de pop, mas os *media* preferem o contrário…
Sim, se calhar porque se sentem importantes a fazer isso. Devem achar melhor diversão.

Recentemente tiveste os Metallica a anunciarem serem duplos cabeças-de-cartaz em cinco festivais norte-americanos. Achas que isso poderá ajudar a divulgar novos nomes que também estarão nesses eventos?
Creio que poderá ajudar e será algo importante. As suas digressões são sempre das mais fortes e penso que esse gesto foi bastante ousado, pois eles são uma banda antiga e podiam perfeitamente manter-se nos seus concertos. E sim, claro que gostaríamos de participar em algum desses cartazes.

Referias querer apresentar os Bad Wolves ao mundo, o vosso mercado mais forte continua a ser o norte-americano, correcto?
Sim, mas em certas zonas, como na Austrália ou Canadá, temos bastante público. Mesmo na Europa, onde esta já será a terceira visita, há mercados ainda a crescer, com o tempo teremos mais fãs nessas zonas.

E sentes que existe bastante gente a frequentar concertos nos Estados Unidos?
Sim, vendemos bastantes bilhetes e esta digressão com os Megadeth já está praticamente esgotada.

Todos vocês possuem um passado associado a outros grupos, muitos com bastante expressão. Podemos afirmar que esta é uma super-banda?
Não. Uso o termo super-banda quando os elementos vieram de grupos icónicos. Olho para trás e sinto que nenhuma das nossas bandas marcou realmente a diferença, ou se destacou. Nada de surpreendente. Claro que tiveram exposição, mas nunca algo assim de tão extraordinário.

Algum de vocês ainda mantém contacto com os anteriores projectos?
Não, neste momento o nosso foco está neste grupo. Um ou outro de nós está ligado a uma banda de versões em que toca ocasionalmente, mas apenas isso. Os Bad Wolves são a nossa prioridade.

NORMA JEAN

FÍSICO-QUÍMICAS

Por esta altura já se passaram mais de duas décadas desde que os NORMA JEAN lançaram a estreia «Bless The Martyr And Kiss The Child» e tomaram de assalto o underground com o seu híbrido caótico de hardcore, post punk e metal. Entre muitas mudanças de formação e algumas mutações sónicas, o colectivo – hoje liderado pelo vocalista Cory Brandan – tem sabido exactamente como manter-se na ribalta ao longo do tempo e, três anos depois do muito aplaudido «Polar Similar», está finalmente de regresso com «All Hail». O disco mostra que, sem se desviarem da fórmula, se mantêm tão relevantes como no momento em que apareceram em cena e foi sobre essa vontade de fazer sempre mais e melhor que conversámos com o simpático *frontman* da banda.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES BARLICH CREATIVE

Tens uma explicação lógica para toda a turbulência a nível de pessoal que têm enfrentado ao longo dos anos?
Não sei... Às vezes, chego a pensar que há uma maldição qualquer nesta banda. [risos] O número de músicos com que trabalhei ao longo dos últimos quinze anos é inacreditável, e não há como negá-lo. No entanto, se virmos bem as coisas, se olharmos para isto tudo de uma forma fria e racional, é relativamente fácil perceber que estas mudanças acabam por ser algo natural. Afinal, quantos grupos por aí podem gabar-se de ainda manterem intacta a formação original? Acontece que, connosco, as mudanças têm sido mais frequentes e as pessoas, claro, reparam nisso. Provavelmente tem tudo a ver com o facto de que todos temos, e sempre tivemos, vidas e prioridades fora dos Norma Jean.

E a vida mete-se no caminho.
Claro, é inevitável que aconteça. Às vezes as prioridades das pessoas também mudam... É perfeitamente natural que alguém queira assentar, passar mais tempo em casa, construir uma família e uma carreira que dê realmente algum rendimento que se veja. E nós temos mais é que os apoiar, porque acima de tudo sempre fomos bons amigos antes de tudo o resto. Também há casos em que as pessoas se cansam, pura e simplesmente. A vida em *tour* não é propriamente fácil e, além disso, nem toda a gente foi feita para passar tanto tempo na estrada como nós temos passado ao longo dos anos. A verdade é que, seja qual for a razão, percebemos há muito tempo que não faz sentido nenhum estarmos a insistir para que alguém fique na banda quando sabemos que, na verdade, já não está feliz e se quer ir embora. Por esta altura, está claro que isto tem de continuar a ser divertido, por isso tem de haver boa onda entre quem está envolvido.

De todas as alterações que sofreram desde o «Polar Similar», destaca-se, claro, a ausência do Jeff Hickey, que era o vosso guitarrista principal desde 2011...
O caso do Jeff, pela sua natureza, é um pouco diferente, mas não deixa de ser mais um exemplo da vida a meter-se no nosso caminho. Ele sempre teve graves problemas com o álcool e, basicamente, sentiu necessidade de se afastar para tratar desses demónios. Ele reconheceu finalmente que tinha um problema, decidiu tratar-se e percebi que era muito mais importante apoiá-lo, como amigo, do que estar a perpetuar uma situação terrível só porque gostava de o ter na banda. E, resumidamente, foi isso. Nós temos de lidar com as situações à medida que vão surgindo... Basicamente, é o que temos feito e, às tantas, até optámos por deixar de falar publicamente do que se ia passando no seio do grupo. No final, queremos que a música fale mais alto que o resto.

É, efectivamente, o que tem acontecido e, aliás, basta ouvir o novo álbum para perceber que não vos falta inspiração.
Nesse aspecto, não me posso queixar. E é engraçado que digas isso, porque este disco foi feito um pouco mais rapidamente. Sobretudo depois de todo o tempo que se passou entre os dois últimos álbuns; foram seis anos entre o «Wrongdoers» e o «Polar Similar». Agora, com o «All Hail», voltámos aos intervalos de três anos, que parecem ser o mais comum hoje em dia. Para nós é sempre complicado, porque não nos sentamos a escrever canções. As coisas vão acontecendo, como se fossemos apenas veículos para uma energia que está no ar. Costumo dizer, por piada, que a nossa música se escreve sozinha. [risos] Acaba por ser um bocado isso, na verdade. O processo é muito caótico e nós gostamos de dar tempo às canções para crescerem. É por isso que, até termos estúdio marcado, nunca temos metas, nem *deadlines*, nem nada desse género.

"Costumo dizer, por piada, que a nossa música se escreve sozinha."

Por outro lado, também nunca começam exactamente do zero, porque devem ter sempre ideias a marinar.
Sem dúvida. Às vezes as coisas não estão a funcionar e nós, em vez de forçarmos a coisa, afastamos-nos. Depois, quando voltamos, faz tudo sentido. É estranho, *man*. Há qualquer coisa no ar, uma vibração, que não somos só nós. Para o novo disco gravámos um tema em que já estávamos a trabalhar para o «Polar Similar», mas que nunca completámos porque havia umas partes com que não estávamos 100% satisfeitos. Nem sequer tentámos gravá-lo na altura, mas ficou a marinar e, quando lhe pegámos desta vez, ficou pronto numa hora.

Já disseste que vês o «Polar Similar» como o fecho de uma fase. Porquê?
As coisas não foram planeadas assim, mas aconteceu. É mais uma daquelas coisas para as quais não tenho uma explicação racional, mas... Sendo que as músicas se escrevem a elas próprias, os álbuns também se escrevem da mesma forma e, apesar de gostar de pensar que temos uma identidade bem definida, já passámos por várias fases, que são reflexo de diferentes inspirações, de diferentes formações e de diferentes períodos nas nossas vidas. Para mim, olhando para trás e para o que fizemos agora, é como se os dois últimos discos fossem gémeos, no sentido em que foi o «Wrongdoers» que nos permitiu fazermos depois o «Polar Similar». Foi como se neste último tivéssemos concretizado tudo o que queríamos fazer com o anterior e, a partir do momento em que chegámos lá, o passo seguinte teria de ser o início de uma nova fase.

Como traduzirias por palavras essa fase que começa agora, então? Houve algo que tivessem feito conscientemente de forma diferente?
Queríamos fazer um disco que englobasse tudo o que fizemos ao longo da nossa carreira mas, claro, com um *twist*, porque também não gostamos de estar apenas a repetir o que já fizemos. Além disso, o objectivo passava por conseguirmos ter uma presença maior em termos de som e trabalhámos com o Will Putney por causa disso; é um tipo cheio de boas ideias e revelou-se a escolha acertada como produtor para este disco. Na verdade nunca nos tínhamos cruzado antes, e eu fico sempre de pé atrás quando as pessoas falam em químicas instantâneas, mas a verdade é que se criou uma centelha de inspiração logo no primeiro momento em que começámos a trabalhar. Tratámo-lo como se fosse um membro efectivo do grupo, pelo que acabou por ter uma importância muito grande no resultado final.

Por esta altura, os Norma Jean já não incluem um único elemento da formação original. O que vos faz continuarem?
É a tal coisa... Nós, por esta altura, abraçamos a mudança – é que nem sequer tentamos contorná-la. [risos] E sim, às vezes é esgotante andar à procura de músicos novos, todo esse processo de audições e ensaios pode ser cansativo mas, por outro lado, também é muito inspirador. O facto de ir trabalhando com outras pessoas inspira-me, sem dúvida... E continuo a ter uma necessidade enorme de criar, sobretudo neste contexto específico, por isso nunca vi uma razão válida para pararmos. Voltando ao que falávamos; no momento em que deixar de ser divertido, ou em que sentirmos que não temos nada de válido para dizer ou acrescentar, aí vai deixar de fazer sentido continuarmos. Esse será o momento em que os Norma Jean vão chegar, efectivamente, ao fim. Até lá, vamos continuar por aqui.

ALCEST

No recém editado sexto longa-duração, «Spiritual Instinct», os ALCEST de Neige encetaram um parcial regresso ao peso passado. Parcial, porque os devaneios shoegaze continuam presentes, e também porque a forma assumida pela componente pesada é manifestamente diferente da de outrora. No fundo, indo de encontro à filosofia de nunca repetir discos, veiculada pelo baterista Winterhalter numa conversa com a LOUD! em que nos ajudou a levantar o véu por trás do novo álbum.

LUÍS PIRES ANDY JULIA

INSTINTIVA E TRABALHOSA ESPIRITUALIDADE

Já há algum tempo que não lançavam um disco tão pesado como o «Spiritual Instinct». Como é que foi voltar a tocar bateria com riffs mais metálicos no contexto dos Alcest?
Bem, algumas das canções do «Kodama» eram tão pesadas como estas, mas cada disco dos Alcest é um desafio porque nunca são pesadas da mesma forma. Nos Alcest, a bateria está ao serviço da música, das dinâmicas e emoções, pelo que a parte difícil é tocar menos e cingir-me ao essencial. Não é uma banda em que queiramos ser técnicos ou demonstrativos com o nosso instrumento. Dito isto, foi realmente refrescante e divertido poder voltar a atacar umas partes de forma mais metal.

Imagino que as dinâmicas rítmicas do disco resultam da tua interpretação criativa e interacção com as composições do Neige. Como é que vês a evolução dessa relação ao longo dos anos?
Sim, essas dinâmicas estão ligadas às composições dele, a bateria está aqui para suportar a música. Enquanto baterista proveniente duma cena mais extrema, ao início era um tipo de música completamente nova para mim. Foram anos a conversar, a tocar juntos, a gravar, a ir em digressão, e a escrever canções para que conseguíssemos trabalhar bem juntos. Como os Alcest começaram como um projecto a solo, não foi fácil ser o outro gajo. Este é o bebé do Neige e demorou anos a estabelecer essa confiança mútua. Agora que tocamos juntos há dez anos nos Alcest, e ainda há mais tempo se contarmos com os Amesoeurs, acho que desenvolvemos uma forma muito confortável de trabalhar e isso é muito agradável!

O Neige descreveu a escrita do álbum como algo catártico, dizendo mesmo que sentia que havia algo dentro dele a precisar de sair. Parte da escrita aconteceu durante a digressão do «Kodama». Lembras-te da disposição dele na altura? Até que ponto é que vês uma ligação entre esse período e o que escutamos no disco?
Como sabes, a *tour* do «Kodama» estendeu-se por quase três anos com muito poucas pausas. Estas digressões podem ser óptimas e divertidas, mas também se torna difícil estar tanto tempo longe da família. Mesmo quando estás rodeado por dezenas de pessoas, acabas a sentir-te sozinho. Nos últimos anos tivemos mesmo muito poucas pausas que nos permitissem descansar, reflectir, ou simplesmente estar em casa, e isso faz com que te percas a ti mesmo facilmente. Acho que o «Spiritual Instinct» ajudou o Neige enquanto veículo catártico, não só no lidar com essas frustações e sentimentos, mas também no canalizar de ocasiões de júbilo puro. Penso que reflecte uma série dessas batalhas internas, e também a constante procura por algo mais.

Ele também mencionou que o processo subjacente ao álbum foi bastante longo e penoso. Entre a escrita, os arranjos, a gravação em si, e a produção, como é que se divide a origem dessa complicação?
O álbum consumiu imenso tempo e energia em todas as fases. A escrita em si aconteceu em rajadas entre digressões, e depois disso tivemos de ensaiar e criar os arranjos. Como não vivemos no mesmo sítio, isso torna-se complicado e consome tempo, mas permitiu-nos ganhar perspectiva e reflectir no trabalho. As gravações duraram meses, mesmo tendo uma ideia precisa do que queríamos. Decidimos gravar a bateria numa sala específica, como no «Kodama», mas queríamos um som mais explosivo, por isso em vez de usarmos o som natural da sala, enfiámos um estúdio inteiro na sala, só mesmo porque tinha o som certo! Para as guitarras, fizemos imensas experiências e investigações no estúdio. O som de guitarra pode mudar drasticamente o tom e a cor de uma canção, ou parte dela, e encontrar o que queres pode demorar horas ou dias. Acima de tudo, tens de te lembrar que não somos uma banda normal, em que tens quatro ou cinco pessoas no estúdio. O Neige grava tudo menos a bateria, pelo que podes imaginar a fadiga e exaustão. Como somos só os dois, tento apoiá-lo da melhor forma possível. Finalmente, a forma como gravámos implica termos o equipamento todo pronto qualquer que seja o instrumento que estamos a captar, temos de limpar os gravadores várias vezes por dia e não é fácil ter acesso às músicas, por causa das limitações do analógico. Essas limitações estendem-se à mesa de som e obrigam-te a anotar os *settings* de cada malha: se estiveres encravado numa e quiseres mudar, tens de escrever tudo, limpar o gravador, mudar a fita, e alterar tudo de novo. Nisto, perdeste duas horas. [risos] Foi um período longo, com todo o cansaço, dúvidas, e emoções que podes imaginar!

Apesar do tal regresso de elementos mais pesados, parece-me que nem o lado mais pesado nem o mais leve são uma mera reprodução do que fizeram antes, havendo um incremento claro de post metal. Como vês este passo recente na vossa evolução?
Tentamos nunca fazer o mesmo disco duas vezes, é por isso que a nossa discografia é tão eclética, porque estamos sempre a tentar criar algo novo e artístico, o que pode ser difícil para quem nos quer encaixar numa simples categoria. Há realmente partes do «Spiritual Instinct» que são mais pesadas do que o habitual, mas se ouvires todos os discos, é algo que está sempre lá, porventura menos visível, mas sempre lá. É outro lado do som dos Alcest, como que o lado diferente de uma pedra, continua a ser a mesma banda, mas podemos mostrar mais do que uma faceta.

Essa constante mutação não torna complicada a elaboração dos alinhamentos para as digressões?
Sim, os alinhamentos são sempre difíceis de criar e depois de seis discos, torna-se ainda mais complicado, e a duração da maioria das músicas dos Alcest não ajuda. [risos] A maior parte das vezes mudamos o alinhamento várias vezes durante os ensaios antes da digressão e isso também pode acontecer já na estrada. Com este tipo de música pesada, pode ser difícil manter uma audiência investida durante 45 minutos e é muito importante introduzir dinâmicas e atmosferas diferentes para o conseguir. Para mim, a banda tem de funcionar de forma diferente ao vivo, tem de ser mais enérgética e *catchy*. É uma versão mais arriscada, em que podem acontecer erros e problemas técnicos, mas essa espontaneidade é parte da beleza da coisa.

A edição *deluxe* do álbum tem remisturas feitas pelo Perturbator e pelo Ben Chisholm. O resultado está dentro do que esperavam ou houve alguma surpresa?
O trabalho deles surpreendeu-me e deixou-me boquiaberto, para te ser sincero. Assim que as ouvires, vais aperceber imediatamente do toque e do sentimento deles na nossa música. Quando nos mandaram as versões, não tivemos nada a dizer para além de "*wow*, isto está incrível!" Eu tenho tendência a ficar desiludido com remisturas, particularmente quando só mudam uma coisa ou outra, e este é o tipo de situação em que eu lhes chamaria versões e não remisturas, visto que mudaram completamente cada canção, desde o ambiente até, em alguns pontos, a estrutura. Tenho imenso respeito pelos dois e pelo talento deles, e é sempre um prazer encontrá-los num festival.

Há umas semanas, estrearam a «Sapphire» e a «Protection» ao vivo numa colaboração com o Perturbator. Sentes que há uma boa ligação artística entre ti, o Neige, e o James Kent?
Sem dúvida, ambas as bandas ouvem a música dos outros e somos amigos. Foi um prazer enorme ensaiar com essa malta e ter a oportunidade de partilhar o palco com eles, espero que volte a acontecer no futuro! Gostei muito de falar com o James e com o Dylan [baterista de I, The Omniscient, membro de Perturbator ao vivo], de partilhar umas cervejas e ideias. A parte de tocarmos juntos foi um desafio por se tratarem de músicas e cenas completamente distintas, mas mas acabou por ser bastante natural e divertido, revelando que

"É outro lado do som dos Alcest, como que o lado diferente de uma pedra."

SEE YOU SPACE COWBOY

FERIDAS ABERTAS

Com apenas três anos de atividade, os norte-americanos SEEYOUSPACECOWBOY são motivo de falatório pelos meandros do metalcore e do screamo, quer pela forma como não encaixam em qualquer dos géneros, embora recebam aplausos vindos de quase todos os quadrantes, quer pela forte mensagem ideológica que carregam e pela atitude controversa que assumem com a sua postura e as suas letras. «The Correlation Between Entrance And Exit Wounds» marca a estreia da banda no formato de longa-duração e deu o mote para uma conversa com o guitarrista Jesse Price.

RICARDO AGOSTINHO

Fala-nos um pouco mais de «The Correlation Between Entrance And Exit Wounds». Como foi o vosso trajecto enquanto banda até chegarem à edição deste álbum de estreia, que é sempre um marco importante?
Quando andávamos em conversações com a editora Pure Noise para a edição do EP «Songs For The Firing Squad», escrevemos mais duas canções para a reedição de algum material antigo, e foi nessa altura que começámos a achar que o nosso som estava a mudar, e que afinal de contas já não fazia grande sentido editarmos algo que já não nos representasse ou que soasse desequilibrado. Desistimos então dessas reedições e virámos atenções para a escrita de um álbum a sério. A nossa sonoridade foi adquirindo um lado melódico e catártico mais proeminente, bebendo cada vez mais influências de bandas metalcore que nos levaram a fazer música e isso acabou por resultar num processo criativo muito fluído, que rapidamente conduziu à criação deste

disco, do qual estamos agora muito orgulhosos. Tomámos a decisão acertada.

A vossa música carrega uma forte mensagem relacionada com as questões LGBT, anti-racismo e anti-capitalismo. Nos dias que correm, achas que a música ainda pode ser um veículo privilegiado para agitar consciências e transmitir uma mensagem?
Acho que se tens algo a dizer, e se defendes ideologias que consideras importantes passar a outras pessoas, então deves fazê-lo através de qualquer plataforma que esteja ao teu alcance. No nosso caso, é através da música que o fazemos. Acredito que as mensagens transmitidas através da música ainda podem ajudar a gerar mudanças na mente e atitude das pessoas, colmatando inclusive lacunas ao nível da educação dessas mesmas pessoas que, se não for de outra forma, pelo menos que bebam alguma informação importante através da música de que gostam. Mesmo que não seja esse o único veículo, é algo que pode até despoletar o ímpeto de procurar mais informação sobre um determinado assunto que lhes desperte interesse. Para ajudar as pessoas a serem melhores, tudo conta.

A masculinidade tóxica, as questões de género e a marginalização associada a opções diferentes são igualmente uma boa parte da ideologia que vos caracteriza enquanto banda e enquanto indivíduos. Sentem que conseguem chegar e ajudar de alguma forma pessoas que lidem com esse tipo de questões e problemas, ao levá-las a encontrar em vós um elemento com que se possam identificar?
Sinceramente, não gosto assim tanto da ideia de seguir ídolos, heróis ou seja o que for. É muito mais importante o passar da mensagem e das ideias do que qualquer tipo de identificação pessoal seja com quem for. Mas claro que sim, é inevitável que isso aconteça, e já tivemos muitas pessoas a virem ter connosco para nos transmitirem a importância que a nossa música e a nossa mensagem assumiu nas suas vidas, ao ponto de as ajudar a lidar e a aceitar plenamente condições que escondiam dos outros e que os envergonhavam ou retraíam. Não há como não ficar sensibilizado ao tomar contacto com as histórias das pessoas e com algum efeito positivo que a nossa música possa ter tido nelas. Acredito que a nossa atitude possa dar um pequeno contributo para que pessoas com opções diferentes possam encontrar outras com que se identifiquem, sim, mas acredito sobretudo que as pessoas devem ser fortes e determinadas o suficiente para assumirem as suas escolhas, sem muletas para o efeito e sem se esconderem atrás de uma banda ou do que quer que seja. Nós só as tentamos encorajar a chegar a esse ponto.

Continuam a aborrecer-se quando alguém vos categoriza como uma banda de screamo?
[risos] Não, nem por isso. Usámos isso como uma brincadeira quando nos vimos constantemente a tocar com bandas de screamo, em concertos de screamo, para o público de screamo, quando não nos consideramos uma banda de screamo. Não nos encaixamos nesse género, na nossa opinião, de maneira nenhuma, mas as pessoas são livres de acharem o que quiserem, e não nos ofende que nos encaixem no mesmo.

"As mensagens transmitidas através da música ainda podem ajudar a gerar mudanças na mente e atitude das pessoas."

Já percebemos que não vestem a camisola do screamo, preferindo classificar a vossa sonoridade como sasscore. Para quem não sabe, que género/movimento é esse?
Bem, no fundo é um género que tem na sua base o metalcore e o hardcore, e que baseia as suas letras em assuntos mais explícitos e que injectam alguma bizarria na sua sonoridade. Sinceramente já nos revimos mais nesse movimento, e com este álbum já não levamos as coisas a alguns dos extremos a que levámos no passado, mas ainda continua a dar-nos gozo provocar as pessoas, e dar-lhes o inesperado.

Estão neste momento em digressão pelos Estados Unidos. Iremos receber-vos na Europa?
Infelizmente, e por enquanto, não temos qualquer plano concreto para irmos tocar à Europa. Vamos ver como correm as coisas com o disco e o que o futuro nos poderá proporcionar. Esperamos ver-vos em breve!

Goste-se ou não do filme, a verdade é que só uma banda como os MAYHEM poderia alguma vez ter inspirado um *biopic* Hollywoodesco. A história atribulada e sobejamente conhecida dos noruegueses está no centro do que é o black metal e, no fundo, do que é a música extrema. Mesmo com menos polémicas e – felizmente – com toda a gente viva e de boa saúde deste lado do século XXI, o crucial colectivo nórdico continua a exalar uma aura de descontrolo e perigo, e tem neste momento uma dimensão e uma importância talvez maiores do que nunca. Depois de alguns anos a recriar, finalmente, o seu ultra-clássico «De Mysteriis Dom Sathanas» em palcos por todo o mundo, com um sucesso estrondoso, os Mayhem evocam agora «Daemon». É apenas o sexto longa-duração da sua carreira, e serviu de mote a uma conversa tipicamente explosiva e sem concessões com o fundador Jørn Stubberud, aka *"old J"*, aka Necrobutcher. Preparem-se.

JOSÉ CARLOS SANTOS ESTER SEGARRA, STEFAN RADUTA

DESENTERRADOS PELO TEMPO

Para começar, vamos lá falar do «Daemon». Estás satisfeito com o álbum?
Estou, porque finalmente não é um *concept album*! Começou como tal, na cabeça do Teloch, mas depois evoluiu. O nosso outro guitarrista, o Ghul, ou Charles Hedger, tem sido uma *hired gun* nos Mayhem desde há muito tempo. Disse-lhe a certa altura que ele poderia vir a ter os seus próprios temas e que seria então um membro definitivo dos Mayhem. Já tentei fazer isso com o «Esoteric Warfare», há seis anos – ou já são sete? – mas o Teloch tinha o conceito todo pronto e cheguei tarde demais. Na verdade, o Ghul gravou três ou quatro temas na Hungria por volta dessa altura, numa *demo tape*, mas nunca os chegámos a usar, porque o álbum acabou mesmo por ser todo um conceito, e o Attila escreveu as letras todas e o Teloch a música toda. Mas desta vez, conseguimos envolver todos os membros da banda na escrita. O Ghul contribuiu com quatro temas e o Teloch com oito, musicalmente. Em relação às letras, eu tenho escrito letras a minha vida inteira. Escrevi todas nos anos do «Deathcrush» e do «Pure Fucking Armageddon», e também consegui que entrasse a minha «Cursed In Eternity» no «De Mysteriis Dom Sathanas», porque o Pelle [Dead] a deixou no meio dos textos dele. Mas depois disso, têm sido conceitos atrás de conceitos e sempre me foi dito que as minhas letras não tinham lugar. Finalmente estou "de volta" à escrita, e contribui com a letra para a «Bad Blood». Já era altura. Todo o resto da banda contribuiu com alguma coisa, o que já não acontecia há 30 anos. Estou muito feliz. Bom, feliz não é o termo… Agradado? [risos]

Essa contribuição de todos fez com que os temas fossem mais variados, achas?
Acho que sim, e são realmente muito mais variados entre si do que é costume. Muito mais. Queria que tivessemos temas com mais personalidade desta vez. Acho que as canções devem ter os seus próprios pontos fortes, devem ser capazes de sobreviver sozinhas. Gosto de variações de *tempo* e coisas desse género, dentro do mesmo álbum. Mesmo que fosse um *concept album*, acho que isso deve sempre acontecer. O meu argumento para sustentar isso sempre foi que, quando os Mayhem entram em estúdio, as gravações vão sempre soar a Mayhem. É o mesmo equipamento, são os mesmos estúdios – mesmo que utilizemos quatro estúdios diferentes actual-

mente – e vão ser produzidos e misturados pelas mesmas pessoas. E, claro, tocados por nós. Por isso mesmo que os temas sejam diferentes uns dos outros, tudo vai ser Mayhem. Como tal, acho que agora estamos a ir na direcção em que sempre devíamos ter ido, com a liberdade artística para fazer exactamente aquilo que bem entendemos. A liberdade é difícil de aceitar. Já me disseram para não me meter na escrita da música, e até já me disseram para não fazer entrevistas!

O que obviamente não resultou, e ainda bem. Porque achas que te pediram isso?
Algumas pessoas no passado, nos Mayhem, sentiram-se ameaçadas aqui pelo "*old J*". Quando na verdade fui eu que contratei estes cabrões todos, que depois acabaram a apunhalar-me pelas costas. Acho que se pode dizer com segurança que todos os membros dos Mayhem já foram uns merdas em determinada altura da nossa carreira. Basta pensar no maior merdas de todos, o Øystein Aarseth, que tirou fotos de um amigo morto, por exemplo. Que traição! Ou quando no auge de uma carreira, as pessoas nos abandonaram e começaram a dizer à imprensa que a banda tinha acabado, como o Blasphemer fez há onze anos atrás. Ou o Maniac, que começou a dizer que ia cagar para nós quando julgava que ia ser uma vedeta com as ideias estúpidas de superbandas que tinha com o Phil Anselmo. Não me interessam as merdas destas pessoas, que me andam a tentar foder há anos. Agora posso dizer à imprensa à vontade que estas pessoas são todas *fuckers*!

"Algumas pessoas no passado, nos Mayhem, sentiram-se ameaçadas por mim. Quando na verdade fui eu que contratei estes cabrões todos, que depois acabaram a apunhalar-me pelas costas."

Guardas rancor de todos os que mencionaste, ainda?
Não diria que o Blasphemer me quis foder. Mas o Maniac quis. E mesmo nos primeiros anos, a maior parte das pessoas não tinha fé nenhuma em nós e deixou-nos porque não íamos a lado nenhum. O "Billy" Messiah, o Manheim, todos nos deixaram porque não tínhamos futuro. Olha para esses merdas agora, todos numa banda de tributo chamada Order, que só toca temas dos Mayhem. A certa altura descubro que vão ter uma digressão do «Deathcrush» na América do Sul? Eu disse-lhes que estava de olho neles, para não fazerem nada estúpido. Tentaram justificar a coisa trazendo o Maniac, para terem mais membros dos anos 80 na formação do que os Mayhem têm hoje em dia. Liguei ao Manheim e disse-lhe, ok, podes fazer o que quiseres, mas se eu vir que estás a vender *merch* com o nome dos Mayhem, ou alguma coisa com a capa do «Deathcrush», essas coisas são propriedade nossa e estás morto se fizeres isso. Acho que acabaram por desistir desse brilhante plano de serem estrelas de rock aos 50 anos. Com as minhas canções! São todos traidores e pessoas de merda. Tentaram foder os Mayhem, mas eu ainda aqui estou e não vou a lado nenhum.

O sucesso actual dos Mayhem acaba por ser uma espécie de vingança tua em relação a essas pessoas?
Cada *tour* é uma vingança. Cada disco, cada concerto que damos, é isso. É uma das razões para ainda fazer isto. Para ainda achar que ainda temos muito que cumprir. Para além disso, há muitos países onde nunca tocámos com os Mayhem. China, Índia, Islândia, Chipre... temos imensos países em falta, e não vou descansar enquanto não tocarmos lá também. Neste momento temos 58 países visitados. Acabámos de confirmar um concerto no Chipre, e vai haver um festival na Islândia também, portanto vamos chegar à marca dos 60 no início de 2020. Espero ter chegado aos 70 quando terminar o período de digressão do «Daemon».

Sempre com muitas experiências curiosas pelo meio, não é?
Sim, claro. Encontramos sempre gente interessante. Por exemplo, num festival na Escócia, durante a *tour* do «De Mysteriis...» em que andámos nos últimos anos, tocámos com os Venom. Não os do Cronos, os outros...

Os Venom Inc., não é?
Isso. Eu sou amigo de ambos os "campos", já estive com eles várias vezes, e dá-me a sensação que eles se toleram bem uns aos outros, riem-se uns dos outros e contam histórias engraçadas. Há uns anos sentei-me ao lado do Cronos num voo da Noruega para França, e tivemos uma conversa longa e muito interessante. Perguntei-lhe o que é que ele achava desta cena dos Venom Inc. com o Mantas e com o Abaddon, e o comentário dele foi: "*sabes o que é que quer dizer o Inc? In Need of Cash!*" [risos] Mas conheci o Mantas e o pessoal dele, e não me parece que seja só pelo dinheiro, é também pelo prazer de tocar. É uma rivalidade gira que eles têm, e é bom vê-los todos activos. É como se o círculo se completasse. Foram eles que começaram isto tudo nos anos 80.

Para ti, black metal sempre foi Venom, não é?
Só Venom, mesmo. Todos estes jornalistas ao longo dos anos, que marcaram os Mayhem como sendo uma banda de black metal... Na altura não nos chamávamos isso. Usávamos o termo brutal metal, ou só música agressiva, tínhamos várias formas de nos descrevermos, mas black metal pertencia aos Venom. Éramos fãs tão

grandes deles que nem queríamos tocar nisso. Esse nome é exclusivo deles, foram eles que o inventaram. Mas ao fim de algum tempo os *media*, e toda a gente, começaram a classificar o que estávamos a fazer como black metal. Então eu desisti. Se temos que ser categorizados assim nas lojas de discos para as pessoas nos encontrarem, então seja. Acho que foi por aí que começou esta cena toda na Noruega, quando todas estas bandas começaram a ser postas na mesma categoria, de repente tudo era black metal.

Sempre te sentiste um *outsider* nessa cena?
Sim, porque nós começámos mais como uma banda de punk metal, com o «Deathcrush» e isso tudo. O «De Mysteriis Dom Sathanas» foi o reflexo de como nos sentíamos naquela altura, e no estúdio, a gravá-lo, recebemos elogios dos técnicos e das pessoas que lá trabalhavam, que não faziam ideia do que estavam a fazer, para ser sincero. Podemos dizer isso agora, porque nós fomos pioneiros, ninguém poderia saber o que estava a fazer. Mesmo que agora digam que sabiam, é mentira. Quando este tipo, o Pytten, vem agora dizer que gravar esse disco foi o momento mais alto da carreira dele como engenheiro de som, eu fico a pensar, é estranho dizeres isso agora! Porque quando precisávamos da tua ajuda nos 90s, quando a merda toda estava a acontecer, não te ouvimos a dizer nada! Nessa altura não era o teu momento mais alto, pois não, meu monte de merda? Esse Pytten, pode-me vir beijar o rabo. Aliás, pode beijar a minha merda!

Que é muito pior?
Acho que é muito pior, sim. [risos]

Já percebi porque é que há gente que tem medo das tuas entrevistas. [risos]
Estas pessoas irritam-me, é só isso. São obviamente pessoas falsas que agora querem brilhar à custa da merda porque nós passámos. Felizmente ainda estou por aqui para relembrar toda a gente que agora tenta levantar a cabeça e aproveitar-se de nós que os vou mandar abaixo sempre que possível. Fiquem no lixo onde vocês pertencem.

Alguma vez te sentiste parte de alguma comunidade? O chamado black metal norueguês alguma vez fez parte da tua identidade?
O «De Mysteriis…» foi definido como black metal norueguês, porque toda a gente copiou esse álbum, todas as outras bandas. Ouve os Emperor, os Darkthrone, os Satyricon, os Gorgoroth, seja quem for. Os Dimmu Borgir, por exemplo. Percebe-se perfeitamente que começaram a tentar fazer o *picking* como o Euronymous e o Snorre/Blackthorn faziam. Tentaram ter o mesmo som que nós, e por isso começaram a ir todos ao Grieghallen. Foram lá todos! Mas nos Mayhem, quando fizemos os nossos álbuns seguintes, como o «Wolf's Lair Abyss» ou o «Grand Declaration Of War», já estávamos noutra fase e já não soavam nada como esse disco marcante que escrevemos em 1988 e que saiu em 1994. Não nos definiu de forma alguma, como parece ter feito para todas essas outras bandas. Tem sido engraçado vê-los, até bandas suecas como os Marduk e essa merda toda, a gravarem o mesmo álbum vezes sem conta durante 30 anos. Primeiro copiaram o nosso álbum, e depois copiaram-se a eles próprios consecutivamente, até hoje. Continua a acontecer, e é a isso que se chama black metal norueguês. Mesmo para as bandas suecas. [risos] É engraçado, e gosto de fazer notar isso, tentar com que as pessoas parem um bocadinho para pensar nas coisas.

"Na altura não nos chamávamos black metal. Usávamos o termo brutal metal, ou só música agressiva, tínhamos várias formas de nos descrevermos, mas black metal pertencia aos Venom. Éramos fãs tão grandes deles que nem queríamos tocar nisso."

Álbuns todos diferentes uns dos outros, e poucos, também. O «Daemon» é só o sexto da vossa carreira. Sentes algum tipo de pressão ou responsabilidade, por cada álbum vosso ser ainda uma espécie de acontecimento raro?
Não, nada desse género. Tenho é muito orgulho que o nosso percurso tenha sido esse, nunca caímos no mesmo tipo de armadilhas que muitas outras bandas e artistas, que lançam álbuns todos os anos porque têm um contrato, ou porque precisam de dinheiro, ou, sei lá, se calhar são mesmo tão fantasticamente criativos que querem mesmo fazer discos todos os anos. Quem sabe? Mas o mais provável é que acabem a repetir-se, que as coisas acabem por soar todas ao mesmo. E é disso que tenho orgulho. Não temos muitos álbuns, mas são todos únicos. Dito isto, eu diria que temos oito. O «Deathcrush» e o «Wolf's Lair Abyss» facilmente poderiam ter sido álbuns, mas não tivemos tempo para isso. Não quisemos esperar por ter mais um ou dois temas para que lhes pudessemos chamar "álbuns", em vez de mini-álbuns ou EPs. Nunca pensámos que isso fosse interessar. Por acaso às vezes irrito-me comigo próprio por não ter dado importância a isso. Podíamos perfeitamente ter esperado e escrito mais um tema ou dois e hoje em dia eram *full-lengths*, mas pronto.

O tempo que vocês costumam demorar entre álbuns também ajuda a que sejam todos bastante diferentes?
A nossa norma tem sido mais ou menos lançar de seis em seis anos, e esse tempo faz realmente com que estejamos todos num sítio completamente diferente de lança-

mento para lançamento, seja artisticamente, musicalmente ou pessoalmente. O mundo está diferente, também. Para além disso, como é óbvio, já mudámos algumas vezes de compositores durante a nossa história de 35 anos. Mas tudo é Mayhem. Eu ainda estou aqui, outros como o Hellhammer, que está connosco desde 1988, nós assegurámos essa continuidade. Por causa de todos os problemas, como pessoas a morrer e a matarem-se, temos sempre demorado bastante tempo a fazer as coisas, mas isso proporcionou resultados positivos, e é disso que tenho orgulho hoje em dia. Editámos álbuns só quando estávamos prontos para o fazer, só quando achámos que tínhamos algo de valor para partilhar.

E desde o «Esoteric Warfare», boa parte da vossa actividade tem sido preenchida pelas *performances* do «De Mysteriis Dom Sathanas». Achas que isso teve alguma influência no resultado do «Daemon»?
Sabes que esta já é a minha 14.ª entrevista para este álbum, e tem piada que toda a gente tocou nesse assunto. Se calhar há mesmo qualquer coisa aí! Bom, antes de mais, não é segredo nenhum que o Teloch é um grande fã dos Mayhem. Foi por isso que o contratámos. Aliás, nós já o tínhamos tentado contratar quando ele estava nos Gorgoroth, logo a seguir ao Blasphemer ter saído, mas ele ainda tinha obrigações a cumprir com eles. Por isso eu sei que ele está "manchado", por ter crescido aqui, a ouvir esse álbum em particular. O Charles é um guitarrista de formação clássica, mas também grande fã dos Mayhem. Ambos ficaram extremamente entusiasmados pela oportunidade de fazer finalmente esta *tour* celebratória…

"Finalmente" quer dizer que já tinha havido tentativas?
Muitas. Esta foi só a primeira vez em que pudémos aceitar. Quando o Blasphemer estava na banda, ele nunca quis fazer isto. Ele não queria tocar os temas do «De Mysteriis…», porque o lembravam do Euronymous e ele odiava isso. Nem queria tocar um que fosse, odiava a «Freezing Moon» até. Mesmo quando o Attila regressou à banda, não se podia falar de tocar esses temas, porque o Blasphemer ainda aqui estava. Quando ele desapareceu, o meu primeiro pensamento foi de que íamos finalmente fazer essa *world tour*! Mas depois veio o «Esoteric Warfare» e tivemos que fazer isso tudo primeiro. Quando essa fase terminou, as alternativas eram fazer mais um álbum, ou finalmente ir tocar o «De Mysteriis…» pelo mundo, e aí dei um murro na mesa e finalmente fomos fazer isso. Tem sido incrível, um sucesso enorme, e todos os fãs adoraram. Demos-lhes exactamente o que eles queriam, acho eu. Até para mim, era altamente necessário fazer isto, por muitas, *muitas* razões. Ou seja, para finalmente responder à tua pergunta – já tocámos o álbum ao vivo mais de 200 vezes, durante um período de mais de três anos. Se nada disso tivesse tido influência na música que escrevemos, sendo os nossos principais compositores, eles próprios, fãs do álbum da forma que são, acho que teria sido muito estranho. Mesmo não tendo sido uma influência consciente, foi algo decorrente da situação. Sim, talvez o «Daemon» vá relembrar as pessoas do «De Mysteriis…» aqui e ali. Mas isso é bom. Não tem problema nenhum. No máximo, só quer dizer que sim, ainda somos os Mayhem, e ainda soamos aos Mayhem. Há crítica melhor que essa?

"Talvez o «Daemon» vá relembrar as pessoas do «De Mysteriis…» aqui e ali. Mas isso é bom. Só quer dizer que sim, ainda somos os Mayhem, e ainda soamos aos Mayhem."

MAYHEM

DAEMON

OUT NOW!

The most notorious black metal band of all time is back with a new opus! Lovers of 'De Mysteriis Dom Sathanas' you'll bent the knee for 'Daemon'!

LEPROUS

PITFALLS

OUT NOW!

LEPROUS return with their sixth and most ambitious studio album! "Pitfalls" was recorded with David Castillo at Ghostward Studios (Opeth, Katatonia) and mixed by Adam Noble (Placebo, Biffy Clyro)

TRIBULATION

ALIVE & DEAD AT SÖDRA TEATERN

OUT NOVEMBER 15TH

Tribulation in the flesh. Live on stage. In front of a seated audience. At one of Stockholm's oldest and most storied venues! Feat. the band's latest album "Down Below" performed in its entirety, plus a second set of songs from previous albums.

HIDEOUS DIVINITY

SIMULACRUM

OUT NOVEMBER 8TH

Relentless Brutal Death Metal onslaught delivered with jaw-dropping technical finesse!

Featuring Stefano Franceschini from ABORTED on bass

MASS WORSHIP

MASS WORSHIP

OUT NOW!

Heavy riffs out of the Scandinavian darkness!

STEVE HACKETT

GENESIS REVISITED BAND & ORCHESTRA: LIVE

OUT NOW!

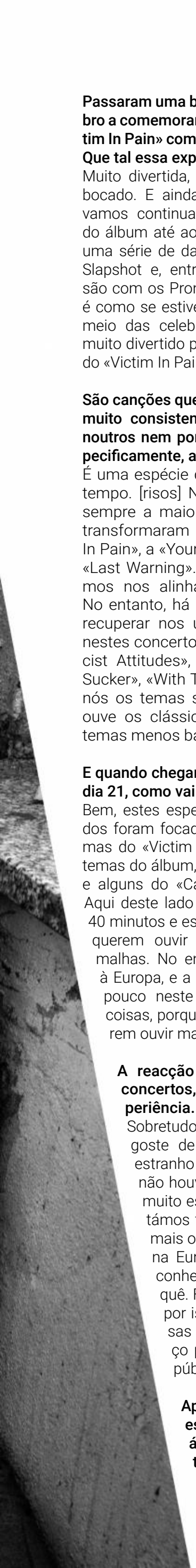
Recorded in October 2018 at London's Royal Festival Hall, feat. classic Genesis & Steve Hackett solo material performed alongside a 42-piece orchestra!

AGNOSTIC FRONT

Este ano comemora-se já o 35.º aniversário da edição de «Victim In Pain», um dos discos mais icónicos e influentes do cenário hardcore – mais concretamente do NYHC, a vertente saída do decadente Lower East Side de Nova Iorque durante os anos 80 e que, graças ao sucesso de bandas como os AGNOSTIC FRONT, acabou por estender os seus tentáculos por todo o mundo. Hoje, o «Victim In Pain» é visto como um clássico, pedra basilar de todo um subgénero da música pesada e, apesar de terem atingido o estatuto de veteranos lendários, Roger Miret e Vinnie Stigma continuam a trabalhar no duro para espalhar a sua palavra. Dúvidas restassem, enquanto ainda andam na estrada a comemorar a efeméride, aqui está «Get Loud!», mais um potentíssimo petardo assinado por uma banda pela qual o tempo parece não passar. Sobre o passado e o presente, conversámos com o vocalista nascido em Cuba e criado nas ruas selvagens da "Grande Maçã".

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES JOERG BAUMGARTEN

A UMA SÓ VOZ!



Passaram uma boa parte do mês de Setembro a comemorar o 35.º aniversário do «Victim In Pain» com a *tour* nos Estados Unidos. Que tal essa experiência?
Muito divertida, passámos todos um bom bocado. E ainda não terminámos, porque vamos continuar a celebrar o aniversário do álbum até ao final do ano. Vamos fazer uma série de datas em Dezembro com os Slapshot e, entretanto, vamos em digressão com os Prong na costa Oeste, por isso é como se estivéssemos mais ou menos a meio das celebrações. Tem sido mesmo muito divertido pegar em algum do material do «Victim In Pain».

São canções que têm tocado de uma forma muito consistente em vários casos, mas noutros nem por isso. Como foi voltar, especificamente, a essas?
É uma espécie de viagem na máquina do tempo. [risos] Na verdade, temos tocado sempre a maioria dos temas, porque se transformaram nos "clássicos". A «Victim In Pain», a «Your Mistake», «Blind Justice», «Last Warning»... São canções que incluímos nos alinhamentos frequentemente. No entanto, há outras que começámos a recuperar nos últimos tempos a pensar nestes concertos, como é o caso de «Fascist Attitudes», «Hiding Inside», «Society Sucker», «With Time»... É fixe, porque para nós os temas soam frescos e o público ouve os clássicos, mas também alguns temas menos batidos.

E quando chegarem a Portugal, no próximo dia 21, como vai ser o concerto?
Bem, estes espectáculos nos Estados Unidos foram focados essencialmente nos temas do «Victim In Pain», temos tocado os temas do álbum, porque os sabemos todos, e alguns do «Cause For Alarm» e pronto. Aqui deste lado é mesmo assim, tocamos 40 minutos e estamos despachados – eles querem ouvir essencialmente só essas malhas. No entanto, quando chegarmos à Europa, e a Portugal, vamos mexer um pouco neste alinhamento, misturar as coisas, porque as pessoas também querem ouvir material dos outros discos.

A reacção do público, nos vossos concertos, é parte essencial da experiência.
Sobretudo para nós! Por muito que goste de tocar estes temas, seria estranho se estivesse num palco e não houvesse reacção. Seria muito, muito estranho. [pausa] Nós já tentámos tocar alguns desses temas mais obscuros do «Victim In Pain» na Europa e as pessoas não os conhecem, vá-se lá perceber porquê. Fica um ambiente estranho, por isso optamos por deixar essas de fora e temos mais espaço para outras canções que o público conhece.

Apesar de andarem a celebrar este marco, também têm um álbum novo pronto a ser editado. O que nos podes dizer acerca do «Get Loud!»?
Sei que sou suspeito, mas gosto mesmo muito do novo disco. Em termos musicais tem um pouco de tudo o que já fizemos e, apesar de não ter sido feito de forma consciente, acho que resulta e agrada-me muito. As canções fluem bem, apesar de termos gravado alguns temas bem thrash, outros numa toada hardcore mais tradicional e outros parecidos com o que temos feito nos últimos anos. Gosto da forma como o abordei em termos líricos; fui buscar muitas ideias ao livro que lancei em 2017 [NR: «My Riot – Agnostic Front, Grit, Guts & Glory»]. Basicamente, queria fazer um álbum que tivesse um tema, que não é algo comum no percurso dos Agnostic Front – o único outro registo que fizemos assim foi o «One Voice», que é baseado num acontecimento específico da minha vida. Queria que o «Get Loud!» também fosse assim e que reflectisse este período, em que lancei o meu livro e fizemos o filme, o «The Godfathers Of Hardcore».

Quando começaram a usar o termo hardcore para descreverem o que faziam?
Bem, não fomos nós que o inventámos – o termo já existia antes dos Agnostic Front. Eu lembro-me de ouvir programas de rádio em que se falava de hardcore, de punk hardcore. Na altura, as bandas clássicas de punk estavam a entrar num estilo new wave e o termo surgiu para separar quem fazia realmente música punk, mais real, dessa nova vaga. Com aquela gente toda a virar-se para um estilo diferente, havia muito público à procura da essência que o punk tinha quando apareceu. Segundo me lembro, o termo começou a ser usado com mais frequência a partir do momento em que os DOA lançaram o álbum. *Man*, para mim, o «Victim In Pain» continua a ser um disco punk, as pessoas é que começaram a chamar-lhe hardcore. Nós não falávamos de hardcore como um estilo, era um adjectivo que juntávamos ao punk para não nos confundirem com as bandas de new wave. Depois a palavra punk acabou por perder-se, mas... aposto que se falares com o Ian McKaye, dos Minor Threat, ele vai dizer que o que estávamos todos a fazer era punk.

Tens uma explicação para o NYHC se ter transformado num fenómeno global?
Essa é uma boa pergunta, porque não consigo pensar noutro movimento, sobretudo dos surgidos nos anos 80, que tenha tido um impacto semelhante. Hoje em dia, olho para trás e percebo que um disco como o «Victim In Pain» conseguiu unir o mundo inteiro e isso é maravilhoso. Da América do Sul à Ásia, passando por todo o continente europeu, o NYHC transformou-se num interesse comum para muita gente e esse elo de ligação não existiria se não tivéssemos feito o álbum. É de loucos! Claro, muitos outros discos foram editados nos anos seguintes e ajudaram a cimentar tudo. 1986 foi um ano especialmente bom.

Os vossos primeiros discos pareciam a banda-sonora das vossas vidas nas ruas de Nova Iorque e as pessoas têm uma ideia muito romântica dessa altura...
Não são só as outras pessoas... Eu, que estive lá, tenho muitas memórias românticas da época em que começámos. Éramos apenas um bando de miúdos de rua, *outcasts*, que se encontraram uns aos outros e, depois, tiveram a sorte de encontrar também uma paixão partilhada. Na verdade, a nossa história é um verdadeiro romance, porque fizemos todas estas coisas acontecerem e foi uma época mágica. Aquela cidade era um buraco cheio de merda... Era tudo muito cinzento e, dessa selva de betão, nasceram muitas coisas bonitas. E atenção, não estou a falar só dos Agnostic Front; toda a música e arte, criadas no meio daquela opressão, deram origem a coisas fantásticas.

"É impossível viver em Nova Iorque nos tempos que correm. Essa gente com dinheiro tirou o caroço à maçã e, consequentemente, tirou-lhe também a personalidade toda."

Essa Nova Iorque, como era nos anos 70 e 80, já não existe há umas décadas. Do que mais sentes falta desses anos no Lower East Side?
Basicamente, tenho saudades da Nova Iorque antiga. Vejo um filme como o «Taxi Driver» e essa foi a cidade em que cresci, era essa a Nova Iorque que eu amava. É óbvio que sim, havia muito crime, havia prostituição, havia droga nas ruas, mas isso dava tudo carácter à cidade. Hoje? Já nem há famílias a viver lá. A não ser que sejas rico, *top model* ou estrela de cinema, é impossível viveres em Nova Iorque nos tempos que correm. Essa gente com dinheiro tirou o caroço à maçã e, consequentemente, tirou-lhe também a personalidade toda. Quando era miúdo, era preciso ser aventureiro, e criativo, para sobreviver naquelas ruas. Esses ricaços andam aí todos orgulhosos a dizer que vivem em Hell's Kitchen... Meus amigos, tenho notícias – o sítio onde vivem já não é Hell's Kitchen, é super seguro, vocês são todos *full of shit*.

CATTLE DECAPITATION

PARASITAS HUMANOS

As alterações climáticas e o efeito catastrófico que as acções da humanidade estão a ter no planeta são assunto – finalmente! – cada vez mais na ordem do dia, mas há muito que os norte-americanos CATTLE DECAPITATION têm a solução e a propagam na sua música ultra-brutal: o extermínio completo da humanidade. «Death Atlas» é o último capítulo no percurso anti-humano da banda, e conversámos com o guitarrista Josh Elmore sobre ele.

JOSÉ CARLOS SANTOS ALEX SOLCA

Este álbum novo dispara, inesperadamente, numa série de direcções novas para a banda. Estão satisfeitos com aquilo que conseguiram atingir?

Posso dizer com absoluta certeza que a banda está totalmente satisfeita com o resultado final do disco. Tivemos vários obstáculos para ultrapassar durante a escrita, desde mudanças de formação até termos que trabalhar remotamente, e espremer mais ensaios entre digressões do que tínhamos antecipado. A música ainda é, no fundo, Cattle Decapitation, mas é sem dúvida uma junção de todas as influências e estilo pessoal que cada membro da banda traz à equação. Pode não ser óbvio para o ouvinte, mas os riffs e as partes individuais dos temas são todos muito distintivos dos gostos e estilo de tocar de cada um de nós. A verdadeira batalha passou por integrar passagens aparentemente distintas em canções coesas e memoráveis. Apesar disso, acho que o álbum resultou bem melhor do que o que esperávamos. Mas não foi fácil!

Havia alguma motivação geral que fosse comum a todos vocês durante a escrita? Algo que queriam atingir com este álbum, enquanto banda?
O consenso geral era de que queríamos levar a música numa direcção mais atmosférica, com muita *vibe* e passagens sombrias. Mantendo o peso e a velocidade rasgada que nos é característica, queríamos explorar mais elementos texturais que a que agora temos mais acesso desde que juntámos um segundo guitarrista à formação. Anteriormente tinha que tentar chegar sempre a um compromisso de escrever duas linhas de guitarra no estúdio, mas depois fazer o malabarismo de tocar um misto das duas ao vivo. Entrar para a escrita deste álbum sem esse problema libertou-me imenso para experimentar mais e explorar o uso de efeitos que reforçaram imenso a atmosfera.

Disseste há pouco tempo numa entrevista que, em relação à gravação, este foi o primeiro álbum em que tudo "clicou" no lugar certo. Imagino que mais esta experiência com o Dave Otero tenha sido a melhor até agora, portanto?
Sim, sem dúvida que isso foi uma parte importante naquilo em que o disco se tornou. O Dave está extremamente confortável connosco, já é o terceiro álbum que fazemos com ele. Ele sabe como operamos, conhece as personalidades envolvidas, sabe como tirar o melhor de cada um de nós. Pessoalmente, nunca me senti muito confortável no estúdio, mas cada gravação sucessiva com o Dave torna as coisas mais fáceis para mim. Foi um ambiente muito produtivo que tivemos, e todos nos motivámos uns aos outros sem nenhuma tensão ou fricção decorrente disso.

Há que dar o devido destaque ao Travis Ryan, que faz coisas incríveis com a voz, que nunca tínhamos ouvido antes. Este álbum foi um desafio particular para ele? E cantar estes temas ao vivo, um desafio ainda maior?
O Travis passou uma quantidade de tempo considerável a gravar as vozes desta vez.

É inevitável dar destaque à vossa temática de sempre – há muitos anos que claramente mostram os efeitos inevitáveis das acções da humanidade em relação ao nosso planeta. Agora que o assunto está no primeiro plano da discussão mundial finalmente, como é que isso vos faz sentir?
Obviamente que é um tópico que toda a gente gostaria que não estivesse em destaque no nosso discurso, e no de todas as outras pessoas. Nenhum de nós tem nenhuma satisfação numa postura do tipo "nós avisámos". As alterações climáticas são uma catástrofe, e apesar de ser bom ver mais pessoas com noção da realidade das coisas e a fazer mudanças nos seus hábitos e na sua vida, provavelmente é muito pouco, e tarde demais.

Queres falar um pouco de alguns dos temas que possam ser mais significativos para ti, em termos de conceito?
Sim, e até posso separar as canções de que mais gosto musicalmente daquelas que têm os meus conceitos favoritos. Em típico estilo Cattle, o tema «Bring Back The Plague»

"Apesar de ser bom ver mais pessoas com noção da realidade das coisas e a fazer mudanças nos seus hábitos e na sua vida, provavelmente é muito pouco, e tarde demais."

Como se pode ouvir, a *performance* dele é incrivelmente dinâmica, e usou técnicas de que já tinha falado no passado, mas só agora pôs em prática. Já tocámos até alguns destes temas ao vivo («Time's Cruel Curtain» e «One Day Closer To The End Of The World») e ele *nailed them*. Claro que vai ser um desafio para combinar todas as linhas vocais que cada vez estão mais complexas durante um concerto, com os níveis de intensidade e de entretenimento pelos quais é conhecido, mas ele é capaz disso e de muito mais.

Mencionaste há pouco as mudanças de formação – os quatro anos que distam do anterior «The Anthropocene Extinction», o maior intervalo da vossa carreira, serviram também para incorporar melhor o Olivier Pinard (baixo) e o Belisario Dimuzio (guitarra)?
Tivemos uma espécie de período de adaptação involuntário para cada um deles. O Bel começou a tocar connosco apenas como membro de palco em meados de 2016, e integrámo-lo na banda como membro a tempo inteiro na Primavera de 2018. Já contribuiu para a escrita do «Death Atlas» juntamente com o Dave [McGraw, baterista] e eu. O Oli, já conhecíamos das *tours* com os Cryptopsy, e em várias ocasiões em que nos ajudou em concertos ou festivais em que precisávamos de um baixista substituto. Ambos são músicos fantásticos, e completam-nos tanto em estúdio como ao vivo da melhor maneira.

imagina uma reincidência da peste bubónica para limpar a Terra do parasita que é a humanidade. É uma ideia amarga e cruel, mas acho que a canção a apresenta, tanto musical como vocalmente, de uma forma quase inspiracional, como se fosse um chamado às armas. Para mim, «Death Atlas», como um *statement* tanto musical como lírico, resume tudo aquilo que o álbum e a própria banda querem fazer passar. As letras na maior parte do nosso material passado e actual apontam para esse tema como um culminar da emoção e da raiva destilada de todos os nossos lançamentos. É simplesmente uma crónica do nosso desaparecimento prematuro deste planeta, resultante de actividade humana perfeitamente evitável.

Não poderia haver realmente melhor tema para fechar o disco de forma mais aterradora.
Sentimos realmente que estávamos a escrever o grande *closer* quando trabalhávamos nessa canção. Como nos últimos temas tanto do «Monolith Of Inhumanity» como do «The Anthropocene…», queríamos terminar com uma canção grandiosa e épica que contivesse todos os elementos decisivos do disco inteiro, mas ao mesmo tempo a escrita desenvolveu-se de forma orgânica e não através de uma "lista" de elementos. Tínhamos só a ideia geral de que tínhamos que criar o maior peso emocional possível, mas a forma de lá chegar não estava totalmente definida.

DEUSES DO METAL

A sua história vem já de 1993, e com «Vile Nilotic Rites», os NILE chegam ao nono álbum de originais. A LOUD! apanhou Karl Sanders, guitarrista e fundador do grupo, para uma conversa sobre este novo trabalho, mesmo no final de mais uma digressão europeía.

EMANUEL FERREIRA

JOEY MADDON

Como correu esta *tour*?
Correu muito bem. Estou já de volta a casa, na Carolina do Sul. Foi uma digressão bastante compensadora. Estivemos na estrada com os Hate Eternal, Vitriol e Omophagia. Um bom pacote de metal, um cartaz muito forte.

Desta vez não fizeram Portugal ou Espanha.
Não visitámos uma série de países europeus, nesta digressão. Norte da Europa e bloco de Leste ficaram de fora, também. Há muito para fazer quando regressarmos em 2020. No Verão vamos tentar tocar no máximo de festivais que for possível, para levar este disco ao máximo de fãs.

Foram cerca de cinco anos sem um novo disco de estúdio. Creio que foi o intervalo mais longo que fizeram, entre trabalhos.
Absolutamente, o maior. Não foi algo que me deixasse contente, mas por vezes os deuses do metal é que determinam os calendários e não nós, meros mortais.

Este é o primeiro trabalho com Brian Kingsland, o novo guitarrista e vocalista. Até que ponto ele influenciou este disco?
Penso que bastante – o Brian compôs a música de quatro dos temas e o Brad Parris, o novo baixista, trouxe riffs para vários temas também. Por tudo isto pode dizer-se que houve bastante cooperação entre nós. Mesmo o nosso baterista, o George Kollias, escreveu um tema, desta vez.

O George que continua a viver na Grécia, e gravou toda a bateria por lá, não foi?
Exacto, ele vive em Atenas. Fui até lá passar uns dez dias, enquanto fazíamos a gravação da bateria. Depois regressei para o resto das gravações e ele juntou-se a nós na fase final do disco.

Seria de esperar que ao fim de tantos anos nos Nile, o George já se tivesse mudado para os Estados Unidos.
Ele continua a viver em Atenas, e gosta. Nos dias de hoje, é relativamente fácil colaborar,

apesar da distância. Ao princípio tivemos de perceber qual seria a melhor solução e acabámos por arranjar uma que nos dá resultados bastante seguros, em termos de colaboração.

Como sempre, a temática dos Nile gira à volta da civilização egípcia, mas quando vi as letras de «Long Shadows Of Dread», comecei a pensar num tema da actualidade, o fim da civilização provocado pelo aquecimento global.
Não queria referir o aquecimento global nesse tema. Ao escrever a letra, tinha na ideia que todos nós, nos dias de hoje, temos consciência que brevemente a raça humana se vai destruir a ela própria. De uma forma ou de outra, seja através de uma guerra nuclear ou biológica, pelo excesso de população, talvez pelas mudanças climáticas, ou até porque um asteróide chocou com o nosso planeta. Quem realmente saberá como vai ser? Há muitas maneiras diferentes para acontecer. Isso fez-me pensar se, a um dado momento na civilização egípcia, teria existido essa sensação de que tudo estava a terminar, que o seu império ia acabar porque estavam a surgir novos impérios como o romano, e mais tarde o árabe. Eles terminaram com toda aquela civilização, ao ponto de hoje existirem poucas pessoas. Já nem se fala egípcio! Com a letra desta música, tento questionar se sabiam que tinham o seu destino traçado.

A cada álbum mergulhas fundo no tema do Egipto, onde procuras inspiração para continuar?
Muito deste disco resultou de uma visita que fiz no ano passado. Viajei até às pirâmides proibidas, em Abusir, perto de Saqquara. Não podes visitar o local, pois as pirâmides estão em ruínas, em risco de desabarem. Conheci alguém que podia subornar os guardas e fomos até lá, o que me proporcionou uma experiência interessante. Estar lá, rodeado de ruínas, foi desolador, mas ao mesmo tempo engrandecedor. Inspirou muitas das letras deste disco.

Estás a dizer que o disco é conceptual?
Não. Há bastante temas associados à civilização egípcia, mas não é um disco conceptual, pelo menos no sentido daquilo que são discos conceptuais como o «Dark Side Of The Moon», ou o «Sgt. Pepper's…».

Quando tiveste a ideia deste tipo de abordagem, usar referências ao antigo Egipto?
Há muito tempo atrás. Logo nos primeiros tempos dos Nile, ao decidir sobre o que deveria escrever para um grupo chamado Nile, sobre aquilo que as pessoas iram esperar de uma banda com esse nome. Já me interessava bastante pela mitologia egípcia, na altura mais ninguém estava a fazer algo parecido.

O tema «Vile Nilotic Rites» já foi executado nesta digressão. Como foi a recepção?
Melhor do que esperava. Muitas vezes o público do metal quer ouvir os temas que conhece. Por isso foi invulgar receber reacções muito fortes a material que ainda não tinham escutado. Foram três novos temas que tocámos no total, todos bem recebidos pelo público.

«Rites» tem uma frase, "*Aquilo que alguém admira, é aquilo em que se transforma*". Como interpretar isso?

"Os Nile não vivem do seu passado, mas daquilo que são hoje."

Se passas todo o teu tempo a beber, usar drogas e a dormir com prostitutas, então rapidamente te irás tornar um bêbado, drogado e dependente de prostitutas. Não quero dizer que se passares todo o teu tempo a comer comida para cão, te vás transformar num cão [risos], mas vais ser definido como aquela pessoa que come sempre comida de cão.

Pode-se ver nisso alguma censura à forma de algumas pessoas agirem?
Claro que sim. É muito simples, aquilo que passas o teu tempo a fazer, é aquilo que és. É uma velha expressão, não fui eu que a criei.

Sendo músico, contactas com muita gente que se comporta dessa forma.
Claro, o nosso meio está repleto de gente a fazer coisas estúpidas. Claro que podes fazer tudo isso com moderação, mas faças o que quiseres fazer, não te deixes levar por isso. Drogas recreativas devem ser feitas por diversão, não de forma diária.

Seria difícil lidar com alguém assim numa banda, em palco, ou num *tour bus*.
Sim, é difícil. Se tiveres alguém assim na tua banda, deves correr com ele, não interessa se é bom músico ou não.

Passam agora 25 anos sobre a edição da vossa primeira maqueta. Esperavam estar activos durante tanto tempo?
Claro que não! Na época não pensávamos muito no que seria o futuro, apenas nos preocupava o que iríamos fazer naquele momento. O futuro era algo em que nem pensávamos.

E hoje preocupam-se? Já pensaram por quanto tempo irão manter o ritmo?
É uma pergunta razoável, mas não fazemos ideia de quanto tempo ainda podemos durar. Queremos permanecer enquanto fizer sentido e enquanto conseguirmos produzir boa música e trazer algo de novo aos nossos fãs. Não há nenhuma intenção de parar por agora, ou de falar em reforma. Neste momento estamos com o melhor material de toda a nossa carreira. Agora é o nosso momento.

Na carreira de que falas, no início exploravas muito os temas longos, hoje, e neste «Vile Nilotic Rites», já recorres a temas mais curtos com mais frequência.
Temos temas de nove minutos, oito. Quando as pessoas se queixam de escrevermos temas curtos, digo para fazerem o trabalho de casa. Nos nossos discos há temas longos e temas curtos. Não é toda a música que tem de durar dez minutos. É bom ter temas de três minutos, temas de cinco minutos, oito minutos… Todos devem ser diferentes. Se cada tema que escrevesses durasse dez minutos, não só o disco seria entediante, mas também era algo estúpido.

Vais entrar agora numa digressão americana. Como está o metal hoje, nos Estados Unidos?
Já nem sei. Tenho expectativa que as pessoas apareçam nos concertos e se divirtam. Fico agradecido por isso, é o que tem verdadeiro significado para mim. Há muita porcaria à volta da música nos dias de hoje. Algo que demoraria a discutir. Apesar de tudo, hoje há novos grupos, cheios de ideias e energia, por isso já não sei como andam as coisas. Aquilo que te posso dizer, é que Nile vai fazer uma digressão muito forte, baseada no nosso novo disco.

Com os Terrorizer…
Sim, já tocámos com eles numa digressão europeia, há anos atrás. Demo-nos tão bem que falámos em levar a digressão para os Estados Unidos.

Depois disso, os festivais europeus?
Primeiro vamos até à Austrália, alguns países da Ásia e vamos fazer então os festivais europeus. Queremos fazer o máximo deles que pudermos. No Outono, novamente uma digressão europeia em clubes, seguida de outra norte-americana. Vamos estar perto de dois anos na estrada, para promover este trabalho.

Será uma boa altura, para pensar no antigo material em possíveis reedições?
Fuck no! Muita gente pede-nos esse tipo de coisas, mas não entendem que os Nile não vivem do seu passado, mas daquilo que são hoje. É o agora que nos interessa. Somos vitais hoje. É hoje que temos um novo disco. Hoje somos melhores que no passado. Não vamos olhar para o passado.

TRAVESSIA DO DESERTO

Pelas paisagens áridas de Tucson e Phoenix, no estado do Arizona, tem sido avistado nos últimos cinco anos um monstro assustador, que debita death metal ágil, podre e abrutalhado a cada passo que dá. Chama-se GATECREEPER, pelos vistos, e conseguimos chegar à fala com o humano que lhe dá a voz, o Chase H. Mason, para falar da sua última atrocidade, «Deserted».

JOSÉ CARLOS SANTOS JOEY MADDON

Que besta de disco que é este, Chase. Demoraram muito tempo a atingir o balanço certo na composição?
Tirámos um ano inteiro especificamente para escrever para o «Deserted». Desde o nosso disco anterior, o «Sonoran Deprivation», fizemos um 7" e um *split*, e todo o tempo de escrita que tínhamos pelo meio teve que ser aproveitado para este álbum novo. Felizmente o nosso processo de composição tem sido mais ou menos o mesmo desde que criámos a banda, mas temos feito alguns aperfeiçoamentos ao longo do tempo para sermos mais eficientes.

O disco soa bastante orgânico, muito natural, com aquele som quente e aqueles riffs gigantes que fluem perfeitamente. É um reflexo da maneira como trabalham?
Por acaso a maneira como trabalhamos até está longe de ser orgânica, pelo menos no sentido habitual de "juntarmo-nos na sala de ensaio e tocarmos juntos" que se costuma entender por esse termo. Todos os temas do disco começaram comigo ou com o Eric [Wagner, guitarra] a escrever riffs e a fazer *demos* no GarageBand com bateria programada. Trocamos ideias, riffs e *demos*, trabalhamos juntos para depois finalizarmos a estrutura dos temas, e nessa altura passamos as canções ao resto do pessoal. Eu e o Eric trabalhamos muito bem juntos e já percebemos o que funciona melhor para a banda e para os objectivos que temos. Boa parte disso é o nosso foco nos riffs, e ter a certeza que os arranjos permitem que os temas sejam memoráveis e prazeirosos de ouvir.

E desses objectivos, algum deles era específico para este álbum? Algo que querias atingir com o «Deserted»?
Queríamos manter-nos fiéis ao som dos Gatecreeper, ao estilo geral que já conseguimos estabelecer, mas também queríamos melhorá-lo e expandir certos elementos. Acho que um dos objectivos principais era adicionar alguma melodia aos *leads* de guitarra, para dar mais dinamismo aos temas. Não queríamos mais um disco para se perder no oceano de bandas de death metal *old school* da nossa geração, por isso tentamos sempre fazer a nossa cena e encontrar aquilo que nos é único.

Há temas que parecem piscar o olho a outras bandas de forma intencional, é mesmo esse o caso? Gostam de reconhecer as vossas influências dessa forma?
Há muitas referências específicas e muitas influências diferentes no álbum, é verdade. A «From The Ashes» tem uma influência forte dos Amon Amarth, por exemplo, e a «Ruthless» foi inspiradíssima pelos Obituary e pelos Celtic Frost. A «Everlasting» fui muito influenciada pelos Demigod, Incantation e Pyrexia, enquanto que a «Boiled Over» teve inspirações dos Bolt Thrower e dos Crowbar. Para o último tema, «Absence Of Light», pensámos muito no funeral doom ou no death/doom de bandas como Paradise Lost, Mournful Congregation ou Ahab. Não temos medo nenhum de assumir as nossas influências todas, nem de juntar os nossos estilos favoritos para criar o nosso som que achamos que é único.

E, claro, todos vocês fazem parte de outras bandas, com destaque para os Spirit Adrift, com quem há uma "promiscuidade" de nível elevado, e com quem certamente há influências partilhadas como algumas das que acabaste de referir. Todos os vossos projectos acabam também por se influenciar uns aos outros?
Há *overlaps* que acontecem inevitavelmente, mas não no sentido criativo. Tanto os Gatecreeper como os Spirit Adrift estão individualmente definidos, e são entidades completamente separadas no que diz respeito à escrita. Mas claro que, sendo nós pessoas, as coisas acabam por ter algum efeito umas nas outras. Pela minha experiência, aprender a tocar temas dos Spirit Adrift que não fui eu que escrevi, expandiu imenso a minha "caixa de ferramentas" musical, e de certeza que isso teve alguma influência no que faço nos Gatecreeper de alguma forma.

No vosso caso, também a vossa origem geográfica parece ser uma influência, pelo menos a nível lírico. Viver num lugar quente e próximo do deserto parece ser uma fonte prolífica de imagética!
Sim, as referências ao Arizona e ao clima do nosso estado já se tornaram num tema recorrente para a nossa banda num todo, sem ser no entanto temática de um álbum ou sequer de um tema em particular. Gostamos de ter essa representação, porque é de facto algo importante na definição do que nós somos. Dito isto, também não há um tema lírico geral para o novo álbum. Alguns temas podem tratar de assuntos semelhantes, mas cada um deles foi escrito como algo isolado. Tentei variar a aproximação lírica ao longo do disco, algumas são baseadas em histórias reais ou fictícias, e outras nos meus próprios sentimentos e experiências.

Achas que estes temas novos vão tornar os vossos concertos em algo ainda mais especial?
Estes temas vão, sem dúvida, elevar o nosso espectáculo de palco a outro nível. Andámos na estrada durante mais de dois anos depois do álbum anterior, e aprendemos o que funciona e o que não funciona ao vivo. Conseguimos pegar neste conhecimento e criar canções e partes de canções com isso em mente. Há mesmo um tema ou outro que foi desenhado especificamente para obter uma reacção intensa quando os tocarmos ao vivo. Por outro lado, há algumas no álbum que provavelmente nunca iremos tocar. Na próxima digressão já vamos descobrir se acertámos nisto tudo. [risos]

"Não temos medo nenhum de assumir as nossas influências todas, nem de juntar os nossos estilos favoritos para criar o nosso som."

Sinto-te muito entusiasmado com esta banda. Achas que é algo que te vai acompanhar durante muitos anos?
Acho mesmo que há um longo futuro à frente dos Gatecreeper. Não temos medo de agarrar as oportunidades que nos vão aparecendo, ou de abraçar uma base de fãs que estejam para além do público tradicional do death metal. Trabalhamos no duro e tomamos atenção a todos os detalhes da nossa música e da nossa arte, temos tido uma trajectória sempre ascendente até agora, e vamos continuar a estabelecer o nosso nome e, tudo correndo bem, ganhando mais e mais fãs à medida que avançamos. Agora que o «Deserted» está pronto, planeamos ir tocar a todo o lado a que consigamos chegar nos próximos anos e converter o máximo de pessoas que seja possível à nossa música!

DISCO DO MÊS

CATTLE DECAPITATION

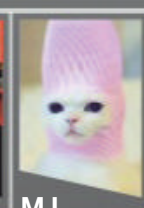
«Death Atlas»

[METAL BLADE]

Esta banda é um caso sério. De talento, de crescimento contínuo, do bom uso do seu metal extremo de extrema qualidade para alertar consciências sobre... um caso sério. Há cinco anos, quando os Cattle Decapitation lançaram «The Anthropocene Extinction», estava ainda pouco disseminado o termo antropoceno e a era que, muitos cientistas, dizem estarmos já a viver. Como acontece, a cada lançamento do grupo californiano, o estado do planeta piora mais um bocadinho; o aquecimento global faz-se sentir por força de alterações climáticas mais visíveis, devastadoras como «Death Atlas» nos surge aos ouvidos... e lá temos de voltar a dar razão aos rapazes de San Diego por não gostarem muito dos seus semelhantes que têm estragado o nosso lindo berlinde azul. Elevando a sua misantropia mais um nível, os Cattle Decapitation chegam agora a um patamar cósmico em que o homem carrega o fardo de um planeta queimado (só serve para os que têm consciência). Quanto ao universo, continuará a florescer para lá da nossa insignificância. E o que também deve florescer é a base de fãs de Travis Ryan e Josh Elmore, tal é a proficiência de mais uma obra de calibre bruto. Se o vocalista ainda nos espanta com mais um par de registos inovadores, numa *performance* de respeito, o guitarrista serve-nos uma bandeja de grudantes riffs, agora acompanhado por Belisario Dimuzio numa segunda guitarra, para que, ao vivo, nenhum grama de peso se perca. O hoje quinteto dá-nos aqui um álbum de *feel* épico com vários interlúdios e passagens melancólicas que catalisam o *power* de cada faixa rápida que se sucede, numa amálgama de death metal, black metal, grindcore, doom e *samples* industriais, num som geral já bem reconhecível como Cattle Decapitation. Suprahumano. [9] N.S.

L! RANKING

NOVEMBRO 2019

	C.N.	E.F.	J.B.	J.C.S.	J.M.R.	J.R.	 M.L.	R.A.	
MAYHEM «Daemon»	7	7	6	8,5	8,5	7	6,5	8	**7,36**
STRIGOI «Abandon All Faith»	6,5	6,5	7	9	8	8,5	5	7,5	**7,36**
CATTLE DECAPITATION «Death Atlas»	5,5	8	7	8,5	8	7	5	7	**7,21**
NILE «Vile Nilotic Rites»	6	7	9	5	7	8,5	5	8	**7,07**
MY MASTER THE SUN «1000 Ogivas De Fel Cairão Sobre Ti»	7,5	5,5	7	7	6	6,5	8	7,5	**6,79**
ANGEL WITCH «Angel Of Light»	6,5	7	8	5	6,5	6	7	6	**6,50**

AGNOSTIC FRONT

«Get Loud!»

[Nuclear Blast]

Com uma carreira longuíssima e irrepetível, os Agnostic Front são hoje uma referência incontornável no imaginário colectivo de toda uma geração que olha para o espaço urbano enquanto campo de confronto entre o "poder instituído", e o desenho de uma biografia individual capaz de uma relação livre, genuína, e imediata com o mundo. Tudo polos de grande tensão e que no contexto do quinteto nova-iorquino tem encontrado expressão num hardcore que é uma espécie de cartografia daquela zona mais contestatária do espírito do nosso tempo. São um colosso de banda, e neste 12.º longa-duração recuperam parte do universo do «Cause For Alarm» (logo a começar pela ilustração da capa), para a partir daí fazerem um auto-retrato do melhor que têm vindo a produzir há mais de trinta anos. «Get Loud!», não podendo realmente ser mais explícito quanto à urgência de um confronto frontal à luz das movimentações politicamente autoritárias que vão fazendo disparar alarmes a norte e a sul, é um disco previsível de uma banda com todo este historial. NYHC *thrashado*, é ainda assim um regresso mais tépido e menos metalizado que o anterior «The American Dream Died», mas que não deixa de oferecer um par de faixas mais ou menos a condizer com um percurso lendário, com destaque óbvio ao tema-título e a «I Remember», uma viagem pela memória pessoal atravessada pelo ruído do hardcore. [7] J.R.

BAEST

«Venenum»

[Century Media]

Depois daquela estreia certinha-mas-pouco-torta que foi o «Danse Macabre», as primeiras audições deste regresso venenoso confirmam os Baest como uma banda cheia de pedalada. A avaliar pelo percurso que têm feito desde o lançamento do primeiro álbum, é provável que sejam um dos principais arguidos nesse crime que é o desaparecimento misterioso de moedas do bolso em idas sucessivas à barraca mais próxima de cerveja. Tornaram-se realmente uma presença assídua em festivais, e se é verdade que são o tipo de banda pensada para ocupar um certo tempo de antena nesse circuito, não é por isso que deixam de despertar alguma curiosidade, justamente pelas consequências que o abuso contínuo do HM-2 em palco há-de vir a ter na composição em estúdio. «Venenum» ainda não é esse álbum, e quem o ouve às cegas não fica com a impressão de que quinteto dinamarquês tenha traduzido essa energia mais esgazeada da actuação ao vivo, no condimento secreto desta papa negra do sempre perigoso segundo disco. É verdade que não é exactamente esse tipo de exercício que move esta "besta", e se no «Danse Macabre» já havia essa sensação, agora é óbvio que a bússola criativa do quinteto está mais do lado da viagem pelo caudal canónico do death metal, e não tanto pela obliteração radioactiva desse mesmo legado. Roda melhor que o anterior, e até vale a pena assinalar uma ou outra investida pelo blackened death como é o caso do tema-título, justamente o tipo de desenvolvimento mais do que previsível mas com uma pujança que dá ares da sua graça: não terá o mesmo alcance que um *big-bang* na cabeça do Tolentino, mas não deixa de fazer a sua mossa. [7] J.R.

BASALTO

«Odor»

[Edição de autor]

Depois da popularidade alcançada com o segundo disco, era natural que o novo trabalho dos viseenses Basalto suscitasse curiosidade, e após a escuta dos quatro temas que compõem «Odor», esta verifica-se mais que justificada. O trio permanece, as faixas são menos, porque mais longas, a sequência de numeração das mesmas também se mantém. Num disco porventura mais *sabbathiano* que os anteriores, principalmente naquela guitarra da segunda metade de «XIV», a grande novidade é mesmo a voz de António Baptista. Se no anterior trabalho já se vocalizava um tema, embora sem letra definida, agora vai-se mais longe, explorando em dois temas, «XIII» e «XV», o poema «Odor» de Martim Sousa, que inspira ainda algumas frases de «XVI». É na última e mais longa faixa do disco, «XVI», com duração igual ao título, que este trabalho mais cresce e revela uma variedade rítmica que mostra a dimensão técnica do trio. [8] E.F.

BASK

«III»

[Season Of Mist]

Melodia, folk americano e um pezinho no progressivo – é assim que «III» nos chega, o terceiro álbum dos Bask. A inspiração nas lendas das apalaches é clara, não só pelo recorrer a aspectos mais tradicionais da música americana, desde a utilização do banjo até a algumas passagens nas melodias, que surpreendentemente se interligam sem grandes dificuldades com o estilo progressivo da banda – em «Noble Daughters II – The Bow» é especialmente admirável essa facilidade em encontrar um equilíbrio entre tantos estilos tão diferentes. Não há assim um riff que nos prenda, pelo que talvez seja o dedilhar quase "baronesco" que consiga captar um pouco mais a atenção do ouvinte e ajudá-lo a passar por toda a metamorfose sonora de «III». Só que para quem calha a cruzar o seu caminho com os Bask mais causalmente, a sua música acaba por ter um impacto mais fraquinho e insosso. [5] M.L.

BLACK BOMBAIM & JOÃO PAIS FILIPE

«Dragonflies With Birds And Snake»

[Lovers & Lollypops]

Segundo trabalho para os Black Bombaim este ano, desta feita numa cooperação com o percussionista João Pais Filipe, em torno de um desafio do festival Curtas Vila do Conde, com os quatro elementos a musicarem um espectáculo original em torno do filme homónimo, do realizador alemão Wolfgang Lehmann. Como banda de *jam*, este revela-se o ambiente perfeito para os Black Bombaim, que aqui se deixam conduzir pelo percussionista. Naturalmente, é a bateria que está aqui mais presente, embora no tema «Snake» o baixo assuma também muito relevo. Sobre cada exercício rítmico, a guitarra de Ricardo Miranda vai dando pinceladas e espalhando solos e apontamentos sonoros. São apenas três temas, mas como habitualmente nos Black Bombaim, todos bastante longos, resultando em mais de 40 minutos de música. Se em «Dragonflies» os tambores lhe conferem um ar tribal, quando se chega à metade final de «Snake», a repetição das frases rítmicas, já as faz soar mecanizadas, quase impregnando o disco de uma atmosfera industrial. [8] E.F.

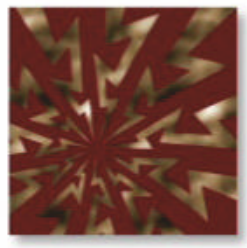
BLAME ZEUS

«Seethe»

[Rockshots]

Olhar para trás e ver o percurso feito até agora por este quinteto não deixa de nos fazer sorrir, quando ecoam as vozes de «How To Successfully Implode», um hino à resiliência, que encaixa bem no terceiro longa-duração de um colectivo que venceu dificuldades e que hoje tem edição internacional e vê o esforço reconhecido. Ainda antes de chegarmos à ritmada «Déjà Vu», focamos mais um pouco a atenção no primeiro tema, com um excelente trabalho de bateria e um solo de guitarra moderno e eficaz. Para lá da voz, a riqueza musical deste projecto está acima da média do que se encontra no hard rock nacional. Ao longo de dez temas, o grupo lança cartas, faz apostas e mostra-se mais melódico, em «The Obsession Lullaby», progressivo, como em «Bloostained Hands», ou orelhudo, como «Into The Womb», e tudo isto sem abdicar de alguma técnica de execução, ao mesmo tempo que não satura com solos escusados. No final tem-se um disco polido, bem feito, que não pretende inventar a roda, mas ser mais um passo num caminho que vai sendo seguramente construído. [8] E.F.

BÖLZER



«Lese Majesty»

[Lightning & Sons]

Os Bölzer são um caso raro na música extrema moderna, pela forma como se tornaram num nome incontornável da cena black/death europeia bem antes de terem editado o primeiro longa-duração, «Hero». Apesar das opiniões sobre o mesmo se dividirem, é indiscutível que não teve o impacto do brilhante EP, «Aura», em parte pela mudança para um registo mais limpo e épico, em parte por não terem conseguido manter a coesão das composições ao longo da duração acrescida. O novo «Lese Majesty» combina o regresso ao formato curto que tão bem dominam, como um re-equilibrar de processos entre as passagens mais brutas e as mais bombásticas. Um *win-win*, portanto. Composto por três malhas propriamente ditas e um interlúdio atmosférico, é acima de tudo uma demonstração de classe por parte do duo, como exemplificada na fantástica alternância de riffs death metal com vozes limpas à Mastodon e apontamentos melódicos em «Into The Temple Of Spears» e, sobretudo, naquele delicioso *lead* assobiado ali a meio da «A Shepherd In Wolven Skin». Pode ser que um dia consigam manter a bitola qualitativa durante um álbum a sério – afinal de contas, ainda só tentaram a brincadeira uma vez – até lá, venham mais EPs destes, que claramente são os registos que dominam como poucos, ainda por cima sem mostrarem qualquer indício de estagnação criativa, bem pelo contrário. [7.5] L.P.

CANCRO

«+»

[Edição de autor]

Projecto novo que junta Tiago Lopes, José Penacho e Fabio Jevelim, estes dois últimos membros dos Riding Pânico. "*Punk feito de 0s e 1s aos berros*", é definição que surge algures na biografia e de facto o digital é predominante neste trabalho bastante experimentalista, recheado de bons temas, excelentes letras, mas marginal ao rock e afastado do metal. Temas como «Show Do Homem» revelam uma dimensão mais extrema que ao vivo poderá

funcionar bem. «Caranguejo» pode até revelar-se, pontualmente, um ataque sónico, *rollercoaster* de ritmos. No entanto, no balanço global, o disco cresce numa margem mais electrónica e menos apelativa para o campo do rock pesado. Fica, no entanto, a vontade de os ver ao vivo e perceber se, como noutros projectos do género, em palco o som se transmuta para algo mais eléctrico e por isso apelativo a apreciadores de sons mais pesados. Nota final para as letras, inteligentes, actuais, por vezes corrosivas, caso de «Plástico», primeiro *single*, «71000 Frames» ou «Guito». [7] E.F.

CANDY
«Super-Stare»
[Relapse]

Tu que gostas de hardcore metalizado, já sabias que os Candy assinaram pela Relapse? Não, mas é uma bela notícia; já há música nova? Confere, acabaram de lançar o «Super-Stare». Ena, um sucessor digno do «Good To Feel»? Nem por isso, na verdade é só um EP curtinho, com duas malhas em pouco mais de cinco minutos, uma, a segunda, a soar a Candy clássico, portanto bruto e sem merdas, e outra bem mais longa onde se dão mais espaço àquela vaga tendência para emporcalhar composições com proto noise e o ocasional desacelerar de andamento. Isso não soa assim tão mal, Candy quer-se é directo ao assunto; mas deixaste-me com curiosidade, podes-me contar mais sobre a canção mais longa? Bem, um quarto dela é dedicada a uma introdução ominosa mas genérica, cujo riff acaba por ser recuperado e tornado mais sujo na parte mais lenta do fim da música, sendo que pelo meio lá levamos com castanhada cheia de balanço, perfeita para a malta do *two step*; ah, a voz do Zak Quiram está a soar cada vez mais horrível, o que é bom. Quando dizes horrível estás-te a referir àquele delicioso tom badalhoco adoptado por várias bandas da Youth Attack? Ahaha, que disparate; aqui soa tudo bem menos orgânico e francamente mais processado, tanto no instrumental como na voz. Ah, portanto são cinco minutos em que talvez tenham mostrado direcções criativas a eventualmente explorar num eventual próximo disco? Sim, mas não te esqueças que assinaram pela Relapse! Isso é óptimo, mas com um lançamento como o que descreveste, não se podiam simplesmente ter ficado pelo anúncio? Pois. [5] L.P.

CANNABIS CORPSE
«Nug So Vile»
[Season Of Mist]

Entre o humor, as referências bem esmiuçadas e o death metal, os Cannabis Corpse têm vindo desde 2006 a elevar a paródia a algo mais sério, mesmo que o termo sério não seja o mais indicado para descrever o grupo. É que vai ser sempre quase impossível correr um álbum de uma ponta a outra sem nos rirmos, e «Nug So Vile» não é a excepção, mas se atentarmos à musicalidade da coisa, o grupo de Land Phil mantém-se igualmente coeso: riffs gordões, com uma dosezita de alguma técnica e lírica bem verdinha infundida em *horror*. Mas para além do talento nato para a lírica humorística, não se pode viver só de piadas e a verdade é que, mesmo coeso, o instrumental não se destaca assim tanto quer da própria bagagem da banda como de outras deste género. Longe de serem aborrecidos, e sem lhes tirar o mérito devido, mas se não fosse pela temática, provavelmente esta seria apenas mais uma banda, e este apenas mais um lançamento igual a tantos outros. [5] M.L.

CAPILLA ARDIENTE
«The Siege»
[High Roller]

Cercados no vale de Santiago no Chile pelos Andes, numa cadeia de montanhas cobertas por neve e fustigadas pelo vento, os Capilla Ardiente receberam como dádiva da natureza, tão bela quanto hostil, um prolífero cenário para que «The Siege», um exercício banhado numa composição ambiciosa que evoca sentimentos de tristeza e raiva, desolação e amargura, visse a luz do dia. As músicas apresentadas são colocadas em câmara ardente de pesarosos e expansivos minutos de um disco claramente remetido para o epic doom dos Candlemass, fonte inesgotável da qual tantas outras bandas recorrentemente têm vindo beber. Na realidade este ano tem sido forte no que toca ao vá para fora cá dentro, no que a doom de melodias épicas diz respeito, com nomes como Crypt Sermon e Atlantean Kodex a fazerem parelha na modernidade com os chilenos. O trabalho de guitarras lúgubres tocadas de forma intricada e harmoniosa, a par com a voz ressonante e rude de Felipe Kunzbach, perfeitamente capaz de enfatizar momentos mais opressivos dignos de lançamentos desta estirpe, não tivera este um respeitável currículum em Deströyer 666, Nifelheim e Procession, espelham-se aqui em magnitude. Uma caminhada letárgica, prazerosa e cheia de misticismo dentro de um cerco vulcânico que encontra alguma actividade e individualidade, mas que porventura poderá não atingir proporções massificadas. [6.5] C.N.

CEREMONY
«In The Spirit World Now»
[Relapse]

Calibrar e validar mutação. Será este o lema da banda de post hardcore Ceremony? Afirmativo. A cada trabalho que lançam para o mundo a dificuldade em apontar o dedo numa direcção que caracterize a sua sonoridade vai aumentando. Distanciados do mundo agressivo de «Violence Violence», lançado há mais de uma década, e quatro anos volvidos do shoegaze de «L- Shaped Man», «In The Spirit Now» anuncia que os músicos se encontram agora num plano de vibrante espiritualidade. O powerviolence que os identificava ficou a milhas de distância num outro mundo, ou provavelmente na casa do Paco Bandeira... esqueçamos, portanto, esta tentativa de linearidade e, colocando comparações de lado, analisemos isoladamente. Os californianos giram em torno de um álbum com recortes post punk recorrendo ao uso de *synths* contemporâneos: uma celebração com uma mistura excessivamente previsível, que embora seja uma prova de maturidade, se torna por vezes vacilante. «In The Spirit Now» constrói-se ao longo de onze temas monótonos, algures entre um punk pop e o tal post punk de sintetizadores *catchy*, cortados por interlúdios poéticos de *spoken word* que vão pontuando o álbum e servindo os propósitos cantados por Ross Farrar. Provisionado de alguns momentos lúdicos

ANGEL WITCH
«Angel Of Light»
[METAL BLADE]

És um anjo bruxa, és um anjo bruxa!... A épica estreia em 1980 que influenciou toda uma geração de thrash, doom e death metal, um disco histórico daqueles de bater palminhas de incontrolável excitação a cada rodagem no mais escuso cantinho dedicado à música de peso. Uma banda que esteve presente, mais de alma do que certamente de corpo, na origem de tudo. O início de um movimento do qual faziam parte grupos, *singles* e álbuns de grande indeterminação estilística de forma amiúde lançados para a obscuridade. A par com Iron Maiden, Venom e tantos outros clássicos originais desta vida – e de outras quiçá – os Angel Witch foram uma das mais importantes bandas da NWOBHM, havendo, portanto, um certo peso e responsabilidade que se acarreta perante este estatuto. Estatuto esse que admitem orgulhosamente, e tal como não desiludiram em «As Above, So Below» que marcou com todo o mérito o regresso e a entrada neste século, continuam fiéis a um género musical e à tradição de um heavy metal *old school*. O que «Angel Of Light» traz na bagagem são apenas riffs pesados e *headbanging tunes* cheios de energia, sem se tornar necessário recorrer ao uso de guitarradas sofisticadas e histriónicas e com a voz de Heybourne ainda impecável, porém algo longe de um implacável passado. Se os anjos tivessem espírito poderíamos garantir que o deste permanece intacto. Basta-nos isso para alguma satisfação e contentamento. **[6.5]** C.N.

e impulsionados por uma graciosa e constante percussão – uma tentativa *upbeat* de bater o pé a brindar de copo na mão com os The Clash ou os Devo – infrutiferamente não incineram um álbum que pouco destaque transporta. Somente «Turn Away The Bad Things» que afunda numa lentidão alienígena – graças ao canto carismático de Chelsea Wolfe – irradia algo de mudança, sendo provavelmente o único ponto de fuga nesta perspectiva. Desta feita não há bronca na discoteca. [6] C.N.

COFFINS

«Beyond The Circular Demise»

[Relapse]

Coffins é o género de banda que não existe só (ou maioritariamente) para o álbum. Esta novidade «Beyond The Circular Demise» é "apenas" o quinto longa-duração numa discografia pejada de *splits* e EPs, ao longo de mais de duas décadas. E o que tem dado toda essa experiência e persistência aos quatro japoneses? Maturidade, sapiência e confiança. Os Coffins sabem como encarnar o verdadeiro espírito *old school* do death metal e quando metem uma pincelada mais *crusty*, não é por ser *cool*; é porque os clássicos já o faziam naturalmente. A produção é podre como a dos Autopsy, a imagética mantém a tradição *horror death* dos nipónicos e as costelas doom, sludge e até grindcore são mais que duras para apoiar uma coluna dorsal ossificada no death metal. E pesado… isto é pe-sa-do! Nada que não tenha sido feito antes, até mesmo pelos próprios, mas ouvir um registo destes em 2019 ajuda-nos a perceber onde está o trigo e o joio. [7.5] N.S.

COILGUNS

«Watchwinders»

[Hummus]

Será desta que os suíços Coilguns recebem o devido reconhecimento ao trabalho desafiante que têm vindo a desenvolver desde 2011? Os afortunados e livres de preconceitos que já se deixaram seduzir pela música deste irrequieto colectivo já saberão ao que vão com «Watchwinders», o terceiro longa-duração da banda, sucedendo a dois petardos de técnica e agressão na forma de «Millennials» e «Commuters». Ao longo de doze descargas tão cirúrgicas quanto complexas, os Coilguns continuam a ser uma carta fora de qualquer baralho estilístico, bebendo da intensidade do mathcore desconcertante de uns Daughters, ou da carga dramática e expurgadora de uns Converge, chegando mesmo à negritude selvagem de uns Trap Them ou ao peso difuso e lamacento de uns Botch. Com referências deste calibre já haveria razão para convencer o mais céptico a explorar «Watchwinders», mas os Coilguns conseguem ainda a proeza de, uma vez mais, irem além do que aqui é referencial e apresentarem uma dose extra de originalidade e uma personalidade cada vez mais vincada na diferença, na atitude e na vontade em puxar os limites os ouvintes e dos próprios músicos. [8.5] R.A.

CONSUMER

«In Computers»

[The Flenser]

Formado após a série de concertos que em 2017 cimentaram o estatuto dos Have A Nice Life enquanto objecto de culto e devoção, Consumer reúne elementos do grupo norte americano com Tim Macuga e o baixista Myke Cameron (este pertencente à constelação de músicos que tem acompanhado a banda nas actuações ao vivo) a assumirem um papel preponderante na direcção musical do projecto. Musicalmente bastante diversos daquele ponto de origem, vão ainda assim beber a fontes muito parecidas, em particular pela forma como mobilizam um conjunto de ambientes e tonalidades extraídas de um terreno musical averso a manobras de comodificação, que é uma forma um bocadinho bizarra de afirmar que são daqueles fenómenos difíceis de catalogar. No contexto deste interessantíssimo «In Computers», essa posição carrega algum peso político, justamente pela forma vincada com que o disco expressa com alguma lucidez o mal-estar contemporâneo consequente de sistemas de produção cada vez mais abstractos e autonomizados, onde a relação entre a abstração digital e a sanidade mental (em particular a colectiva) se encontra cada vez mais nebulosa. Dividido em duas partes, «In Computers» transporta a utopia do desmantelamento da sociedade de consumo, a partir de dois extremos muito diversos, mas que falam a mesma língua. Resulta melhor a primeira parte, ancorada naquilo que para o bem e para mal se pode descrever como um post rock *shoegazy* – e diga-se já que o *single* de avanço, «Massive Subsidies», foi uma das surpresas mais engraçadas do ano. A segunda, consiste numa entrada pelas texturas e sonoridades mais próximas da música ambiente, com privilégio para o *loop* enquanto elemento de composição, mas não soa a nada que músicos como Wolfgang Voigt não tenham já feito há já vinte anos atrás. [7] J.R.

DEAFKIDS

«Configuração Do Lamento – Remixes»

[Lovers & Lollypops]

Um "*remix*" é sempre uma amputação e transfiguração, um corte-e-cospe-e-cola-e-coze do som original do *mixado*, uma visão externa do misturador, o que significa qua muitas vezes o objecto misturado poderá ser algo completamente diferente do original. Discos de "*remixes*" acentuam a estranheza dos novos corpos, e soam a um programa de rádio depois da meia-noite em que vale tudo na exploração do espaço, como acontece com a Antena 2 ao fim-de-semana. Isto para dizer que esta cassete (e Bandcamp) é tudo o que acima foi referido, um belo *pot-pourri* de intenções, personalidades e resultados. Os "putos surdos" são a nova coqueluche da música pesada – da Wire à LOUD!, todos falam deles – e mereciam um disco de desconstrução, que a L&L, soube inteligentemente gerir. O som pesado do original aparece duas vezes em formato digital hardcore (graças a Scúru Fitchádu) e gabber (do Petbrick – vulgo, Iggor Cavalera), depois é má-onda ambiental usando tácticas dub (Teto Preto), glitch (Acavernus), polirritmia (Odete), breakbeat (Jr. Perila), funk-favela (Terror Funx Re-Drum) e artifícios vários oferecendo infinitas texturas que os "Surdos" conseguem fazer sem darem por isso. Ainda assim, falta é mais metalada remisturada porque o metal bem que precisa de ideias novas desde 2001. [8] Marcos Farrajota

THE DEATHTRIP

«Demon Solar Totem»

[Svart]

Os Mayhem estão de volta aos discos e saiu um álbum de black metal à antiga, cheio de riffs a tresandar

àquele registo entre o «De Mysteriis Dom Sathanas» e o «Grymyrk» dos Thorns, que tanto influenciou a cena norueguesa do início dos 90s. Curiosamente, as duas asserções não se referem ao mesmo lançamento, sendo a segunda alusiva ao «Demon Solar Temple», segundo longa-duração dos The Deathtrip, que nalguns aspectos é mais parecido ao mítico disco dos Mayhem do que tudo o que estes lançaram depois. Tendo em conta que a estreia «Deep Drone Master» tinha sido vocalizada pelo Aldrahn (Urarv, ex-Dødheimsgard e Thorns) e misturada pelo Snorre a pedido do próprio, não surpreende tanto chegarmos «Enter Spectral Realms» e levarmos com aquela monstruosidade de riff reminiscente da «Home», cortesia do fundador da banda, Host, que de alguma forma consegue (brilhantemente, diga-se) terminar a canção com o que aparenta ser uma homenagem à valsa do Nino Rota n'«O Padrinho». A maior surpresa do disco consiste no constatar que o novo vocalista da banda, nada mais nada menos que o Kvohst (Hexvessel, Grave Pleasures e ex-Dødheimsgard, entre outros), mantém não só pulmão, mas sobretudo a vontade para esta gritaria toda. Não só saca dum saudoso berreiro frio e *old school*, como o alterna com o seu característico registo limpo, e.g. a «Vintage Telepathy». Não sendo um disco inovador em 2019, «Demon Solar Totem» tem uma identidade assinalável tendo em conta o estilo pré-estabelecido em que se move, tanto que se tivesse saído nos 90s, seria hoje olhado como um semi-clássico do género. [8] L.P.

DESPISED ICON

«Purgatory»

[Nuclear Blast]

Nome grande do deathcore canadiano, os Despised Icon cedo se destacaram pela tecnicidade extra que brota de uma muralha sonora devastadora, indo beber à boa tradição de compatriotas da escola death metal de elevados padrões de complexidade onde pontificam Gorguts ou Cryptopsy. «Purgatory», o sexto álbum do sexteto, continua a fazer jus a esse legado, chegando mesmo a elevar a fasquia a outro nível ao lançar-se com maior frequência a intricados solos de guitarra, a estruturas rítmicas mais complexas e a melodias mais dissonantes. O resultado é uma portentosa descarga de 36 minutos de agressão sonora e verbal, que tem em «Light Speed», «Vies D'Anges» ou «Dead Weight» expoentes máximos no que a peso e "brutidade" diz respeito e em «Snake In The Grass» ou «Moving On» os necessários momentos mais balanceados. «Purgatory», enquanto espelho fiel daquilo que têm vindo a ser os Despised Icon, perde na originalidade e na pertinência, mas ganha de largo no poder impactante pela forma inteligente e concentrada com que debitam algum do melhor deathcore que ainda por aqui se vai ouvindo. [7] R.A.

DYSRHYTHMIA

«Terminal Threshold»

[Translation Loss]

Nova dose de talento instrumental em bruto por parte deste trio maravilha, cada vez mais maturado. Talvez por isso, este oitavo álbum soe estranhamente acessível, tratando-se os Dysthythmia das bandas mais musicalmente complexas do milénio (dentro do registo prog/tech metal, já por si, intrincado). As dissonâncias mais presentes em outros discos, dão lugar a um *picking* mais claro ao longo de «Terminal Threshold», como se os Dysthythmia fossem uma versão mais suja dos Animals As Leaders, por exemplo. Os temas estão mais curtos, o próprio álbum mal ultrapassa a meia hora de duração, um concentrado de *crazy musicianship* que não deixa de incluir múltiplas camadas de emoção, melodia, ritmo e pormenores que se vão descascando à medida que se escuta o disco uma… e mais uma vez. Kevin Hufnagel, hoje também nos Gorguts, e Colin Marston, produtor requisitadíssimo e membro dos não menos animalescos Behold The Arctopus, concebem aqui com o baterista Jeff Eber mais um festim de música difícil que facilmente atinge o objectivo de agradar aos mais exigentes. [8] N.S.

MAYHEM

«Daemon»

[CENTURY MEDIA]

Lê-se no *press release* que este é o sexto álbum dos Mayhem, e até parece que é engano. Seis, só? Como assim? Depois lá se olha para a prateleira, literalmente ou só por imagem mental, e sim, claro que sim, no meio daquilo tudo, só seis deles (já com este) é que são discos "a sério". Segundo o Necrobutcher nos conta na entrevista de capa deste mês, o «Deathcrush» e o «Wolf's Lair Abyss» também deviam ser, e só não contam como tal por preguiça de não terem escrito mais um tema para chegar a esse estatuto, mas sim, seja como for, é um número manifestamente baixo para o tempo de existência, importância e quantidade de peripécias que os Mayhem já nos proporcionaram. Demonstra bem que, por todo o cariz selvagem e incontrolável que os noruegueses continuam a manter, quando é para gravar, a responsabilidade e a noção do que é essencial está lá. E basta pensar nesta meia dúzia mágica para perceber também que não só não há dois iguais (ou parecidos, praticamente), como a bitola qualitativa está posta a um nível bem alto. Talvez o «Chimera» e o «Esoteric Warfare» estejam num patamar abaixo dos restantes, mas mesmo assim milhas acima do que qualquer banda normal alguma vez sonharia. Este «Daemon» respeita todas essas "tradições". O seu ataque geralmente directo e lancinante é quase uma reacção à complexidade (demasiado) embrenhada do «Esoteric…» anterior, a contundência de alguns temas como o «Worthless Abominations Destroyed» até dá a sensação de que estas malhas poderiam ser uma espécie de «Deathcrush» dos tempos modernos, agora tocado por uma banda que sabe efectivamente o que está a fazer com os seus instrumentos, e sim, há aqui uma passagem ou outra naquele falso *mid-tempo* sinistro que revela que este pessoal anda há dois anos a tocar o «De Mysteriis…» ao vivo e alguma coisa tinha que transbordar para a escrita. No final de contas, sem atingir níveis lendários, «Daemon» é ainda assim um dos trabalhos mais consistentes da história deste grupo mítico – nota-se, de facto, que é talvez o primeiro "*band effort*" composicional da sua existência –, recheado de malhões que prometem enriquecer os *setlists* dos próximos anos. **[8.5]** J.C.S.

FRAIL BODY

«A Brief Memoriam»

[Deathwish Inc.]

Pessoal e trágico ao ponto do desconforto, o screamo dissonante e urgente dos Frail Body não tem qualquer tipo de pejo em atirar-nos de cabeça para o turbilhão emocional que pretendem criar desde o primeiro até ao último segundo. Os 21 minutos desta espécie de álbum (quatro temas novos no lado A, mais os três temas do anterior EP «At Peace» no lado B) não dão qualquer descanso, com a voz constantemente à beira da quebra, sempre no vermelho, enquanto o instrumental entra em erupções contínuas à sua volta. Mesmo quando há, finalmente, um momento de aparente contemplação (como na parte intermédia de «Your Death Makes Me Wish Heaven Was Real»), a tensão mantém-se, e sabemos que a qualquer momento a coisa vai explodir outra vez num chavascal de lágrimas e barulho e violência. Não se imagina um álbum dos Frail Body com mais de 21 minutos a resultar tão bem com este tipo de dinâmica, por isso vai ser interessante ver para onde vão depois disto, mas para quem quer uma experiência intensa e marcante, «A Brief Memoriam» já chega e sobra. [7.5] J.C.S.

HAVE A NICE LIFE

«Sea Of Worry»

[The Flenser]

Disse recentemente um dos palermas que pululam no futebol português, depois de um episódio angustiante,

que estava "triste, mas não preocupado". Pois bem, pelo contrário, nós, fãs dos Have A Nice Life, desde 2014 que estávamos a ficar progressivamente mais tristes, e também preocupados, com a ausência de episódios angustiantes como foram o imortal «Deathconsciousness» de estreia e o seu elegante e mais refinado sucessor, «The Unnatural World». Neste caso a angústia era obviamente uma coisa boa – poucas bandas capturaram até hoje o delírio febril das emoções que o melhor shoegaze, post rock, noise e drone debitam, porque poucas ou nenhumas atingiram o equilíbrio singular de estilos da forma que o duo (com amigos a ajudar) de Connecticut conseguiu fazer. É essa emoção à flor da pele, sem ser lamechas, essa sensibilidade que não anula a contundência, que está na base do fascínio dos Have A Nice Life. E felizmente, em «Sea Of Worry», demonstram-no mais uma vez de forma cabal, tendo feito este longo tempo de espera valer a pena. O tema-título abre logo as hostilidades com uma batida gingona e uma linha de baixo viciante, e menos de um minuto depois já Dan Barrett e Tim Macuga estão a elaborar texturas de que os Slint ou os Slowdive se orgulhariam. É juntar as essas duas referências uns pozinhos de Swans, My Bloody Valentine, The Cure e uma dose sensata de Tim Hecker, e fica-se com uma ideia do que são os Have A Nice Life de hoje em dia. Que é como quem diz, este jovem «Sea Of Worry», mesmo sem os benefícios que as audições dos próximos meses vão trazer, já mais do que justifica a presença numa discografia que, apesar de ainda curta, já é ímpar em termos de qualidade. [9] J.C.S.

HAYSTACK

«The Sacrifice»

[Threeman]

Há não muito tempo publicámos um Tesourinho Pertinente acerca do segundo disco dos Haystack que, na altura, nos pareciam ter sido só uma fugaz aventura de Uffe Cederlund, dos Entombed, para explorar as suas influências mais roqueiras. O «Right At You» e o «Slave Me», que foram editados em 1996 e 1998, continuam a ser experiências muito bem sucedidas, mas maioritariamente ignoradas entre a base de fãs dos autores de «Left Hand Path». Meras notas de rodapé, portanto. Naturalmente, por esta altura já ninguém esperava que o guitarrista, que entretanto abandonou e voltou a integrar a banda sueca, voltasse a pegar num projecto marginal, que parece ter passado as últimas duas décadas em animação suspensa, mas... aqui está ele. Uns longos 21 anos depois de «Slave Me», Cederlund recuperou o trio – agora com o baixista Patrik Torngren (dos Misery Loves Co.) no lugar de Johan Blomqvist (dos Backyard Babies) – e apresenta o terceiro álbum, que parte do ponto em que nos tinha deixado em 1998. «The Sacrifice» contém dez canções de punk/noise rock, alicerçado em riffs angulares à Unsane e as melodias contagiantes dos Hüsker Dü. Pese alguma fragilidade de Uffe a nível vocal, desta vez mais evidente que em gravações anteriores, temas como «I've Seen Things», «Alone» ou «Nut» mantêm o *pedigree* impacto, materializando uma descarga de som antagónico, feito com guitarras e sem pretensões muito além de *rockar* nas horas. [7] J.M.R.

IMPLORE

«Alienated Despair»

[Century Media]

Quem já viu os Implore ao vivo sabe muito bem que não é malta para brincadeiras. Há um destilar constante de pura revolta contra o mundo e, pela terceira vez, é isso que nos é mostrado com o novo «Alienated Despair». É um autêntico furacão composto por uma mistela de crust, grind e black metal – não se perdem dois segundos para respirar um bocado e mesmo nos *breakdowns* há uma agressividade que teima em não desaparecer. Não há uma preocupação com o equilíbrio. Esqueçam isso! Tudo converge para a mesma coisa: a voz, o baixo, as guitarras, a bateria, tudo em uníssono para uma possante chapada sonora. Claro, uma chapada não é sempre agradável e a certa altura temos um pouco a sensação que é demais. Se não fossem algumas mudanças ou um pormenor aqui e ali, o que ia acabar por acontecer era não conseguirmos distinguir o início do fim, mas ao longo do álbum somos compensados com pequenos pormenores que nos permitem alguma folga, e diminuem o impacto o suficiente para sermos capazes de retirar alguma coisa deste disco. [6.5] M.L.

KARYN CRISIS' GOSPEL OF THE WITCHES

«Covenant»

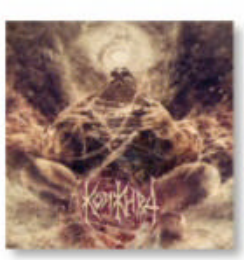
[Aural Music]

O evangelho segundo Karyn Crisis é um exercício de estilo substancialmente diferente do trabalho realizado no contexto do grupo que a colocou no mapa da música extrema dos anos 90. Distante do thrash cruzado com influências que se estendiam do death metal ao hardcore dos Crisis – um projecto já muito enterrado na memória, é preciso reconhecer –, Karyn Crisis' Gospel Of The Witches reflecte uma viragem radical na abordagem musical, acabando por se tornar num veículo onde ficam bem espelhados os interesses esotéricos da vocalista, à qual se juntam músicos como o guitarrista e principal compositor Davide Tiso (Ephel Duath) e membros dos Immolation (Ross Dolan) e Tombs (Mike Hill). «Covenant» abre com um tema que faz ecos de SUMAC, o que até acaba por ser uma referência meio deslocada num universo lírico e instrumental onde reina uma cosmologia "sobrenatural", mas que apesar disso não deixa de mostrar uma vontade em fugir do óbvio. O melhor de «Covenant», um disco atravessado por um doom telúrico, são mesmo as linhas melódicas de uma voz que a maior parte das vezes se faz manifestar com a candura de um feitiço, e na direcção da qual se orientam todos os esforços de composição. É uma presença magnética que se manifesta de forma particularmente cativante nos temas-chave «The Hours» e «Diana Maleffica». [6.5] J.R.

KONKHRA

«Alpha And The Omega»

[Hammerheart]



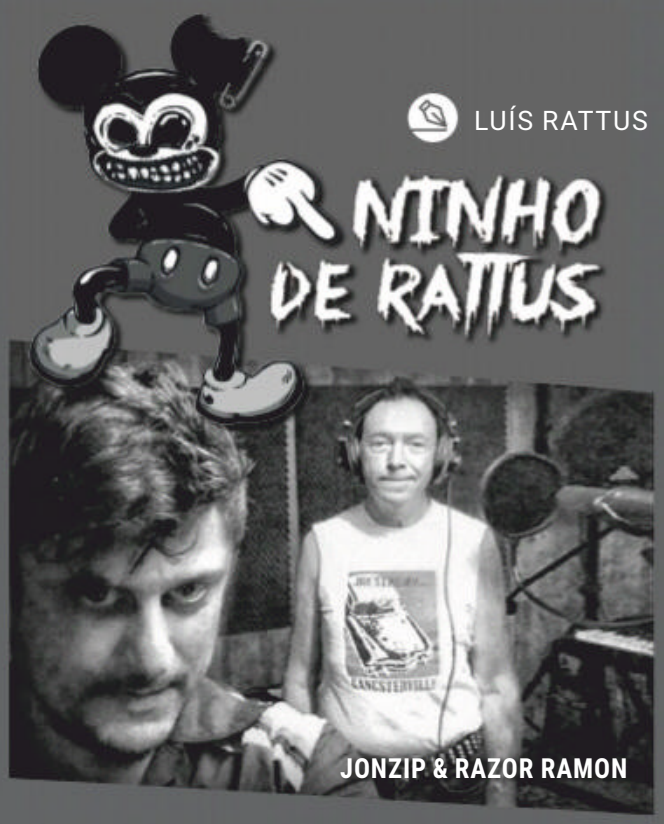
É curioso que ouvimos falar neste regresso mais ou menos na mesma altura em que os Machine Head anunciaram uma *tour* revivalista de «Burn My Eyes». E o que isso tem que ver? Chris Kontos. Foi baterista nesse álbum e em «Weed Out The Weak» dos Konkhra, que bem recordamos desses anos 90 e, se hoje o grego volta a ensaiar com Robb Flynn, já nada tem que o ligue a estes *deathsters* dinamarqueses. Nos idos *nineties*, o death metal estava em pleno e bandas como os Konkhra tinham tempo para buscar o seu bocadinho de fama, gravando e tocando regularmente. Hoje, Anders Lundemark grava de dez em dez anos, que é a distância que separa este «Alpha And The Omega» do anterior «Nothing Is Sacred». O vocalista/guitarrista consegue aqui fazer-se acompanhar de músicos com quem dividiu o grupo nos primeiros tempos e apresenta-nos um trabalho razoável com a sua característica voz grave – um registo que curiosamente é comum a outros vocalistas dinamarqueses, vide Illdisposed – e um conceito mais elaborado, com várias alusões espirituais. [6.5] N.S.

LORD MANTIS

«Universal Death Church»

[Profound Lore]

Apesar de já não fazer parte da banda quando os Lord Mantis encerraram actividades em 2017, foi em grande parte o trágico desaparecimento do baterista Bill Bumgardner que precipitou essa dissolução. Face a essas circunstâncias, não estávamos à espera que se desse um regresso, e de forma tão rápida, mas se há coisa que a banda de Chicago nunca foi, é previsível. E é um regresso muito bem vindo, diga-se. Com inúmeras ligações a outras bandas únicas e visionárias da música extrema deste século (Cobalt, Indian, Nachtmystium, Avichi, por aí fora), não é surpresa que também sempre houve nos Lord Mantis uma personalidade vincada e altamente demarcada, que felizmente se mantém, e até se amplifica, com este novo trabalho. Agora com Bryce Butler (Contrarian, Abigail Williams) na bateria, com *performance* à altura do seu malogrado antecessor, aquela torrente visceral de desprezo e miséria está mais potente que nunca em «Universal Death Church» – menos caos, talvez, composições mais maduras, mas feridas mais abertas, com um ódio cristalino a burbulhar à superfície, seja na voz ácida de Charlie Fell (ou do Dylan O'Toole dos Indian, que é mais uma vez convidado de honra) ou nos riffs animalescos de Andrew Markuszewski. Destaque para o pesadelo sonoro que é «Qliphotic Alpha»,



LUÍS RATTUS

O Brasil e em particular a região do grande São Paulo são prolíferos no que respeita a bandas oi! e streetpunk. **BRAVURE** é um dos novos nomes a reter, tendo entre mãos o seu CD *demo* de estreia, contendo quatro temas a balancear entre o oi! britânico mas pincelado com a sonoridade do punk sul-americano. O trabalho, *self-titled,* retrata liricamente o dia-a-dia de sobrevivência urbana, expressa no jogo de vozes de Tripa com o guitarrista Neno, sendo que a parelha de Lucas na secção rítmica dá o peso que marca o som do colectivo. «Tempos Nebulosos» foi o tema escolhido para o vídeo-clip com que se apresentam.

Continuando no comboio do streetpunk, uma referência para «No Borders», o *4 way split* 7" editado pela Detona Records, The Firm Records e Skin Collector. Duas bandas inglesas e duas bandas brasileiras, com uma tiragem de 300 cópias e contendo apenas temas inéditos dos respectivos grupos. No lado A do vinil, o punk *in your face* dos **DRONGOS FOR EUROPE** com «Backing Down» e o *singalong* dos **RESISTANCE 77** com «Bring The Bastards Down». No lado B, o lado canarinho, o punk rock dos **SUBALTERNOS** com «Caminhos» e o streetpunk melódico de **FIBONATTIS** com «Mídias Sociais».

De Lisboa para o Mundo, nasceu a Different Class Records, dedicada ao punk rock mais clássico com sabores a 77. O primeiro lançamento foi o EP «Truth Or Dare» de **JONZIP & RAZOR RAMON**, que juntou o britânico líder dos The Zips com o músico do Algarve num caldeirão explosivo. Três temas de punk rock 77 com destaque para o malhete «Motor Mouth» num registo muito The Clash, que é definitivamente onde Jonzip se sente mais à vontade. O segundo lançamento foi nada mais, nada menos que um EP dos americanos **THE NEWS**, juntando o *single* «She´s So Square/ The Kids Are Dancing» de 1978 com dois temas inéditos de 1979. «The Kids Are Dancing» é uma peça de luxo para amantes de powerpop e de mod revival, sendo que os americanos abraçam os temas com um *groove* contagiante, onde se sentem as influências vocais dos The Beatles e outras bandas clássicas. Na calha estão já mais lançamentos para a Different Class Records, incluindo discos de Sabotage (punk clássico de Plymouth), Foreign Legion (streetpunk UK), Das Schnitz (punk kbd de Torquay) e o EP «Will You Stand In Front Of Bullets» dos Drones de Manchester. Isto promete!

Cruzando o Atlântico até aos Estados Unidos, encontramos o fresquíssimo «God Bless The Royal Hounds», LP que saiu através da Oi! The Boat e da Contra Records, dos **THE ROYAL HOUNDS NYC**. Com membros dos 45 Adapters, The Brass e Criminal fazem uma maravilhosa fusão de oi! e rock que nos lembra nomes como Janitors ou The Beltones com uma voz áspera por vezes a soar a Motörhead.

ou para a temível negritude da «Hole» de encerramento, o último tema que ainda foi co-escrito com Bumgardner, mas todo o álbum é um poço sem fundo de mau ambiente e desesperança. Sejam bem re-vindos. [8.5] J.C.S.

MY MASTER THE SUN

«1000 Ogivas de Fel Cairão Sobre Ti»
[Ragingplanet]
Não há sombra de dúvida que os My Master The Sun têm a ponta da língua afiada, e o mesmo transparece para o instrumental. São provocadores, irreverentes e donos de uma escuridão própria – se não os conhecem, deviam! Com uma veia psicadélica bem marcada nos riffs e batidas esmagadoras, e a entoação única de Ricardo Falé, os My Master The Sun são possivelmente uma das mais singulares bandas a sair do panorama nacional ultimamente. «1000 Ogivas de Fel Cairão Sobre Ti» é um autêntico relâmpago que nos assola do início ao fim: a lírica é poética, mas não daqueles poemas bonitos que se lêem antes de deitar, mas sim aqueles que nos inquietam, que nos fazem perder a força nas pernas. É forte, é directo e é fantástico – não há elogios que lhe fiquem mal. [8] M.L.

NOVEMBERS DOOM

«Nephilim Grove»
[Prophecy]
Se há qualidade que podemos desde logo apontar aos norte-americanos Novembers Doom é a perseverança. A esta, juntem uma boa dose de lealdade a um género musical que, com mais ou menos oscilações, constitui a espinha dorsal da banda desde os seus primórdios, em 1995. Adicionem uma larga dose de talento e honestidade e vemo-nos chegados a 2019 e ao 11.º álbum de originais de uma carreira marcada pela aparente estabilidade, mesmo com algumas mudanças de editora e de formação pelo meio. «Nephilim Grove» assinala a estreia pela Prophecy, um selo com o qual a taciturnidade do death/doom que caracteriza os Novembers Doom combina na perfeição. Nada a esconder, nada de surpresas, nada de invenções, os nove temas contidos em «Nephilim Grove» são aquilo que se espera da banda de Chicago, que é como quem diz uma demonstração de talento, personalidade e entrega sob a forma de melodias lúgubres, movimentos ora lentos e arrastados, ora cavernosamente dilacerantes, e um clássico requinte que nos remete para os primórdios do género. Sem deslumbrar, «Nephilim Grove» também não compromete, assumindo-se fiel a si próprio, e fiel a uma banda que merece um voto de confiança a cada nova demonstração de sadia actividade. [7] R.A.

OAK

«Lone»
[Transcending Obscurity]
Este é daqueles discos em que não faz sentido dividir faixas, pois estas entrelaçam-se. Mesmo assim, são quatro os pedaços de música que aqui são deixados. «Sculptures», tema inicial, é minimalista desde o primeiro acorde de guitarra que ecoa. Aqui e ali, a melancolia do tema é quebrada pela bateria de Pedro Soares. «Mirror» é a natural continuidade, que evolui para uma guitarra mais densa, reforçada por guturais. A toada doom, ligeiramente sludge, prossegue em «Abomination», tema mais curto, e tudo culmina no frenético «Maze», de longe o tema mais rápido, roçando o death metal, que terminan o disco em dissonância com a linha estabelecida, fazendo no entanto jus ao título. É assim a estreia dos Oak, duo portuense com ligações aos Gaerea, que aqui lança um muito bom trabalho de estreia, esboçando um percurso que poderá ser auspicioso. Nota final para a capa, daquelas que faz ter vontade de possuir a edição de vinil. [8] E.F.

RDS-220

«Hell Is Truth Seen Too Late»
[Consouling Sounds]
Ainda maioritariamente desconhecidos da cena underground em geral, os belgas RDS-220 são um projecto novo idealizado por Matthias P. Halsberghe e Kristof J. Mondy, músicos que têm no currículo bandas de respeito como Amenra, Liar, Hive Destruction e VVOVNDS, entre outras. Dando os primeiros passos há cerca de um ano, o duo mostrou-se ao mundo com o lançamento de duas cassetes-duplas; cujo conteúdo, expandido agora pela inclusão de um inédito, surge reunido neste longa-duração de estreia para a Consouling Sounds. E o que esperar, então, de mais uma aventura sonora assinada por gente com ligações à tão elogiada Church Of Ra? Antes de mais, música de qualidade superior – neste caso, uma fusão sufocante de black metal contundente com apontamentos crust, percussão tribal, *samples* e *drones* estrategicamente localizados a espaços. Depois, ao longo do álbum, vão surgindo vozes distintas – cortesia de Jenci Vervaeke (VVOVNDS), Hans Verbeke (Liar), Dehn Sora (Throane), Bram Coussement (Hessian) e do nosso Paulo Rui, dos Redemptus e dos Besta –, que adicionam dinamismo a uma descarga imersiva que teima em não fazer prisioneiros. [7.5] J.M.R.

SARKE

«Gastwerso»
[Indie]
«Ghost War», o tema de abertura, dá-nos logo aquele Celtic Frost *feel*, uma das costelas mais sólidas de Thomas Berglie e do seu projecto a solo Sarke, que já mantém desde 2008. No entanto, este sexto álbum é mais amplo do que aquilo que nos tem habituado. Sarke continua a ser um recanto especialmente frio e cinzento do baterista dos Khold (aqui, baixista), mas em «Gastwerso», os teclados estão mais presentes e, tal como no anterior «Viige Urh», voltamos a ouvir a voz de Lena Fløitmoen, por sinal num tema em que Nocturno Culto se expressa mais num registo *spoken word* – «The Endless Wait». De resto, a prestação do vocalista dos Darkthrone é a que se subentende, um pouco mais black metal aqui, algo mais Lemmy ali («Ties Of Blood»), em mais um Sarke para ouvir numa gélida tarde de domingo, aquecida pelo já provado talento do seu mentor. [7] N.S.

SCUM LIQUOR

«Midnight Pleasures»
[Miasma Of Barbarity]
Há bandas que praticamente dispensam apresentações, e os Scum Liquor já são uma delas. «Midnight Pleasures» é o álbum de estreia da já bem conhecida banda da Brandoa, cujo inconformismo já lavrou muito palco por Portugal fora. É daquelas bandas cuja simplicidade lhes dá tudo a ganhar: qual elogiar do ego qual quê, não há espaço para floreados ou solos bonitos,

e é exactamente nisso que reside a sua singularidade. Longe de pretensiosismo e discursos manhosos, floreados ou bem-dizeres, os Scum Liquor mantêm-se fieis ao desdém e ao desinteresse por qualquer coisa que seja minimamente normativa. Quaisquer expectativas impostas por quem quer que seja são rapidamente ignoradas e qualquer um dos temas mostra isso. Para além desse inconformismo, seria inevitável que a javardeira, o álcool e a depravação não tivessem também os seus momentos – aliás, se a capa não é aviso suficiente para o que nos espera, sempre temos um excerto da entrevista a Chris Holmes (ex-W.A.S.P.) à beira da piscina, acompanhado pela mãe, em que afirma "*Yes, I'm a full blown alcoholic (…) I drink too much, because I enjoy it*". «Midnight Pleasures» é o concretizar do manifesto que os Scum Liquor têm vindo a mostrar-nos em tantas outras ocasiões, e ilustra perfeitamente a besta de banda que são. [8] M.L.

SODOM
«Out Of The Frontline Trench»
[Steamhammer/SPV]

Pouco tempo passou desde que «Partisan» viu a luz do dia, mas os Sodom decidiram lançar mais um EP antes de se dedicarem ao próximo *full-length*. Que dizer? O problema que acompanha boa parte das bandas veteranas é que continuam a querer fazer algo, a ir buscar ao "velho" e a servirem-se do legado para legitimar temas que em pouco os aproximam daquilo que outrora foram. Porém, neste novo EP há notavelmente mais dos Sodom do que no seu antecessor: se ignorarmos os *breakdowns*, a produção bonitinha e alguns momentos claramente *cliché* dos dias correntes, está lá um pequeno retorno ao passado. Claro, tudo tem um tempo, e o tempo não pára, mas é impossível não romantizar aquilo que não se viveu – só mesmo a regravação do incontornável «Agent Orange» para sossegar a sede pelo que já não é. [6] M.L.

ULFBERTH
«Process Of Clarity»
[Edição de autor]

Ulfberth é um novo nome do panorama nacional, que inclui elementos com ligações a outros projectos já conhecidos, como Burning Man, Mother Abyss, Memoirs Of A Secret Empire, Névoa e Örök. Neste «Process Of Clarity» o trio que forma a banda surge através de sete temas, directamente em disco, sem procurar criar, previamente, um nome em palco. Definem-se como navegadores por paisagens entre o post metal, sludge ou black metal, num anúncio que até nem traz surpresa, mas que desde logo remete para a memória do passado. A escuta deste trabalho leva à conclusão que «Process Of Clarity», é o passo natural que se poderia aguardar deste colectivo. Eventualmente mais *sludgy* que no seu respectivo passado, os elementos permanecem fiéis a referências já reconhecidas e acrescentam mais densidade e maturidade ao trabalho já feito, resultando num disco sólido que pede para ser executado ao vivo, ou tocado bem alto! [8] E.F.

UNE MISÈRE
«Sermon»
[Nuclear Blast]

Apresentados como "um grupo de músicos de várias bandas hardcore que, inspirados nos aspectos mais sombrios da Islândia", decidiram unir forças para criar uma nova banda, os Une Misère juntaram-se em 2016 e fizeram-se notar rapidamente com somente um par de temas e uma *mixtape*, assim como uma vitória na edição local da Wacken Metal Battle. No entanto, antes ainda, deixaram uma marca indelével no prestigiado Roadburn, com três das mais ferozes actuações da edição de 2018. Não é, por isso, estranho que, pouco mais de um ano depois, reapareçam associados ao gigante Nuclear Blast, que edita agora o longa-duração de estreia do colectivo. Em «Countdown Failure», os músicos pegam nas suas influências fortemente enraizadas no metalcore mais bruto que se fez nos anos 90, nomes como Bloodlet e Deadguy vêm à cabeça, e encharca-as de uma modernidade latente, através de arranjos cerebrais, músculo extra e até de uma sensibilidade melódica que, como acontece em «Fallen Eyes», dá um ar da sua graça. Nada apostados em ficar presos a rótulos, revelam muito dinamismo e o sentido certo de aventura, o que lhes permite irem divagando entre *blasts* e *break beats*, um *groove* demolidor e *breakdowns* impiedosos. Piscando até o olho ao nu-metal, os islandeses ultrapassam as fronteiras do óbvio e assentam como uma proposta de respeito no campeonato do novo hardcore, que tem nos Code Orange, Vein e quejandos, os seus melhores representantes. [8] J.M.R.

WILDNORTHE
«Murmur»
[Regulator/Ragingplanet]

Sucessor do EP «Awe», de 2015, este é o resultado do trabalho do duo formado por Sara Inglês, sintetizadores, voz e percussão, e Pedro Ferreira, voz, guitarra e sintetizadores. Ao vivo, reúnem-se com o baterista João Vairinhos dos LÖBO. Ao longo de nove temas, o duo cria paisagens sonoras com uma atmosfera depressiva, mecanizada e por vezes melódica, como em «Death Is Precious», graças à voz de Sara. Aqui e ali um tema soa mais ritmado, como «Sour», mas sempre com o *loop* electrónico omnipresente. Eventualmente serão demasiados zeros e uns para o fã de rock, porém este disco deixa pistas melódicas interessantes e temas como «Passage» ou «Howler» resultam bem, caindo até num espectro próximo da estética entre o goth e dark wave. Acima de tudo um disco que marca pela diferença em apostar num som pouco criado por cá, mas com fileiras de seguidores. [7] E.F.

WOLFBRIGADE
«The Enemy: Reality»
[Southern Lord]

A realidade é o inimigo. O incorrigível narcisismo do ser humano, a força motora. A besta do hardcore sueco ascende novamente ao pódio, tal como lobos ápice predadores neste ecossistema da prolífica cena escandinava, canalizando a mesma ferocidade destes majestosos animais, de forma rápida e letal. Sem piedade somos arremessados brutalmente logo ao primeiro segundo de existência de gravação, para dentro do *pit* de uma matilha de temas famintos por aniquilação, enquanto nos berram aos ouvidos em desespero, uma brutalidade distópica tão monótona e sombria quanto esta deve ser pintada. O vocabulário do d-beat é

NILE

«Vile Nilotic Rites»

[NUCLEAR BLAST]

Nile é sinónimo de death metal técnico e brutal. O argumento do repetir a mesma fórmula vezes sem conta será novamente usado, tal como a falta de originalidade, de algo que vá além do óbvio e que desperte um estímulo novo. Mas no meio de mais um turbilhão avassalador de riffs alucinantes e de toda uma aura solene que concede uma envolvência imponente às ideias de Karl Sanders, lembramo-nos que isto é Nile, uma banda que não editava nada há quatro anos, um nome de referência das últimas duas décadas e uma quase certeza de que daqui nada se espera sem um nível mínimo de qualidade assegurado à partida. E, uma vez mais, quem sabe, sabe, e quem sabe dificilmente desilude, afirmando-se «Vile Nilotic Rites» como mais uma referência a seguir, convencendo mas não surpreendendo. A verdade é que quem segue os Nile dificilmente espera surpresas, mas sim todos os ingredientes que os tornaram grandes, e que neste disco voltam a estar em evidência e em doses bem generosas, mesmo considerando que marca a estreia de um guitarrista e de um baixista. Intocável, permanece o líder Sanders, que desta vez também assume a responsabilidade da produção do disco. [8] R.A.

primitivo, para não dizer limitado e cru, mas os Wolfbrigade enfiam-nos uma lição pelas ventas, em modo certeiro, que surpreendentemente ainda é possível gravar álbuns empolgantes renovando estes mesmos elementos e gerando novas ocasiões suadas de pura nojeira. Guitarras aguçadas decoradas com os expectáveis galopantes *blast beats*, e claro está, uma dose padrão de Motörhead, intensificam a densidade sonora de algo perto de dois, três minutos contados a cada faixa de «The Enemy: Reality». A prova dos nove da expressão levada à letra de que em equipa vencedora não se mexe. [7.5] C.N.

VISIONS OF ATLANTIS
«Wanderers»
[Napalm]

Os Visions Of Atlantis são o projecto pessoal de Thomas Caser, baterista deste grupo com sede na Áustria e que é, por curiosidade, também o CEO da Napalm. Com quase vinte anos de carreira, o grupo já teve oficialmente cinco vocalistas femininas (este é o segundo disco com Clémentine Delauney) e o actual Michele Guaitoli é o quarto masculino. E quanto aos restantes músicos a rotatividade não tem sido muito diferente, por isso podemos perdoá-los quando estiveram recentemente em Vagos e disseram que era a sua primeira vez em Portugal, quando era a segunda. Quanto a este «Wanderers», é um disco emotivo de metal sinfónico melódico, onde os duetos vocais entre Clémentine e Michele assumem o papel central. A suavidade musical impera ao longo desta viagem mesmo quando a banda acelera como em «A Journey To Remember» ou «The Siren & The Sailor», faltando a este disco algum sal e pimenta para o tornar mais tragável. [6] C.G.

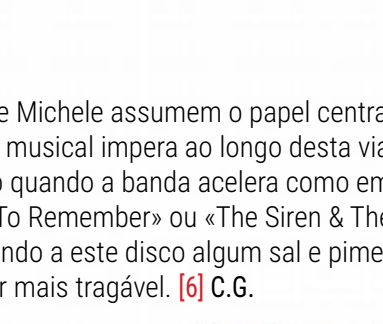
THE WRAITH
«Gloom Ballet»
[Southern Lord]

Longa-duração de estreia dos californianos The Wraith, um sexteto com tanto de nostálgico como de actual. «Gloom Ballet» reúne doze canções com forte inspiração naquilo que grupos como Fields Of The Nephilim ou Killing Joke fizeram ao longo dos anos 80, acrescentando-lhes uma atitude oriunda do punk. A edição pela mão da Southern Lord coloca-os num diálogo privilegiado com um vasto de grupo de artistas que têm procurado cartografar os limites da música extrema, e é precisamente nesse tipo de comparações que os The Wraith saem a perder. Por outro lado, são justamente o tipo de banda que entra em estúdio de regra e esquadro na mão, e que olha para a composição enquanto mecanismo de citação mais ou menos elaborado relativamente à constelação de músicos e bandas que lhes justificam a existência – ou, na melhor das hipóteses lhes servem de genuína inspiração. Não há nisso ponta de cinismo: trazer um conjunto de poses e tiques dos 80s para o meio da confusão do culto da novidade é tão legítimo quanto a *next big thing*. Depois, e como que a dizer que este «Gloom Ballet» é um disco merecedor de atenção, uma banda que tenha uma canção com um refrão orelhudo como aquele que ouvimos uma e outra vez em «Ballad Of Aeon», tem toda a razão em querer despertar interesse para o que poderão fazer a seguir. Nem pastiche, nem paródia: um bailado plúmbeo. [6] J.R.

YEAR OF THE GOAT
«Novis Orbis Terrarum Ordinis»
[Napalm]

Falando em revivalismos, há certos *clichés* que nunca são abandonados. Mas nada temam! Há boas razões para se beber do cálice do passado e os Year Of The Goat souberam dirigir estas inspirações para o sítio certo. Ao longo de nove faixas cruzamos caminhos ora com os Black Sabbath, ora com os Blue Öyster Cult, num todo de rock psicadélico, como esperávamos. «Subortus» abre o disco, com uma melodia simples na guitarra e uma entoação um tanto dramática. Nada de novo, nada de mal, mesmo que o ocultismo, as superstições e a usual atmosfera sobrenatural parecem um pouco repetidos neste género, sendo difícil destacar-se de alguma forma da grande maioria dos nomes. «Novis Orbis Terrarum Ordinis» tem melodias *catchy*, momentos interessantes mas acaba por pecar por soar um pouco "insosso", e talvez até *radio friendly* demais. [6] M.L.

STRIGOI
«Abandon All Faith»
[NUCLEAR BLAST]



Formados em 2010 para que Greg Mackintosh, dos Paradise Lost, tivesse o seu próprio *outlet* criativo para lidar com a morte do pai, os Vallenfyre foram sempre, segundo sabemos agora, um projecto com data de validade. Para a história da música extrema ficaram três álbuns de qualidade inegável lançados em oito anos – petardos carregados de distorção HM-2, que mostraram o britânico a canalizar uma agressividade que não lhe conhecíamos, explorando toda a sua paixão pelo death metal e pelo punk/crust mais sujo. Agora, findo o trajecto com os Vallenfyre, o músico pediu ajuda ao baixista Chris Casket (dos Extreme Noise Terror) e ao baterista Waltteri Vayrynen (dos Paradise Lost, que gravou as partes de bateria em estúdio), e atira-se a uma nova aventura na forma destes Strigoi. Ora bem, o novo trio não estará a milhas de distância do que fez com os Vallenfyre, mas abdica do serrote escandinavo para se focar ainda um pouco mais na vertente punk. Muito do que se ouve ao longo desta colecção de catorze temas soa a cruzamento de proto-grind à Repulsion com death à Autopsy, com os temas a adoptarem maioritariamente um *blast* primitivo. No entanto, Greg não se coíbe de mergulhar também na ocasional escuridão paquidérmica (ouça-se «Carved Into» e o tema-título, este último com uns trejeitos postpunk) que tornou os Paradise Lost famosos em primeira instância. Uma estreia muito promissora e, sobretudo, mais um registo de alto nível num currículo exemplar. [8] J.M.R.

ZONAL
«Wrecked»
[Relapse]

Há cerca de dois anos, os Techno Animal de Justin Broadrick e Kevin Martin, que desde os anos 90 haviam influenciado sobremaneira os universos do dub, electrónica, hip-hop, e industrial, encerraram de vez a actividade. Os músicos decidiram continuar a aliança enquanto Zonal, seguiram-se actuações especiais com a poeta e *rapper* Moor Mother, e surge agora o primeiro álbum do projecto, «Wrecked». Dividido em duas partes, a primeira continua a colaboração com a norte-americana, dando lugar a uma segunda meia hora instrumental. Como vem sendo apanágio da carreira dos dois músicos, não há espaço para reviver glórias passadas. Em vez disso, há um actualizar da linguagem anterior, à custa do proliferar do uso e abuso de sub-graves que o senhor Martin tanto tem desenvolvido, em paralelo com o refinar textural que o Broadrick demonstrou no «Post-Self» e do foco em andamentos arrastados que dos trabalhos mais recentes de JK Flesh. A metade com a Moor Mother é uma autêntica e bem desconfortável prenda para amantes de dub, com o lo-fi de «Catalyst», a agressividade meio drone meio rap de «Investigation», e o contagiante e confrontacional balanço vocal de «System Error». Já a segunda parte, é muito simplesmente a meia hora mais pesada que tivemos a oportunidade de escutar este ano, seja no violento industrial de «Debris» ou no hip-hop de «S.O.S.», que irá seguramente causar arrepios a qualquer fã de dälek que se prese. A tareia finda com um autêntico inferno de sub-graves, cortesia da desconcertante «Alien Within» e da desintegração total de «Outro – Stargazer». Não é fácil fazer .clipping, dälek, Death Grips, e uma boa parte do catálogo de Techno Animal soar acessível. Os Zonal fizeram-no na estreia, só para o caso de ainda haverem dúvidas em relação ao génio das pessoas envolvidas. [9.5] L.P.

Tesourinho PERTINENTE

CÁTIA NÓBREGA STEBBA ÓSK

THE NEW ORDER

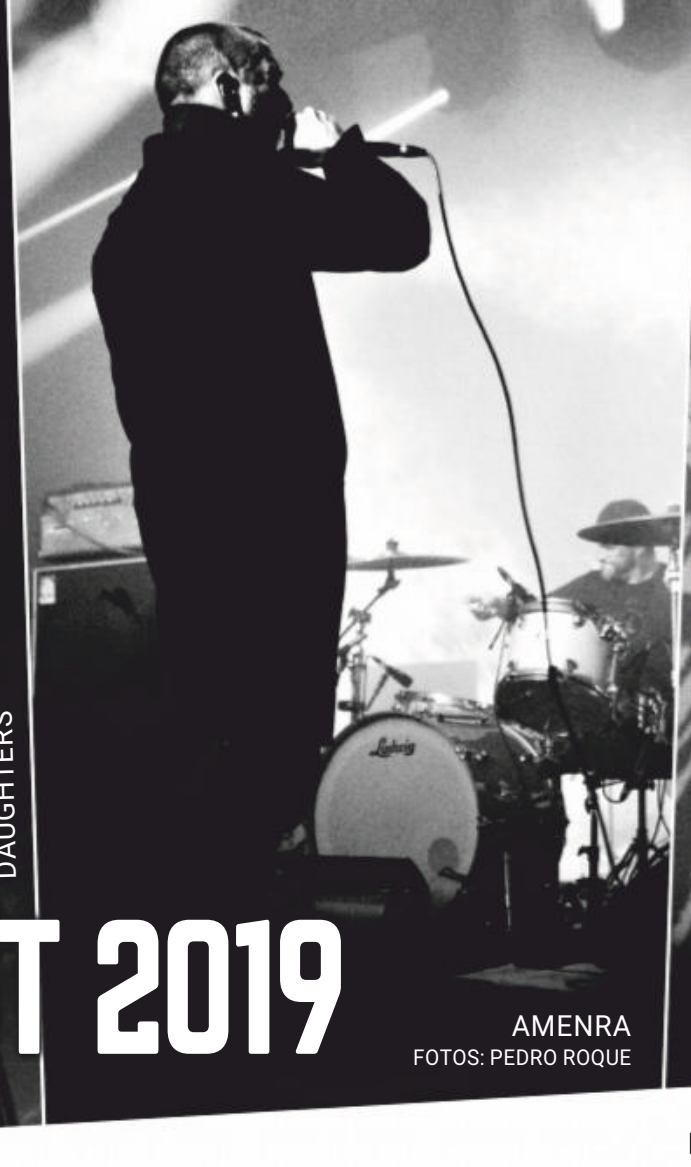
«The New Order»

[ISADORA, 1978]

Não, claramente este não é um desconhecido produto dos New Order de Manchester, os pós-Joy Division, que decidimos trazer agora à baila. Esta é uma chamada a pagar no destino do «Fun House» – segundo álbum de estúdio – inicialmente sem sucesso comercial, posteriormente de grande culto underground e o último A SÉRIO dos The Stooges. Momento coincidente com o cancelamento do contrato por parte da Elektra Records, iniciando uma lenta implosão que culminou com «Raw Power», massacrado a glam e *glitter* pela produção de David Bowie. Abrindo parêntesis, antes desta dissertação mensal de cariz exploratório, este foi sem dúvida o ponto de rotura da banda de Ann Arbor, cujo abuso de drogas e álcool ia aumentando a ritmos sónicos, passando a perna a Ron Asheton e destituindo-o do seu papel de guitarrista e compositor principal na banda para a guitarra baixo. Uma punhalada nas costas infligida ao gajo responsável por ter criado na sua adolescência o núcleo inicialmente conhecido como Psychedelic Stooges, juntamente com o seu irmão, o baterista Scott Asheton, e o vocalista James Osterberg, posteriormente famoso aqui no burgo como Iggy Pop. Naqueles que são os dois documentos mais importantes da curta existência dos The Stooges e claramente o melhor *showcase* do som da guitarra de Ron, influenciado por free jazz, garage rock, e Chicago Blues, este torna-se a mão de mestre de um estilo peculiar de *fuzz*, estruturas simples, riffs crus, satisfatórios e dos mais copiados na história do rock'n'roll. Enquanto Pop segue caminho na sua burlesca atitude em direcção ao estrelato e fechando parêntesis, o subestimado guitarrista literalmente colocado na obscuridade de uma cave continuou com a sua causa e a fazer aquilo que sabia melhor, rock'n'roll sujo, puro, duro, com o dedo do meio levantado no ar. Nós agradecemos ao universo por tal, o anti-herói é mais a nossa cena! Juntamente com o baterista Dennis "Machine Gun" Thompson (MC5), Jimmy Recca no baixo e Scott Thurston no teclado (dois ex-membros de The Stooges), fundaram uma espécie de supergrupo dos finais de 70, contando com algumas posteriores substituições de veteranos da cena proto punk de Detroit, e com os vocalistas Dave Gilbert (The Amboy Dukes) e Jeff Spry gravaram duas *demo tapes* nas quais resultou esta instantânea declaração de guerra.

Sem um pingo de *glamour*, «The New Order» é um disco que tem tanto de *coolness* e *street credit*, como de produção merdosa de qualidade lo-fi de gravação, culpa de cópias inferiores de cassetes (originárias de Ron Asheton), em detrimento das fitas *master* de originais. «Declaration Of War» foi o nome apropriadamente atribuído à reedição pela Fun Records em 1987 deste tesouro miseravelmente arrastado pelo prejuízo de uma intempérie. *"We are the rock'n'roll soldiers / Rock'n'roll will keep you alive / we never give in / it would be a sin / in a war against the jive/ in a war against the jive/ IN A WAR AGAINST THE JIVE!"* assim é «Rock'n' Roll Soldiers» um clássico e hino da inesquecível raiva de um soldado que passou pelas trincheiras, cujo momento da vindicta parece ter chegado, ao qual só ficarão indiferentes se pertencerem ao grupo sanguíneo B….de barata. Repescando aquela velha história, escusado será dizer que as portas do sucesso não estavam propriamente escancaradas à espera de receber esta imundice construída em redor de sangue, suor e lágrimas. "*This album is dedicated to the CULT*" aparece inscrito na contra-capa. Nas inúmeras teorias e tentativas de descodificar esta mensagem, cremos e queremos acreditar que a revolução, a mudança e o poder de escolha são as nossas "armas". A de Ron Asheton recaiu sobre este lugar comum pegando pelos cornos o legado com que nos deixaria. O de idolatrar o mestre e a sua obra.

DAUGHTERS



AMENRA
FOTOS: PEDRO ROQUE

EMMA RUTH RUNDLE

AMPLIFEST 2019

19.10.12-13 – Hard Club, Porto

DIA 1

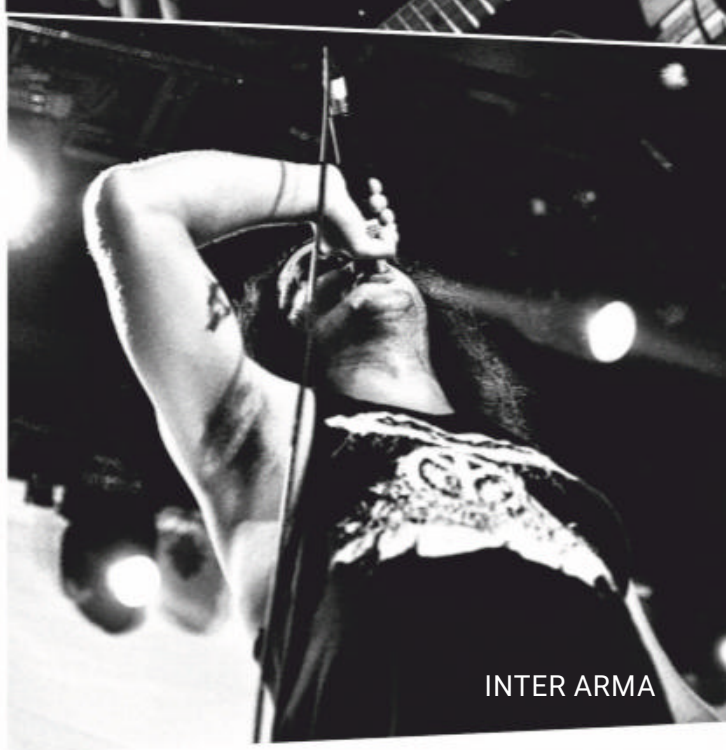
Um inequívoco sinal de sucesso e, sobretudo, de uma ascensão a um patamar que vai muito além do mero evento cultural, entrando na esfera do culto e do ritual, reside no facto de praticamente nem ser preciso anunciar um cartaz para que os bilhetes esgotem num ápice. Aconteceu com o Amplifest, regressado ao Hard Club de sempre após três anos de um penoso hiato que deixou um vazio no espectro mais alternativo e independente no que a eventos culturais realizados no nosso país diz respeito. Muito mais do que um festival, uma experiência, como o próprio evento se descreve, o Amplifest marca desde logo a diferença pela moldura humana que atrai, uma verdadeira família de devotos apreciadores de música e outras formas de arte que nos desafiam, que nos fazem sair da zona de conforto e nos enchem a alma, tendo o ritual inaugural de dois dias repletos de intensidade e momentos inesquecíveis acontecido às 16h40 de sábado numa sala 1 praticamente cheia. Recebia-se a norte-americana **Emma Ruth Rundle**, em palco apenas com a sua guitarra, a sua voz, a sua presença e uma emotividade e honestidade que contagiou uma plateia rendida a temas de «On Dark Horses», mas também de incursões ao passado mais ou menos recente. Sem sobreposição de concertos e com pausas de cerca de dez minutos entre cada espectáculo, os portugueses **Candura** assombravam pouco depois a sala 2, designada de Oitava Colina, com uma amálgama de distorção e sons sinistros e perturbadores que desafiaram o mais aventureiro dos presentes a tolerar algo que está longe de ser criado com qualquer intuito melódico ou facilmente digerível. Mudança para algo diametralmente diferente, uma constante inerente ao espírito Amplifest, e mergulhamos no screamo post hardcore dos franceses **Birds In Row**, numa actuação marcada pela intensidade, pelo frenesim nas filas da frente e pela envolvência que uma abordagem mais melancólica confere à música dos autores de «We Already Lost The World». Os canadianos **Some Become Hollow Tubes** trouxeram o experimentalismo e a ambiência planante do seu post rock para uma plateia algo reduzida por força do necessário atestamento de energias, essenciais para receber os norte-americanos **Daughters**, provavelmente o nome que maior expectativa suscitava. E a elevada expectativa foi não só justificada, como amplamente superada, tendo os autores de «You Won't Get What You Want», disco no qual se focou a actuação de uma hora, assinado uma das páginas mais memoráveis não só desta edição do Amplifest, como no conjunto de edições anteriores. A figura magnética e desconcertante de Alexis S.F. Marshall concentrou em si as atenções sem, no entanto, retirar protagonismo a um turbilhão noise rock, art rock, mathcore e similares que hipnotizou e incendiou uma sala repleta de rendidos, surpreendidos e recém convertidos a uma demonstração expurgadora e carregada de significado e entrega, com golpes na cabeça e cinturadas autoinfligidas nas costas e peito incluídas por parte de um dos mais intensos *performers* que já pisou aquele palco. Dando continuidade a uma sequência de concertos particularmente intensa, era hora de rumar à penumbra da sala 2 e ser trucidado pela maquinaria infernal de **Author & Punisher** que, sem surpreender quem já o conhece, assinou uma prestação ao mais alto nível. Igualmente repetentes por aqueles lados, os belgas **Amenra** assumiam-se como um dos nomes mais apelativos do cartaz, provando isso mesmo com a enchente que rumou ao Bürostage para presenciar uma actuação que não surpreendeu quem já havia contactado com a banda ao vivo, chegando mesmo a roçar o piloto automático em alguns momentos, embora seja sempre um ritual catártico que envolve e deixa marcas, goste-se ou não. Uma marca interessante deixaram os **Bliss Signal**, dupla liderada por James Kelly, dos irlandeses Altar Of Plagues que, munido de uma guitarra repleta de efeitos e coadjuvado por Jack Adams na electrónica, assinaram uma actuação diferente, desafiante, curiosa e com algum potencial alucinogénio. Não deixando desligar a toada electrónica que, por vezes, pareceu excessiva em Bliss Signal, com **JK Flesh**, ou seja, Justin K. Broadrick, mentor dos Godflesh, já se sabia ao que se ia e aquilo a que se assistiu a encerrar o primeiro dia de Amplifest foi um exercício algo monótono de sintetizadores, batidas electrónicas sincopadas e algum convite ao transe e ao envolvimento que o cansaço não ajudou a concretizar.

TOUCHÉ AMORÉ

DIA 2

O segundo dia tinha, a exemplo do primeiro, um dos seus nomes mais sonantes a abrir as hostilidades, cabendo aos norte-americanos **Inter Arma** a tarefa de receber uma plateia que enchia a sala 1 do Hard Club. Focando a sua actuação no poderoso «Sulphur English», revelaram-se uma autêntica máquina trituradora, na qual o poder do sludge funde-se com o peso cavernoso do death metal e um lado mais técnico e virtuoso que fez os 45 minutos de actuação pecarem por demasiado curtos. Já o mesmo não se poderá dizer dos conterrâneos **Portrayal Of Guilt** que, a braços com alguns problemas técnicos relacionados com o baixo, viram quebrar-se a necessária intensidade da sua música, embora tenham deixado alguns apontamentos interessantes. Já os **Pelican** puseram algum travão no escalar de peso e violência a que íamos assistindo e, com novo disco debaixo do braço, conduziram-nos por uma interessante viagem de cerca de uma hora ao que de melhor se faz dentro do espectro do post rock instrumental. A presença lusitana do segundo dia de evento coube aos **Gaerea**, banda associada ao black metal mas que, em abono da verdade, vai além desse subgénero e entra frequentemente por terrenos mais sombrios e ocultos, com os quais o lado algo mais cénico com que se apresentam, principalmente o vocalista, casa bem. Os **Touché Amoré** voltam a fazer o gáudio dos muitos fãs de screamo / post hardcore que marcaram presença no Amplifest a reboque deste tipo de nomes e géneros menos habituais por aqueles lados. O frenesim entre palco e plateia instalou-se praticamente do início ao fim, tornando a actuação a banda de Los Angeles numa constante celebração entre músicos e público. Os franceses **Ingrina** despertaram curiosidade com o seu post rock pesadão, revelando-se uma das principais descobertas do evento, preparando terreno para os repetentes **Deafheaven**, banda odiada e amada em proporções semelhantes que assinou uma prestação com iguais sentimentos dicotómicos. Se por um lado, musicalmente falando, estamos perante uma banda mais madura e com uma personalidade a vincar-se a cada nova canção, por outro temos o vocalista George Clarke que, numa prestação que tem tanto de exagerada como de competente, seca tudo à sua volta e nem a ventoinha capilar constantemente encharcada ajudou e remete os excelentes riffs que Kerry McCoy vai sacando para um segundo plano. Agradou, mas ficou aquém de encher as medidas a quem ansiava por um concerto realmente arrebatador após Inter Arma. Os **Nadja** não cumpriram esse papel, nem tão pouco se esperava que o fizessem, mas assinaram um daqueles momentos chave a que o Amplifest nos habituou, nos quais somos surpreendidos e assoberbados por uma viagem sónica a roçar o transcendental. Caiu bem, veio na altura certa. Já com parte do público em debandada, a banda surpresa desta edição sobe ao Bürostage, que é como quem diz os brasileiros **Deafkids**, trio que abanou a estruturas da sala portuense com o poder colossal e contagiante da sua amálgama de percussão com sabor tribal, do pragmatismo do industrial e da rudeza do punk alucinado, convidando ao êxtase colectivo e assinando um cair de pano triunfal de um evento que se quer a cada ano. Nós, fiéis seguidores, cá estamos à espera de ser surpreendidos e arrebatados. **[R.A.]**

NADJA



INTER ARMA

MÃO MORTA

19.10.11 – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

FOTO: FRANCISCO MORAIS / MUSICFEST.PT

Para os Mão Morta, tocar em Lisboa será quase como tocar na sua segunda casa, acarretando algum simbolismo pelo culto que a banda carrega na capital. A longa fila para entrar no Lisboa Ao Vivo já antevia casa cheia e mais uma noite de celebração para presenciar o lançamento do novo álbum «No Fim Era O Frio». O espectáculo foi então dividido em duas partes, começando com a interpretação integral e pela ordem do disco em questão. Um trabalho conceptual num ambiente frio, onde o aquecimento global e todas as suas consequências sugam a vida no nosso planeta, trazendo a gélida morte. Foi um início de concerto também ele num ambiente frio, com uma execução irrepreensível da banda que tocava com um fundo todo branco criando assim a aura perfeita. Foram então desfilados os onze temas do disco onde, se por um lado encontramos um retorno dos Mão Morta a alguma sonoridade do início com o seu som enamorado pelos Swans, temos também um piscar de olhos à electrónica e até um *flirt* ao prog. O público hipnotizado bebia cada nota e cada palavra. Temas como «O Mundo Não É Mais Um Lugar Seguro» ou «Sinto Tanto Frio» congelaram a sala que se aquecia apenas no discurso quente de Adolfo Luxúria Canibal. Álbum apresentado e público rendido, a banda anuncia um intervalo de quinze minutos. Muda-se o cenário para a segunda parte do espectáculo e os músicos voltam para incendiar a sala com alguns dos temas mais quentes da sua longa carreira, partindo de vez o gelo. Clássicos como «Sitiados», «Em Directo (Para A TV)», «E Se Depois» ou «Lisboa» que supostamente nem estava no alinhamento, levaram a sala completamente lotada à ebulição e à celebração do caos. No fim saímos todos com mais nódoas negras, a tresandar a fumo e cerveja derramada, mas com um largo sorriso na cara. Táxi! Casal Ventoso, se faz favor... **[L.R.]**

DEAF KIDS
FOTO: PEDRO ROQUE

DÄLEK
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

OUT.FEST 2019

19.10.03-05 – Barreiro

Quinze anos de OUT.FEST no Barreiro. Acima de tudo muita coragem para a associação OUT.RA juntamente com a Filho Único aguentarem tanto tempo um festival fora da norma. O dia de abertura começou na Igreja Paroquial de Santo André. Uma igreja de arquitectura moderna e muito "fora". Foi o espaço ideal para as propostas da primeira noite. **Gabriel Ferrandini** apresentou «Kimbo Slice», uma peça produzida para este momento com a Camerata Musical do Barreiro nas cordas e o "poeta da nova sarjeta", musico e vocalista dos Putas Bêbadas, Miguel Abrás, na voz, que, juntamente com as cordas e a batida do Gabriel, entoava por toda a igreja, o que nos proporcionou uma experiência algo "xamânica" devido à acústica do espaço. De seguida tivemos o trompetista norte americano **Peter Evans** que nos proporcionou um solo brilhante. Uma verdadeira viagem de perder o fôlego, tal a forma como o músico se entrega ao instrumento.

No segundo dia voltámos a ir à igreja. Desta vez na de Nossa Senhora do Rosário, bem no centro da cidade. Uma igreja mais tradicional para receber **Kali Malone**, que teve uma das melhores *performances* do festival. A toada começou por explorar bem o drone do órgão da igreja, num prolongar de notas mesmo nas nossas costas. A meio, deixa o órgão soar, desce para o altar, e entrega-se na maquinaria. O que experienciámos a seguir foi uma verdadeira viagem onde o noise e o drone ecoaram de uma forma singular e arrebatadora. Pausa para jantar, e de seguida passámos então para o edifício da ADAO. Começámos na "fritaria" com um concerto/instalação dos **Calhau** que não sendo bem do nosso agrado em termos sonoros, até foi interessante visualmente, pelo aparato. Os **Alpha Maid**, por seu lado, já tiveram guitarras e alguns momentos noise rock. Curioso, mas não convenceu por completo. O primeiro ponto alto da noite foi mesmo com **Ilpo Väisänen**, ex Pan Sonic. Uma verdadeira javardeira electrónica cheia de repetições e *loops*. A intensidade foi aumentando até ao final, abanando por completo o edifício e também os presentes. Mas o verdadeiro abanão veio a seguir com o reis do d-beat psicadélico, **Deafkids**. Imagens psicadélicas projectadas, ritmos com base no punk em repetição e muita jarda. Causaram mesmo o que dizem ter sido o primeiro *moshpit* do festival. Vimos corpos a voar e dançar naquela misturada entre riffalhada e tribalismo. Valeu, irmãos brasileiros! Voltando outra vez para a fritaria, mas desta vez da boa, temos os **Yeah You**, projecto que junta pai e filha numa verdadeira desconstrução sonora com uma atitude muito punk.

O segundo dia começou cedo e bem no centro do Barreiro, com concertos espalhados por quatro espaços, bem próximos entre si e com alguns choques de horários. Lá fomos então no embalo da aventura, fazendo escolhas. Começámos no edifício do Moinho Pequeno com os **Bezbog**. Uma interessante mistura de sons em *loop*, explorando o saxofone e os barulhos de uma chapa metálica. De seguida, subimos até à Biblioteca Municipal, para nos deixarmos levar pela beleza do som saído da harpa da **Angélica Salvi**. Por lá ainda ficámos mais um pouco para mergulharmos no chavascal electrónico que juntou **Keith F. Whitman**, **André Gonçalves**, **Clothilde** e **Simão Simões**. Poucas vezes vimos tanta maquinaria junta num só concerto, mesmo no centro da sala, enquanto o público fazia um círculo em redor e escutava com atenção os ruídos produzidos. Mas o inferno ainda estava para vir e foi com os **Candura** no Teatro Municipal que o segundo dia entrou em ebulição. Mostrando que são uma banda que vale a pena conjugar ao seu contexto, interpretaram uma peça essencialmente semelhante (não igual, já que isso nunca será, face às características do som do duo) à que lhes tínhamos visto há uns meses na ZDB em abertura dos Wrekmeister Harmonies, mas de impacto imensamente maior. Fumo, escuridão e um crescendo arrebatador que acabou com gente a sair mais cedo por, fisicamente, não aguentar mais, e partes do tecto do teatro a caírem-nos em cima. Dêem-lhes uma parede de *amps* como os Sunn O))) têm e vão ver o que nos acontece. A tarde acabou no Largo do Mercado 1º Maio com os **Davy Kehoe**. Uma misturada de krautrock onde a harmónica foi peça central de exploração. O grande momento foi a dança dos passarinhos a esvoaçar que proporcionou uma bela projecção natural para o concerto. Pausa para repasto e molhar a garganta e seguimos para os Penicheiros. A noite começa calma e ambiental com o **James Ferraro** escondido no meio da bruma do fumo. Foi o verdadeiro "momento Miami Vice" onde os *synths* bem 80s ecoaram. O *mood* muda radicalmente com **Nadah El Shazly**, cantora e compositora do Cairo. Foi uma *performance* daquelas que vão a todo o lado. Desde o rock até a momentos jazz. Esteve acompanhada por excelentes músicos, principalmente o baterista. Para fechar a nossa presença no OUT.FEST, talvez a principal razão que nos terá atraído lá (e a muitos outros também), os inimitáveis **dälek**. Depois de uns tempos bem passados em Portugal, onde até teve tempo para ir ver um jogo de futebol, MC dälek apresentou-se bem disposto, solto e comunicativo – mais do que o habitual –, mas sem perder a carga ácida e mordaz que é a personalidade da banda. Com Mike Manteca a enriquecer a palete sonora, as texturas riquíssimas e as batidas estrondosas rapidamente cativaram o público ao ponto do hipnotismo, e as palavras de ordem e revolta dos temas que percorreram boa parte da carreira da banda terão ficado ainda mais reforçadas nas mentes presentes. É assim que se enriquecem culturas e se mudam mentalidades – como os dälek fazem, e, já agora, como o OUT.FEST também. Parabéns! [P.R. + J.C.S.]

CANDURA
FOTO: ESTEFÂNIA SILVA

GOLD + EARTH ELECTRIC

19.09.25 – RCA Club, Lisboa

Por uma vez, uma banda de abertura inteiramente apropriada ao *headliner* do evento. Não que os Earth Electric tenham alguma semelhança sonora extraordinária com a banda holandesa, mas os paralelismos são suficientes para as tornarem deliciosamente complementares. Ambas flutuam com elegância pelos espaços vazios existentes entre as categorizações fáceis, ambas conjugam peso, emoção e *feeling* num todo coerente, e, como mera curiosidade apenas, até ambas têm um guitarrista que já fez parte de um nome grande da escuridão musical europeia – Rune Eriksen nos Mayhem e Thomas Sciarone nos The Devil's Blood, como é óbvio. Foi assim um magnífico "aquecimento" proporcionado pela banda nacional (o Rune que nos perdoe, mas já o "adoptámos"), com a Carmen Simões a proporcionar o lado mais místico e esotérico com a sua voz e presença, alicerçada nos riffs cativantes do norueguês, e numa secção rítmica do melhor que haverá por cá, com o Alexandre Ribeiro ágil e enleante no baixo e o Ricardo Martins, mesmo mais escondido para um lado do que é costume (o material dos GOLD já estava todo montado), a escavacar tudo na bateria, tornando-se num dos grandes destaques desta primeira parte. Tudo preparado para os GOLD, pese embora uma sala que, tristemente, não encheu tanto quanto deveria, e o trajecto evolutivo da banda liderada por Sciarone e pela expressiva vocalista Milena Eva continua a impressionar. Cada vez que os vemos, parece que já sofreram mais uma mutação, sempre mais fortes, sempre mais hipnóticos em palco, e armados de malhões novos que parecem impossíveis de melhorar, pelo menos até ao próximo disco desmentir isso tudo. «He Is Not», «Wide-Eyes», «Please Tell Me You're Not The Future», «Till Death Do Us Part» ou aquele que parece ser o novo hino para *encores*, «Mounting Into Bitterness», todos do último «Why Aren't You Laughing?», são colossos angulares, subtilmente melódicos mas de poder evocativo enorme, que parece que já fazem parte do alinhamento há anos, circulando à volta da peça central que continua a ser a viciante «I Do My Own Stunts». Com uma postura discreta, comunicando através de respeitosas vénias e um agradecimento pontual ou outro, Milena Eva consegue ainda assim manter-se como figura central no meio da tempestade. Com um *look* "transformável" que lhe permite assumir várias personalidades com o mínimo de esforço durante a actuação, vai libertando a sua voz enfeitiçante e veemente, qual versão melhorada de uma Anneke dos tempos modernos, fazendo passar efectivamente a forte mensagem que as suas palavras carregam. A ver se na próxima passagem por cá a sala enche, porque eles merecem. **[J.C.S.]**

GOLD
FOTO: PEDRO ROQUE

VOLBEAT + BARONESS + DANKO JONES

19.10.10 – Coliseu dos Recreios, Lisboa

Depois de na semana anterior termos assistido ao concerto desta digressão em Dublin (documentado no nosso *site*), foi a vez do Coliseu dos Recreios em Lisboa receber a data da digressão «Rewind, Replay, Rebound» dos dinamarqueses Volbeat. A começar bem cedo, Danko Jones, que apesar de ter a casa a meio gás, deu uma lição de rock'n'roll impressionante! Apesar de uma corda partida durante o tema «First Date», Danko não parou e o público foi cantando. Aliás, quem foi cedo, claramente sabia bem quem era Danko Jones e ele fez questão de agradecer a presença dos fãs. Se na Irlanda os Baroness resultaram bem, em Lisboa ficou a impressão que faltou ali qualquer coisa na actuação. Apesar de ser dia de aniversário para John Baizley, o público só parece ter acordado quando a banda tocou «Shock Me». O prato forte estava guardado para os Volbeat, já com uma sala muito bem composta, e com o som bastante poderoso, abriram as hostilidades ao som do «Pelvis On Fire». E de facto, a banda estava *on fire* durante todo o concerto. Mesmo quando faltou a luz em palco durante alguns temas, incluindo durante «Black Rose», que contou com a presença de Danko Jones na voz, os músicos não pararam e lá se fez luz novamente em «Slaytan», um tema inspirado nos Slayer. É caso para dizer: há coisas do diabo! Antes do *encore*, a excelente «Last Day Under The Sun», do mais recente trabalho. Para a recta final estavam então guardados quatro temas, incluindo «Leviathan», também do novo disco, e ainda o inevitável «Still Counting» mesmo a terminar. Este foi o primeiro concerto dos Volbeat como cabeças-de-cartaz em Portugal, depois da primeira passagem da banda em Maio de 2010 como convidados dos Metallica. **[J.B.]**

VOLBEAT
FOTO: PEDRO ROQUE

AGENDA

POWERED BY WONDERWORKER DENIM LABORATORY — RESEARCH & DEVELOPMENT —

11.09 – ABORTED + ENTOMBED A.D.

NOVEMBRO

02 – **Corpus Christii** / **Valafar** [Ing] / **Biolence** / **Dharma** / **Wicked** / **Phreneticis** / **Basalto** / **Skinning** / **Destroyers Of All** / **Congruity** / **Basement Torture Killings** – Pavilhão Multiusos, Malveira ***Oeste Underground Fest IV***
02 – **The Danse Society** [Ing] / **Wildnorthe** – Sabotage Club, Lisboa
04 – **Cancer Spreading** [Ita] / **Carnage** – Disgraça, Lisboa
04 – **Moonspell** / **Rotting Christ** [Gre] – Hard Club, Porto
05 – **Moonspell** / **Rotting Christ** [Gre] – Capitólio, Lisboa
06-09 – **Infungus** / **Lebre Frita** / **Tsunamiz** / **Naked Monks** / **Two Pirates And A Dead Ship** / **777Negative111** / **It Was The Elf** / **Soul Of Anubis** / **Monkey Flag** / **Stones Of Babylon** / **Verbian** / **Desert Smoke** / **Sopas De Chavalo Cansado** / **Orangotango** – Cine Incrível, Almada ***Sunburst Stoner Fest***
08 – **Mata-Ratos** – Pátio do Sol, Oeiras
08 – L! **NO JOY (José Carlos Santos + Pedro Roque) DJ Set** – Locomotiva, Barreiro ***LOUD! Sessions***
09 – **Aborted** [Bel] / **Entombed A.D.** [Sué] / **Baest** [Din] – LAV – Lisboa ao Vivo, Lisboa
09 – **Necrowretch** [Fra] / **Skelethal** [Fra] / **Vectis** / **Nihility** – Metalpoint, Porto
09 – **Blame Zeus** / **Sugiru** / **Secret Chord** – Hard Club, Porto
09 – **Godspeed You! Black Emperor** [E.U.A.] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
09 – **Ramp** / **Simbiose** / **Diabolical Mental State** / **Medo** / **Shivers** / **Mercic** / **Suspeitos do Costume** / **ThrashWall** – Mimosa, Alvalade, Santiago do Cacém ***Alvalade Arise 2019***
09 – **Bizarra Locomotiva** / **Pântano** / **DJ Nelson Santos** – Pernes, Santarém ***Rock da Velha***
09 – **Acesso De Raiva** / **Zurrapa** / **Dalai Lume** – A.D.A.C., Charneca – Pombal ***Punkadaria***
10 – **Godspeed You! Black Emperor** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
15 – **CineMuerte** – Cine Incrível, Almada
15 – **Juseph** / **Ulfberth** – Ferro Bar, Porto
16 – **Blame Zeus** / **The Fuzz Dogs** / **CineMuerte** – RCA Club, Lisboa
16 – **Speedemon** – Rrusstyk Bar, Olhao
16 – **My Master The Sun** / **Asimov** – Sabotage Club, Lisboa
17 – **Moor Mother** [E.U.A.] / **Menino Da Mãe** – ZDB, Lisboa
20 – **Brainstorm** [Ale] / **Sinheresy** [Ita] / **Glasya** – RCA Club, Lisboa
21 – **Son Of Cain** / **Omega Sun** [Esl] – Sabotage Club, Lisboa
22 – **Son Of Cain** / **Omega Sun** [Esl] – Rockstar Bar, Braga
22 – **Inner Blast** / **Hourswill** / **Revenge Of The Fallen** – RCA Club, Lisboa
23 – **Alcoholocaust** / **Midnight Priest** / **Ravensire** / **Toxik Attack** – RCA Club, Lisboa
23 – **Thörne** / **Oak** / **Ulfberth** – Texas Bar, Leiria
23 – **Dallian** / **Sotz'** / **Oppidum Mortuum** / **Adamastor** – Metalpoint, Porto
23 – **Black Bombaim & João Pais Filipe** – ZDB, Lisboa
24 – L! **L!sta de Compras LOUD!** – Fnac Chiado, Lisboa 17h
24 – **Son Of Cain** / **Omega Sun** [Esl] – Velha Guarda Bar, Viseu
27 – **Crystal Viper** [Pol] / **Kilmara** [Esp] / **Speedemon** – RCA Club, Lisboa
29-01/12 – **Madball** [E.U.A.] / **Carnívore A.D.** [E.U.A.] / (…) – Sala Tejo, Lisboa ***Lisbon Tattoo Rock Fest***
30 – **Being As An Ocean** [E.U.A.] / **Novelists** [Fra] / **Dream State** [Gal] – Estúdio Time Out Lisboa, Lisboa
30 – **Poets Of The Fall** [Fin] / (…) – RCA Club, Lisboa
30 – **Agathocles** [Bel] / **R.D.B.** / **Undersave** / **Systemik Viølence** / **Acromaníacos** – Motoclube do Oriente (Tribo Motard), São João da Talha ***Hammer Smashed Fest***
30 – **D-A-D** [Din] – Capitólio, Lisboa
30 – **Blame Zeus** – ARCM, Faro
30 – **Gaerea** / **Destroyers Of All** / **Grog** – DRAC, Caldas da Rainha

DEZEMBRO

01 – **Max & Igor Cavalera** [Bra] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa ***Return Beneath Arise***
01 – **My Enchantment** – Theatro Club, Cacém
04 – **Vulcano** (Bra) / **Filii Nigrantium Infernalium** / **Scum Liquor** – RCA Club, Lisboa
05 – **Vulcano** (Bra) / **Alcoholocaust** – Metalpoint, Porto
06 – **Alter Bridge** [E.U.A.] / **Shinedown** [E.U.A.] / **The Raven Age** [Ing] – Altice Arena – Sala Tejo, Lisboa
06-08 – **Paradise Lost** [Ing] / **Alcest** [Fra] / **Solstice** [Ing] / **Disillusion** [Ale] / **Daylight Dies** [E.U.A.] / **Heavenwood** / **Outshine** [Sué] / **Total Death** [Ecu] / **Consecration** [Ing] / **Darkher** [Ing] / **Petrichor** / **Ardours** / **Pântano** / **Wells Valley** / **Dogma** / **Nighttime Birds** / **Wildnorthe** – RCA Club / Lisboa Ao Vivo, Lisboa – ***Under The Doom Festival***
07 – **Prayers Of Sanity** / **Vortex Core** / **Hourswill** / **Speedemon** / **Beyond Carnage** / **Dogma** / **RataXXX** – Sede UDCA, À-dos-Loucos, Vila Franca de Xira ***Massacre Metal Fest***
08 – **Bruce Dickinson** [Ing] – Aula Magna, Lisboa ***One-Man Speaking Show***
08 – **In Obscurity Revealed** [Mex] / (…) – Metalpoint, Porto
10 – **Ghost** [Sue] / **All Them Witches** [E.U.A.] / **Tribulation** [Sue] – Altice Arena – Sala Tejo, Lisboa
11 – **Nitzer Ebb** [Ing] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
12 – **Nitzer Ebb** [Ing] – Hard Club, Porto
13 – **Sunflowers** / **Killimanjaro** / **Scúru Fitchádu** – Sabotage, Lisboa ***Super Sónica***
14 – **Trinta & Um** / (…) – RCA Club, Lisboa ***20 anos de «O Cavalo Mata»***
14 – **New Mecanica** / **Empty V** / **All Against** – ADAO, Barreiro
15 – **Atilla** [E.U.A.] / **Veil Of Maya** [E.U.A.] / **Sylar** [E.U.A.] / **Ho Chi Minh** – Hard Club, Porto
16 – **Atilla** [E.U.A.] / **Veil Of Maya** [E.U.A.] / **Sylar** [E.U.A.] / **Ho Chi Minh** – RCA Club, Lisboa
18 – **Black Wizards** – Café-Concerto, Teatro de Vila Real, Vila Real
21 – **Dokuga** / **Grindead** / **Holocausto Canibal** / **Maxila** – Hard Club, Porto
28 – **Decayed** / **Atlas Pain** [Ita] / **Cavemaster** / **Dawn Of Ruin** / **EnChanTya** / **Nematomorphos** / **Synlakross** [Esp] – Milagre Metaleiro – Associação Cultural, Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul ***Assembleia do Metal***

11.30 POETS OF THE FALL

12.01 – MAX & IGOR CAVALERA

JANEIRO

08 – **Anti-Flag** [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
11 – **Praying Mantis** [Ing] / **Ancient** [Nor] / **Xentrix** [Ing] / **Blitzkrieg** [Ing] / **Blood** [Ale] / **Sacred Sin** / **Iron Void** [Ing] / **Dark Embrace** [Esp] / **Infraktor** / **Karbonsoul** / **Godark** – Associação Cultural de Santo André, Mangualde ***Mangualde HardMetalFest***
11 – **R.A.I.V.A.** / **Hourswill** / **Uivo Bastardo** / (…) – RCA Club, Lisboa ***Seventeen – aniversário Ethereal Sound Works***
17 – **Malevolent Creation** [E.U.A.] / **Spasm** [R.Che] / **Unfathomable Ruination** [Ing] / **Holocausto Canibal** / **Cytotoxin** [Ale] / **Rectal Smegma** [Hol] / **Nashgul** [Esp] / **Serrabulho** / **Acranius** [Ale] / **Analepsy** / **R.D.B.** / **Kadaverficker** [Ale] / **Twitch Of The Dead Nerve** [Ing] / **Party Cannon** [Ing] / **Bleeding Display** / **MDMA** [Esp] / **ByoNoiseGenerator** [Rus] / **Disturbance Project** [Esp] / **Diaroe** [Ale] / **Cronaxia** – RCA Club, Lisboa ***XXXapada na Tromba Festival 2020***

FEVEREIRO

01 – **Explosions In The Sky** [E.U.A.] – Aula Magna, Lisboa
08 – **Gaerea** / **CineMuerte** / **Soul Of Anubis** / **Juseph** / **Sollust** – Asdreq Quintela, Viseu ***II Doomed Fest***
15 – **Pyogenesis** [Ale] / **Basalto** – Metalpoint, Porto

MARÇO

07 – **Tarja** [Fin] – Sala Tejo, Lisboa
11 – **Anathema** [Ing] – Capitólio, Lisboa
18 – **Russian Circles** [E.U.A.] / **Torche** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
28 – **Myrath** [Tun] / **Eleine** [Sue] – RCA Club, Lisboa
28 – **Myrath** [Tun] / **Eleine** [Sue] – Hard Club, Porto

ABRIL

24/25 – **Okkultist** / **Attick Demons** / **Dollar Llama** / **Invoke** / **Beyond Strength** / **Durrhast** / **Blackallica** / **Abaixo Cu Sistema** – RCA Club, Lisboa ***Power Stage Fest***
29-02/05 – **Autopsy** [E.U.A.] / **Mgła** [Pol] / **Morbid Saint** [E.U.A.] / **Gutalax** [R.Che] / **GOROD** [Fra] / **Horna** [Fin] / **Birdflesh** [Sue] / **Putrid Pile** [E.U.A.] / **Vulture** [Ale] / **Deranged** [Sue] / **Grave Desecrator** [Bra] / **Midnight Priest** / **Gaerea** / **Equaleft** / **Extirpation** [Ita] / (…) – Barroselas, ***SWR – Barroselas Metalfest***

MAIO

09 – **Conception** [Nor] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
10 – **Swans** [E.U.A.] – Hard Club, Porto

JULHO

02/03 – **System Of A Down** [E.U.A.] / **Korn** [E.U.A.] / **Bring Me The Horizon** [Ing] – Estádio Nacional, Lisboa ***VOA – Heavy Rock Festival***
30-01/08 – **Testament** [E.U.A.] / **Asphyx** [Hol] / **Harakiri For The Sky** [Aus] / **Trollfest** [Nor] / (…) – Quinta do Ega, Vagos ***VAGOS METAL FEST***

PRÓXIMA LOUD! **#225**

SWANS BLIND GUARDIAN
AVATARIUM BLOOD INCANTATION
STRIGOI LEPROUS

AMAZING events APRESENTA

Hell Over Europe III

ENTOMBED A.D.

BORN BAD

RCA CLUB | 8 NOVEMBRO

THE GODFATHERS OF HARDCORE

AGNOSTIC FRONT

CELEBRATING 35 YEARS OF VICTIM IN PAIN

21 DE NOVEMBRO | RCA CLUB

CONVIDADOS

NOVELISTS

DREAM STATE

being as an ocean

30.11.19

ESTÚDIO TIME OUT

30 31 JULHO 01 AGOSTO 2020 QUINTA DO EGA VAGOS PORTUGAL

VAGOS METAL FEST

PASSE 3 DIAS
ATÉ 25/12/2019

80€

APENAS 1000 BILHETES

TESTAMENT

+ HARAKIRI + FOR THE SKY

Asphyx

Trollfest

BILHETES EM BOL.PT E PONTOS DE VENDA HABITUAIS

SEGUE-NOS NO FACEBOOK E INSTAGRAM @AMAZINGEVENTS.PT

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel: +49 (0) 7162 92 80 25 - Fax: +49 (0) 7162 24 954 - email: mailorder@nuclearblast.de

company records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!